



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA

JOSENILTO RODRIGUES BARBOSA

**ALMANAQUE COMO PATRIMÔNIO AFETIVO: COLECIONISMO E
AUTOBIOGRAFIA EM SANTA INÊS, BAHIA**

Salvador,
2022

JOSENILTO RODRIGUES BARBOSA

**ALMANAQUE COMO PATRIMÔNIO AFETIVO: COLECIONISMO E
AUTOBIOGRAFIA EM SANTA INÊS, BAHIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Museologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Museologia.

Orientador: Prof. Dr. Clovis Carvalho Britto

Salvador,

2022

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B238 Barbosa, Josenilto Rodrigues,
 Almanaque como patrimônio afetivo: colecionismo e Autobiografia em Santa Inês,
Bahia / Josenilto Rodrigues Barbosa. – 2022.
 151 f.: il.

Orientador: Prof^o. Dr^o. Clovis Carvalho Britto

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2022.

1. Museologia - Brasil. 2. Patrimônio cultural –Santa Inês (BA).3. Autobiografia.
4. Almanques - 1980 a 1990. I. Britto, Clovis Carvalho, II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDD: 069

JOSENILTO RODRIGUES BARBOSA

**ALMANAQUE COMO PATRIMÔNIO AFETIVO: COLECIONISMO E
AUTOBIOGRAFIA EM SANTA INÊS, BAHIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Museologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Museologia.

Salvador, 18 de novembro de 2022.

Banca examinadora:

Clovis Carvalho Britto – Orientador _____
Doutor em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Portugal
Universidade de Brasília/Universidade Federal da Bahia

Ana Lúcia de Abreu Gomes – Examinadora externa _____
Doutora em História pela Universidade de Brasília, Brasil
Universidade de Brasília

Joseania Miranda Freitas – Examinadora interna _____
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia, Brasil.
Universidade Federal da Bahia

Deborah Silva Santos – Suplente _____
Doutora em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Portugal
Universidade de Brasília

Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha – Suplente _____
Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.
Universidade Federal da Bahia



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA
PPGMUSEU - UFBA
Estrada de São Lázaro, 197, Federação, Salvador/Bahia
CEP 40.210-730 Tel. (71) 3283-6445
ppgmuseu@ufba.br

PPGMUSEU

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Às 14:00 horas do dia 18 (dezoito) de novembro de 2022, em sessão pública realizada remotamente na Plataforma Teams, deu-se início a apresentação, defesa e julgamento da dissertação realizada pelo mestrando **Josenildo Rodrigues Barbosa**, aluno da Linha de Pesquisa 1 do Mestrado em Museologia – PPGMuseu, desta Universidade. O trabalho, intitulado: “*Almanaque como patrimônio afetivo: colecionismo e autobiografia em Santa Inês – Bahia*” foi avaliado pela banca composta pelo professor Dr. Clovis Carvalho Britto – (PPGMUSEU/UFBA-UnB - Presidente), pela professora Dra. Ana Lúcia de Abreu Gomes – (UnB – 1ª Examinadora) e pela professora Dra. Joseania Miranda Freitas – (PPGMUSEU/UFBA - 2ª Examinadora). Após a abertura dos trabalhos, o mestrando deu início a apresentação, tendo trinta minutos para a sua explanação. Em seguida, foram iniciadas as arguições dos membros da banca, em tempo estipulado de vinte minutos para cada um, com o mesmo tempo destinado para as respostas do mestrando. Após esta etapa da sessão, a banca reuniu-se em separado para deliberar sobre o resultado da avaliação, divulgando, em seguida, a sua deliberação para o mestrando e público presente, indicando a **Aprovação** do mestrando. Ao final da sessão, foi lavrada esta ata, que após leitura, será assinada pelo mestrando e pelos membros da banca e demais presentes. Salvador, 18 de novembro de 2022.

Assinaturas:

Clovis Carvalho Britto

Dr. Clovis Carvalho Britto
(PPGMUSEU/UFBA-UnB – orientador)

Ana Lúcia de Abreu Gomes
Drª. Ana Lúcia de Abreu Gomes
(UnB – 1ª Examinadora)

Joseania Miranda Freitas
Drª. Joseania Miranda Freitas
(PPGMUSEU/UFBA - 2ª Examinadora)

Josenildo Rodrigues Barbosa
Josenildo Rodrigues Barbosa
Mestrando



MINISTÉRIO
DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
BAHIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA (PPGMUSEU)

DECLARAÇÃO Nº 9019 / 2022 - PPGMUSEU (12.01.56.28)

Nº do Protocolo: 23066.065907/2022-79

Salvador-BA, 22 de novembro
de 2022.

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins, que o mestrando **JOSENILTO RODRIGUES BARBOSA**, matrícula nº 2020123594, realizou a Defesa de sua Dissertação de Mestrado às 14:00 horas do dia 18 de novembro de 2022. O título da Dissertação apresentada pelo mestrando foi: "*Almanaque como patrimônio afetivo: colecionismo e autobiografia em Santa Inês - Bahia*", o referido trabalho foi realizado na Plataforma Teams e **APROVADO** pela Banca Examinadora.

Para meu pai e minha mãe
(*In memoriam*),
de quem eu vim,
onde quer que eu esteja,
para onde quer que eu me mova,
sou repleto da amálgama genética
de seus afetos imortalizados.

AGRADECIMENTOS

À vida, por me permitir tantos encontros e tantos assombros.

À minha família, mesmo os ausentes, sempre estiveram presentes.

Ao meu orientador, professor Dr. Clovis Carvalho Britto, mestre que desempenhou esse papel de forma tão generosa e tão dedicada. Sua humanidade lhe delata a sua grandeza. Minha gratidão nunca será suficientemente grata.

À professora Dra. Joseania Miranda Freitas, minha guia de graduação, olhar iluminado e sempre grávido de entusiasmo. Sua luta pela Educação é algo inspirador.

À professora Dra. Maria das Graças de Souza Teixeira, quanta humanidade cabe nessa alma? Se fosse em metros, seu espírito mediria milhões deles.

À professora Dra. Suely Moraes Cerávolo, uma cabeça fria num coração quente. Minha afeição foi crescendo à cada dia, mas ela manifestou-se de forma imediata.

Ao professor Dr. Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha, a lucidez de suas palavras, jamais abandonarão as digressões de meus silêncios.

À professora Dra. Mariela Brazón Hernández, os aprendizados sobre a arte me revelaram algumas intimidades da vida. Que belas aulas meus sentidos sentiram!

À professora Dra. Sidélia Santos Teixeira, minha memória há de não apagar jamais as primeiras palavras que ouvi da Museologia, no meu primeiro dia de aula, no entremeio do seu sorriso e da sua gentileza: “seja bem-vindo”.

À professora Dra. Nanci Helena Rebouças Franco, jamais esquecerei a sua generosa bi-participação em minha vida acadêmica.

À professora Dra. Stella Moreira Dourado, sua presença em minha qualificação, amplificou a minha reverência por sua tese de doutorado e referência fundamental para minha pesquisa.

À Elizangela Pinto, competência, prontidão e delicadeza numa só pessoa, obrigado pelo suporte e pelo amparo sempre vigilantes.

Aos entrevistados e entrevistadas, pela confiança e pelos seus enriquecedores depoimentos.

Ao PPG/MuseuUFBA, um abrigo muito acolhedor.

À UFBA, uma universidade comprometida com o alteamento do ser humano.

À Museologia, com ela, eu aprendi a me enxergar mais dentro, pelo lado de fora.

Aos meus colegas de mestrado, aprendi ouvindo, falando, admirando e me sensibilizando no decurso de cada aula.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), sem apoio, tudo fica muito mais difícil.

“Sergipe, Nordeste do Brasil: Paulo Freire começa uma nova jornada de trabalho com um grupo de camponeses muito pobres, que estão se alfabetizando.

- *Como vai João?*

João se cala. Amassa o chapéu. Longo silêncio, e finalmente diz:

- *Não consegui dormi. A noite inteira sem fechar os olhos.*

Mais palavras não saem da sua boca, até que ele murmura:

- *Ontem, eu escrevi meu nome pela primeira vez”.*

Eduardo Galeano (2020, p. 288)

BARBOSA, Josenilto Rodrigues. *Almanaque como patrimônio afetivo: colecionismo e autobiografia em Santa Inês, Bahia*. 151 f. il. 2022. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

RESUMO

Os almanaques são impressos que tiveram grande repercussão no Brasil e foram objetos muito influentes no processo de letramento e na trajetória de muitos de seus leitores e leitoras. Entre os séculos XIX e XX, alcançaram expressivas tiragens e atingiram o ápice de sua popularidade, chegando às mais diversas e distantes regiões do país, difundindo conhecimentos científicos e múltiplos saberes através de uma linguagem lúdica e acessível. Conectados às trajetórias de vida de muitos leitores e leitoras, os almanaques motivaram afetos, propiciaram intercâmbios culturais e, nos diversos espaços em que estiveram inseridos, tornaram-se fonte de colecionismo e conhecimento. Esta dissertação evidencia os almanaques como patrimônios afetivos em Santa Inês/Bahia, por meio das interfaces entre colecionismo, patrimônio e autobiografia. A partir de metodologia qualitativa pautada na escrita autobiográfica, articula revisão de literatura, análise documental e coleta de depoimentos, demonstrando diferentes memórias acionadas pelos almanaques nos anos de 1980 a 1990, período em que foram mais populares na cidade. O intuito é compreender a circulação, as tipologias, as contribuições ao hábito da leitura e o colecionismo, demonstrando como se constituiu em um patrimônio afetivo para uma parcela de moradores e moradoras de Santa Inês/Bahia.

Palavras-chave: Museologia; Colecionismo; Almanques; Patrimônio afetivo; Autobiografia.

BARBOSA, Josenilto Rodrigues. *Almanac as an affective heritage: collecting and autobiography in Santa Inês, Bahia*. 151 f. il. 2022. Master Dissertation – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

ABSTRACT

The almanacs are printed materials that had great repercussion in Brazil and were very influential objects in the literacy process and in the trajectory of many of its readers. Between the 19th and 20th centuries, they obtained significant print runs and reached the height of their popularity, arriving at the most diverse and distant regions of the country, spreading scientific knowledge and multiple learning forms through a playful and accessible language. Connected to the life trajectories of many readers, the almanacs motivated affections, provided cultural exchanges and, in the different spaces in which they were inserted, became a source of collecting and knowledge. This dissertation highlights the almanacs as affective patrimonies in Santa Inês/Bahia, through the interfaces between collecting, heritage and autobiography. Based on a qualitative methodology aligned with autobiographical writing, it articulates literature review, document analysis and collection of testimonies, demonstrating different memories triggered by almanacs in the period from 1980 to 1990, when they were most popular in the city. The aim is to understand the circulation, the typologies, the contributions to the habit of reading and collecting, demonstrating how it constituted an affective heritage for a portion of residents of Santa Inês/Bahia.

Keywords: Museology; Collecting; Almanacs; Affective heritage; Autobiography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Seu Nôza	34
Figura 2 -	Álvaro Luis de Almeida (Alvino)	38
Figura 3 -	Almanaque Biotônico Fontoura (1960), Almanaque Ilustrado de Símbolos (2011) e Almanaque Renascim Sadol (2019)	44
Figura 4 -	Almanaque Abril (2003)	53
Figura 5 -	Exposição Tempo de Almanaque (2015)	65
Figura 6 -	Catálogo Tempo de Almanaque (2011)	66
Figura 7 -	Catálogo Do Almanak aos Almanques (2001)	68
Figura 8 -	Escola Municipalizada Papa João XXIII (2021)	76
Figura 9 -	Almanach Bahia (1845)	80
Figura 10 -	Mapa Sudoeste da Bahia (2000)	84
Figura 11 -	Vagão de trem em Santa Inês, Bahia (1953)	85
Figura 12 -	Antiga estação de trem e hoje Fórum da cidade Santa Inês/Bahia	85
Figura 13 -	Mapa do Vale de Jequiçá (2016)	87
Figura 14 -	Pharmacia Santa Inês (1976)	95
Figura 15 -	Farmácia Santa Rosa de Lima (2020)	96
Figura 16 -	Casa onde funciona a SEDE (2022)	108
Figura 17 -	Almanaque da Família (1947)	110
Figura 18 -	Almanaque A Saúde da Mulher (1971)	110
Figura 19 -	Residência onde vivi com minha família (2022)	114
Figura 20 -	Cartilha do ABC (1983)	120
Figura 21 -	Cartilha Tabuada (1983)	120
Figura 22 -	Dona Luiza Carvalho Soares	128
Figura 23 -	Coleção de almanaques de Dona Luiza	128

SUMÁRIO

1	PRÓLOGO	11
2	INTRODUÇÃO	21
3	UMA COLEÇÃO DE COLEÇÕES: O COLECIONISMO DE ALMANAQUES E OS ALMANAQUES EM EXPOSIÇÕES	34
3.1	O COLECIONISMO ENTRE A FORMA, O AFETO E O CONTEÚDO.....	41
3.2	ALMANAQUES: TIPOLOGIAS, PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO NO BRASIL.....	49
3.3	OS ALMANAQUES EM EXPOSIÇÕES E OS VESTÍGIOS DOCUMENTAIS.....	60
3.3.1	“Tempo de Almanques”	63
3.3.2	“Do Almanack aos Almanques”	68
4	ALMANAQUE COMO PATRIMÔNIO AFETIVO: TRAGETÓRIAS AUTOBIOGRÁFICAS EM SANTA INÊS	74
4.1	ALMANAQUES E SUA CIRCULAÇÃO NA BAHIA: O CASO DE SANTA INÊS.....	80
4.2	UM PATRIMÔNIO AFETIVO ENTRE LEMBRANÇAS E ESQUECIMENTOS.....	93
5	ALMANAQUE COMO OBJETO BIOGRÁFICO: COLECIONISMO, LETRAMENTO E AUTOBIOGRAFIA	102
5.1	O ALMANAQUE NAS MEMÓRIAS E AFETOS FAMILIARES.....	110
5.2	ENTRE A LEITURA DE MUNDO E A LEITURA DA PALAVRA.....	116
5.3	A COLEÇÃO COMO “REFRIGÉRIO DA SAUDADE”	123
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
	REFERÊNCIAS	137
	APÊNDICES	143

1 PRÓLOGO

Na Rua do Campo, n.º 43, via ainda não calçada e posteriormente rebatizada na década de 1970 como Rua Ademar Alves, em Santa Inês¹, Bahia, ainda se localiza a casa em que eu e a maior parte de meus irmãos nascemos e crescemos. Até os meus treze anos de idade, nossa casa era uma construção de taipa (paredes erguidas de barro e sustentadas por estacas), com o chão de barro batido, coberta por telhas de cerâmica e com alicerce de adobe (tijolo feito de barro). Era composta por três quartos, uma sala e uma cozinha e abrigava nem sei como, quinze pessoas: meu pai, Horácio José Barbosa (1920-2008), minha mãe, Auta Rodrigues Barbosa (1929-2017) e seus treze filhos – número que foi reduzido posteriormente para seis, devido às nossas perdas. Nossa casa era um lar agitado e portanto, com raros silêncios, mas também um lugar de muito afeto e harmonia familiar. A Rua Ademar Alves se localizava na periferia da cidade, não tínhamos vizinhos próximos e o rio Jequiriçá, que atravessava o município, nos seus tempos áureos de cheia, nos provia com suas tilápias, traíras e nos deleitava com suas águas limpas e abundantes.

Tanto meu pai quanto minha mãe nasceram em Laje, cidade vizinha que faz parte do Vale do Jequiriçá (região que abriga vinte cidades, incluindo Santa Inês). No ano de 1957 se mudaram com três de meus irmãos mais velhos e, segundo seus relatos, escolheram Santa Inês por causa da luz elétrica instalada, já que era uma das primeiras cidades contempladas com energia na região. Como era alfaiate e minha mãe costureira, meu pai alimentava a esperança de que essas profissões estariam em alta por conta da luz elétrica e pelo suposto desenvolvimento econômico que Santa Inês parecia estar destinada, fato que não se confirmou e que proporcionou-lhes momentos de grandes dificuldades financeiras.

A formação escolar de meu pai encerrou-se quando completou o quarto ano primário, ele lia e escrevia com muita dificuldade e, incontáveis vezes, o vi apelar para algum amigo ou conhecido por um auxílio para decifrar alguma palavra que não conseguia soletrar ou entender corretamente o seu sentido. Minha mãe sabia assinar seu nome e decifrava uma ou outra palavra que não lhe trouxessem os engargalos das sílabas proparoxítonas desconcertantes, “não leio de carreirinha” – era como ela frequentemente enfatizava.

Embora em minha casa os livros não fossem artigos de presença marcante e cotidiana ou objetos que adornassem a nossa convivência e as nossas conversas, meu pai tinha um apreço reverencioso pela leitura, apesar de não executá-la com destreza. Mantinha em uma estante destinada às roupas que fazia, o Antigo e o Novo Testamentos, um livro de Dale Carnegie

¹ O mapa da região Sudoeste, onde situa-se Santa Inês, consta na pág. 85 desta dissertação.

intitulado *Como fazer amigos e influenciar pessoas*, e alguns exemplares de almanaques de vários gêneros (entre vinte e trinta livretos) que ele lia à custa de muitos tropeços fonéticos, quase todas as noites antes de dormir.

As lembranças dos almanaques são muito presentes em minhas memórias e, desde que fui apresentado aos “livrinhos mágicos” que meu pai não cansava de se referir, não consigo desassociá-las da imagem de meu pai os devorando com dificuldades e usando os seus saberes na vida cotidiana: uma vizinha viúva muito assediada por um cidadão com fama de conquistador se queixou com meu pai e pediu conselho, pois dizia já não saber o que fazer para se livrar das investidas do tal conquistador, pois sabia que ele apenas queria se divertir às suas custas ao lhe pedir insistentemente em casamento. Meu pai disse-lhe: “quando ele pedir a senhora em casamento, diga que aceita e ele vai parar de lhe incomodar”. Dias depois a vizinha disse ter feito o que meu pai lhe aconselhou e “o sujeito sumiu e nunca mais apareceu, como pode isso seu Horácio? E como o senhor sabia que isso iria acontecer?” “Quem não quer, quer, e quem quer, não quer”. Foi a resposta de meu pai. Perguntei-lhe tempos depois como ele sabia isso e ele me disse: “eu li muito almanaque, meu filho”. Essa lembrança de meu pai se utilizando de um almanaque despertou meu interesse por esses periódicos, embora ainda nesse tempo eu ainda não soubesse ler.

Com alguma imposição, meu pai fazia com que meus irmãos mais velhos, que já estavam alfabetizados, lessem toda a “sua biblioteca” nas horas de folga, quando não estavam exercendo algum serviço fora de casa ou a seu mando. Eu, como era muito pequeno, era poupado de tal aventura. Minha mãe, além de costureira, exercia as funções de dona de casa e coube ao meu pai a nossa instrução escolar: à medida que seus filhos iam crescendo, ele os matriculava na escola municipal da cidade, quando isso era possível, caso contrário, muitos de nós procurávamos algum trabalho para ajudarmos com as despesas da casa, quando a escola não era algo viável – a escola para muitos filhos geraria uma despesa com material que meus pais não podiam arcar.

Em Santa Inês, os episódios em que ocorreram grandes chuvas e enchentes em décadas passadas são eventos relatados pelos mais velhos e que todos nós moradores sabíamos: foram acontecimentos catastróficos que culminaram algumas enchentes como as de 1964, 1966, 1976, por exemplo, que alagaram ruas, derrubaram casas e avolumaram o rio Jequiriçá, causando muitas calamidades e provocando inúmeras perdas de bens materiais, de casas e de objetos pessoais de muitos moradores e moradoras.

Em 1982, no mês de outubro, uma dessas chuvas grandiosas e implacáveis quase nos leva a todos em minha casa. Depois de muitas horas de chuva, nossa casa foi invadida pelas águas que levaram quase tudo: camas, alguns móveis, muitos utensílios, roupas, objetos pessoais e a estante que abrigava a pequena biblioteca de meu pai, onde se encontravam os seus preciosos almanaques, sua Bíblia e seu venerado livro de autoajuda.

Devido às nossas perdas, tivemos que improvisar, com a ajuda de vizinhos e amigos, condições para que a nossa casa nos abrigasse com alguma segurança e só alguns anos depois ela foi reconstruída integralmente com adobe. Quanto aos livros, meu pai só voltaria a adquirir anos mais tarde, uma enciclopédia que era vendida de porta em porta por vendedores ambulantes. Os almanaques de vários gêneros, nunca mais foram substituídos, apenas alguns de farmácia foram sendo adquiridos com passar dos tempos, na medida em que eram doados pela farmácia da cidade ou por alguém. Os primeiros almanaques se perderam, mas as suas histórias foram muitas vezes narradas euforicamente por meu pai durante anos, nas nossas noites, depois da ceia.

Ter almanaques como meu objeto de pesquisa e cerne de depoimentos colhidos de outros indivíduos que serão apresentados neste trabalho, parece-me comprovar o impacto destes impressos em minha existência, principalmente em decorrência das novas significações que eles proporcionaram e ainda continuam a repercutir quando os evoco pelas minhas lembranças.

Com uma infância e adolescência marcadas por carências de diversas naturezas e por dificuldades materiais que impediam o meu acesso à escola e ao letramento, em quase todas as minhas lembranças desse tempo imorríveis nas minhas memórias, estão presentes as abundâncias de faltas, embora esses acontecimentos jamais tenham conseguido que eu me considerasse uma criança ou adolescente infeliz. Se por um lado havia uma realidade de uma hipérbole de carências, de outro modo, meu lar também sempre foi um palácio ostentoso da constância cotidiana de afetos.

Até os meus 17 anos de idade, as probabilidades para que eu frequentasse uma escola e ser alfabetizado contavam uma perspectiva muito distante de ser confirmada. Com muitas “bocas para alimentar” e suprir as necessidades mais básicas de existência, meus pais poucas vezes alimentavam nos seus filhos o sonho do “luxo da escolarização”. Meu futuro parecia mesmo estar fadado à margem da realidade transformadora do mundo das letras, se não fosse por obra do acaso, o meu primeiro contato com um exemplar de almanaque de farmácia que me foi doado e lido parcialmente por um de seus divulgadores que percorriam as cidades interioranas e os distribuía como brindes pela compra de seus medicamentos. E, embora eu

ainda não fosse alfabetizado, “o impresso mágico” despertou no meu espírito uma ânsia de aprender a desvelar o mundo extraordinário que estava submerso e codificado pelas letras. Comecei a intuir que, para além dos meus limites iletrados, havia algo de grandioso que começou a ser atiçado pelas faíscas de minhas curiosidades produzidas pelas imagens dos livretos de farmácia.

Posteriormente, o leitor que emergiu em mim, instigado pelas leituras dos livretos, paulatinamente e cada dia mais insaciável, tornou-se um glutão de livros de muitos gêneros: devorava todos os escritos que me chegavam às mãos. A leitura tornou-se para minha vida um artigo de primeira necessidade e não apenas trouxe novos significados para minha existência, como também me proveu com sensibilidades de interpretação e inquietudes para com o mundo do que me cerca: a partir dos almanaques, os livros começaram a transportar minha realidade para os sonhos e trazer alguns de meus sonhos para minha realidade.

Minha vida foi atravessada epifanicamente pela presença dos almanaques, que foram os primeiros escritos que tornaram possível a minha percepção se concretizar por meio das palavras lidas e escritas que conseguiam transcrever e tornar visíveis a expressão de minhas emoções e de meus pensamentos, a voz e os ouvidos que estiveram invisíveis em grande parte de minha vida, pela imposição dos muitos silêncios.

Graças ao meu encontro marcante com o universo plural dos almanaques, meus atributos de leitor e biógrafo de minha própria trajetória, pelejam cotidianamente a se relacionar afetivamente com o que me cerca. Sim, os afetos se tornaram o foco de quase todos meus interesses, ler e escrever tornaram-se mais do que qualquer outra coisa, uma forma de estar inserido no mundo que antes me invisibilizava.

Intensamente acessado por seus leitores e leitoras (os alfabetizados e os não alfabetizados) em Santa Inês, os almanaques produziram interações que reverberavam nas rodas de conversas, nas brincadeiras de adivinhas e nos testes sobre conhecimentos gerais, sendo uma prática habitual que os assuntos retratados nos livretos, via de regra, tornavam-se mote de diversas indagações, conversas e disputas sobre conhecimentos.

Sou uma daquelas pessoas do interior da Bahia que tiveram a infância e adolescência marcadas pela presença de almanaques como *Almanaque Sadol*¹, *Almanaque Abril*²,

¹ Publicado desde 1946 pelo Catarinense Pharma, empresa sediada em Joinville/SC.

² Publicado desde 1974 pela Editora Abril.

*Almanaque Biotônico Fontoura*³, *Almanaque do Amor*, *Almanaque Brasil*⁴, *Almanaque Luso-Brasileiro*⁵, *Almanaque Brasileiro Garnier*⁶, *Almanaque do Jeca Tatuzinho*⁷, alguns deles apresentados a mim por meu pai, Horácio José Barbosa.

Mesmo enclausurado e limitado pela falta de alfabetização até a fase adulta e inserido em uma realidade muito distante de acesso à educação escolar, este livreto me alcançou e se fez presente enfaticamente em minha trajetória: meu percurso de vida se confundiu por muito tempo com a sua existência transformadora.

Minha alfabetização iniciou-se aos 17 anos, com a iniciativa de minha irmã mais velha, Joselice Rodrigues Barbosa, que aplicava exercícios básicos com as letras do alfabeto através do *ABC* (cartilha que continhas as letras em maiúsculo e em minúsculo) traçadas por pontos que eu cobria inúmeras vezes até conseguir escrevê-las sem mais o auxílio dos traços. De minha irmã ganhei meses depois de “nossas aulas” um livro de Cecília Meireles, *Ou isto ou aquilo*, que sem a sua ajuda consegui lê-lo integralmente, depois de muita insistência, apesar das dificuldades.

Aos vinte anos entrei para o Grupo Escolar Papa João XXII, já sabendo ler sem muita dificuldade e cursei todo o ensino fundamental e médio em classe não específica para adultos. Embora já fosse um adulto, eu era colega de crianças que estudavam na mesma sala e que tinham na faixa de seis ou sete anos. Existia um curso de alfabetização de adultos em Santa Inês, mas como era distante de minha casa e à noite, meu pai achou melhor me inscrever na escola regular.

A minha “vantagem” sobre os meus pequenos colegas, além da idade e de meu gosto pela leitura, acontecia pelo fato de que, à medida que me livrava dos embaraços que o aprendizado regular me causava, a agitação causada pela “febre dos almanaques” entre os meus conterrâneos fazia com eu me interessasse mais por aquela literatura e, com isso, lia-os intensamente, descobrindo através dos livretos um mundo imenso de literatura que pensava estar à minha espera.

Décadas depois, em minha graduação em Museologia na Universidade Federal da Bahia, escolhi o almanaque como temática do trabalho de conclusão de curso intitulado *Almanaque: um patrimônio de memórias (auto) biográficas*, realizado sob a orientação da professora

³ Publicado desde 1920 pela empresa responsável pela comercialização do Biotônico Fontoura. As primeiras edições foram idealizadas e ilustradas pelo escritor Monteiro Lobato.

⁴ Almanaque Brasil de Cultura Popular foi criado em 1999 pelo artista gráfico e jornalista Elifas Andreato.

⁵ Almanaque português fundado em 1851 por Alexandre Magno Castilho e publicado anualmente de 1851 a 1932.

⁶ Publicado entre 1903 e 1914, pela Livraria Garnier do Brasil.

⁷ Criado por Monteiro Lobato e patrocinado pelo Instituto Medicamenta Fontoura, de 1926 a 1973.

Joseania Miranda Freitas. Nele, entrelacei este objeto com a minha vida, através da metodologia das narrativas autobiográficas, construída a partir de sua influência em minha história de vida (BARBOSA, 2019). A narrativa autobiográfica apresentada no meu trabalho final da graduação em Museologia foi mediada pelo almanaque e evocou desconfortos existenciais que eu “transcrevi com sangue”. Minha identidade esteve em vários momentos inserida em uma dimensão nova e desequilibrante. Regurgitar memórias foi um processo sofrido, mas em vários momentos senti também o frescor consolador do tempo presente em paz com o meu passado.

O que ainda me move e me motiva a pesquisar o almanaque é identificá-lo como um patrimônio afetivo, a partir minhas memórias e das memórias de diversos leitores e leitoras de minha cidade natal. O almanaque foi durante muito tempo, para mim e para muitos conterrâneos e conterrâneas, uma das poucas vitrines para o mundo externo além de nossa realidade.

Depois de alfabetizado, os livros que eu segui devorando não obedeciam qualquer critério de gênero, formato ou volume, lia-os indiscriminadamente e eles me puseram em contato com culturas, valores e modos de ser e de viver que iam muito além de minha fértil imaginação. A partir de meu contato com muitas histórias estranhas à minha realidade e além de minha zona de limite conhecida, passei a sonhar, a reinventar a minha própria existência no meu mundo e a significá-la com novos sentidos - encontrei muitas respostas às muitas de minhas perguntas e, também, passei a me deparar com mais de um milhão de novos questionamentos – quanto mais eu pensava aprender, mais sentia que menos eu sabia.

Foi através da minha iniciação ao mundo letrado pelo intermédio dos almanaques que comecei a estabelecer uma relação prazerosa com outros livros e com outras espécies de textos: o primeiro mediador do meu limitado alcance foi um almanaque de farmácia que despertou no meu eu de menino solitário, o prazer e a necessidade de me ter como um ser que precisava se expressar, como se uma necessidade imprescindível precisasse aflorar para construir sentidos para tudo aquilo vivia, sentia e experimentava da vida.

De forma muito significativa, os almanaques foram o meu primeiro passo para minha formação literária e me influenciaram a desejar de forma cada vez mais ambiciosa, novos desafios para ter contato com novas literaturas, ampliando e diversificando minhas interpretações sobre o mundo e também sobre o meu cotidiano. E embora o contexto em que vivia não fosse dos mais favoráveis ou ideais às assimilações ou aquisições de novos conhecimentos através da leitura, segui adiante, contrariando quase todos os prognósticos dos “nãos” rotineiros que me eram vaticinados desde que cheguei a este mundo.

Ultimogênito e décimo terceiro filho de uma família humilde, nos moldes daquelas cidadezinhas espalhadas pelos interiores pobres do sertão baiano que padeciam por conta de carências básicas em detrimento das secas, vim ao mundo antecipado em três meses sem o choro corriqueiro das crianças que são apresentadas ao mundo e ainda recém-nascido, de acordo com relatos de minha mãe, recebi da parteira um prognóstico enfático de quem, muito experiente nesses assuntos de vida e de morte, ajudou a colocar no mundo centenas crianças da cidade, de que eu não “vingaria” e não passaria de mais que 24 horas. Prematuro e mal nutrido, eu media o mesmo tamanho que uma caneta esferográfica e a minha fisiologia parecia contribuir para meu desaparecimento. Mas a previsão imperativa daquela parteira experiente e os dados das suas probabilidades não se confirmaram: ainda vivo, existo e insisto com a vida.

Com duas semanas de vida, veio um outro prognóstico, só que agora de uma médico que passava pela minha cidade: “se esse menino sobreviver, não irá falar ou andar, será uma questão de tempo ele se ir”: ainda existo, me comunico, ando e insisto com a vida, e embora tenha dado os meus primeiros passos aos quase 8 anos de idade, sigo ainda contrariando e desmentindo a sina para mim decretada.

Passei boa parte de minha primeira infância sem poder andar devido a problemas congênitos (má formação das pernas e dos pés). Entretanto, isso nunca impediu de que eu mesmo rastejando sobre a lama, depois das chuvas de verão em nosso imenso quintal, perseguisse a bola de meia que meus irmãos e vizinhos disputavam nas nossas peladas diárias. O fato de andar bem mais tarde que a maioria das crianças de minha geração e não poder acompanhar algumas brincadeiras dos outros meninos de minha idade em nossa rua, tornou-me uma criança com muito tempo para solidão e também um insone irremediável que desde muito cedo, perdia horas divagando, e “afiando” os pensamentos até às altas madrugadas geladas e silenciosas, enquanto todos em minha casa dormiam.

Eu confeccionava no meu pensamento os meus brinquedos imaginários, desenhando-os através de imagens que eu mesmo criava como um mágico de circo, através das lacunas da luz da lua que vazavam entre as telhas do nosso telhado, tingido pelo betume da fumaça do fogão de carvão que ficava dentro de nossa pequena cozinha. E as imagens que eu inventava e cozia em pensamento proporcionavam aos meus olhos muitas figuras de brinquedos que eu sonhava um dia ter: uma bicicleta, uma patinete, uma bola de couro, um autorama etc. – sonhos íntimos que jamais revelava. Mas a minha solidão e minha quietude também me deram algo em troca: com o passar do tempo, me tornei um observador atento às coisas pequenas do dia a dia, que normalmente não se dá muita importância: cheiros, gestos quase imperceptíveis das pessoas,

insetos, uma excelente memória e um gosto inusitado pelos sons das palavras – desde muito cedo, o som das palavras me encantava ou me causava muita aversão e fui desenvolvendo com o tempo uma relação de amor e de ódio pelas palavras e, posteriormente, passei a “coleccioná-las” – registro num caderno envelhecido todas as palavras que aprendi a gostar e o critério para inseri-las é motivado pelos seus sons, seus significados e a suas grafias – não se trata, portanto, de um glossário ou dicionário particular, apenas obedecem ao fundamento de afeto e da beleza que eu enxergo nelas.

A insônia sempre foi uma companhia que até os dias de hoje não me abandonou – ela continua me honrando com a sua fidelidade e minhas memórias com a prática de muitas leituras que foram realizadas durante muitas madrugadas, quando todos dormiam, eu desperto até a aurora, praticava a minha a minha “doença pela leitura” sob à luz do candeeiro que dormia aceso todas as noites em minha casa - até então, nossa casa não possuía luz elétrica e o cheiro do querosene queimando o pavio até de manhã, ainda hoje é um cheiro que nunca consegui esquecer. E assim, na solidão das muitas madrugadas posteriores à minha alfabetização, eu, como um ser noturno, devorava muitos livros que de várias maneiras chegavam até a mim.

Se bem mais tarde, depois de meu letramento e escolarização, a mediação com novos conhecimentos era intermediada pela interlocução de minhas professoras, inicialmente esse papel foi exercido artesanalmente pelos almanaques que “choviam” em Santa Inês e tornaram-se uma mania local. Os almanaques não somente me foram uma companhia. Por se tornarem uma “febre coletiva”, proporcionaram encontros com outros leitores e ajudaram a me socializar com outras pessoas muito diferentes de mim. Quando descobria algum exemplar de um almanaque novo, aquilo me despertava sentimentos e emoções e possibilidades de conhecer mais pessoas e aquilo fazia com que eu me sentisse menos excluído e menos estranho ao mundo que me cercava. Estruturado por uma “arrumação” sortida de vários conhecimentos, os almanaques ajudavam a formar em mim um leitor avesso ao preconceito com qualquer tipo de literatura: tornei-me um leitor de tudo que me chegava às mãos, embora eu tenha as minhas próprias preferências literárias e cultive um amor particular por livros de filosofia e poesia.

Minha consciência antes intuía e agora compreende a leitura como uma ferramenta fundamental de aproximação com culturas distantes, com mundos novos e com pessoas: literatura aproxima mundos e gentes. Tornei-me um ser mais sociável e menos aprisionado nas grades de mim mesmo. O universo dos vários gêneros de almanaques não foi apenas veículo para meus esconderijos, ele foi instrumento e artefato capaz de refletir sentimentos que interagem nas minhas relações. Os muitos textos que já li, me deram um gosto e uma

preferência por temáticas que me inquietam e que não me trazem respostas ou sossegos e creio que isso começou a partir da combustão das faíscas que os almanaques me proporcionaram. Assim que estabeleceu-se entre nós um convívio rotineiro de afeto. Os almanaques foram janelas importantes para o conhecimento, conforme enfatizou o escritor português Eça de Queiroz:

Só o almanaque verdadeiramente nos penetra da realidade de nossa existência, porque a circunscribe, a divide em talhões regulares, curtos, compreensíveis, fáceis de desejar e depois fáceis de recordar por terem nome e quase terem forma, e onde se vão depondo. E onde vão ficando, os factos da nossa feliz ou desgraçada história. As datas, só elas, dão verdadeira consistência à vida e à sorte (*In: MEYER, 2001, p. 140*).

Quanto mais o tempo passava, mais me intrigava com as bulas que regiam o formato dos almanaques que eram produzidos e, para o meu contentamento, os vários gêneros que conhecia. Os livretos das cidades, os literários, os de medicamentos e até alguns avulsos publicados sob encomenda de alguma marca famosa, vez por outra apareciam em minha cidade, trazidos por algum vendedor de fora ou por alguém que os trazia de alguma viagem. Como eu não era estudante de escola de ensino regular em minha cidade, meu diálogo e minha interação com o mundo externo à minha realidade, só acontecia através dos almanaques e dos encontros que eles proporcionavam, o que se tornou o meu passaporte para viagens fictícias e estadias em países e lugares que eu mesmo inventava.

Até os meus 19 anos, os saberes da escola regular era uma realidade ainda distante e quase inatingível e minha educação, até então, tinha um caráter de aprendizado avulso, desvinculado do contexto pedagógico normativo. Enquanto isso não acontecia, foi através do acesso aos saberes diversos textos e dos almanaques que apreendia conhecimentos e a construção dessa base instrutiva ocorria de modo muito espontâneo e “artesanal” por intermédio de um impresso de literatura que para muitos moradores da elite letrada da minha cidade foi subestimado e muitas vezes classificado como um tipo de literatura descartável. Algumas pessoas da elite sateneense faziam questão de demonstrar um pseudo-eruditismo com o seu desprezo pelo que os almanaques causaram no auge de sua popularidade em Santa Inês na década de 1980.

Os almanaques para um menino e adolescente do interior da Bahia como eu, que não tinha acesso a livros, não tinha aparelho de televisão, nem luz elétrica e só muito tempo depois teve acesso a um aparelho de rádio em casa, ofereciam entretenimento por meio de um tipo de texto compreensível, com a cumplicidade de imagens carregadas de ludicidade que não pareciam possuir um território ou circunscrição limitada de domínio: parecia pertencer a todos nós - os leitores letrados e iletrados, como um patrimônio afetivo de nossa infância e adolescência. Os

almanaques permitiam uma acessibilidade que mesmo se lidos ou ouvidos por uma criança, provocava deleites, sonhos e fecundavam novas perspectivas, ou seja, esses impressos conseguiam nos soprar ventos novos ou deixar no ar questionamentos que até os dias de hoje parecem serem atuais. Não raramente, no bojo das mensagens textuais dos almanaques, constavam fábulas com teor moral, provérbios de sabedoria e ensinamentos diversos que transcendiam os saberes domésticos e corriqueiros do nosso cotidiano.

A linguagem utilizada pelos almanaques, embora tivesse um aspecto direto, muitas vezes trazia também um aspecto metafórico e até erudito em alguns de seus gêneros (principalmente os almanaques literários), o que confirmava o aspecto híbrido de sua literatura. Foi nas páginas desses impressos que eu tive o primeiro contato com o que chamam de “alta literatura” lugar onde se abrigam nomes como Machado de Assis, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade etc., e muitos escritores estrangeiros.

Tornei-me, como um almanaque de mim mesmo, um abrigo híbrido que se alimenta de quase tudo que contenha palavras: de revistinhas em quadrinhos às bulas de remédios, sou um leitor sem freios ou sem seleção. Em princípio, creio que qualquer que seja o texto e por “menor” que ele pareça, pode nos trazer algum arrebatamento que será celebrado pela emoção dessa intimidade e, paralelamente, essa experiência pode se transformar em nosso patrimônio afetivo como é possível perceber nesta dissertação.

2 INTRODUÇÃO

O almanaque é um livro destinado a todos e que todos, mesmo os menos letrados ou os analfabetos, podem ler.
Roger Chartier (*In: PARK, 1999, p. 9*).

O almanaque é um tipo de impresso em forma de livreto que contempla diversos conteúdos referentes ao calendário, informações sobre agricultura, festas religiosas, movimentos dos astros, previsões climáticas, manifestações da natureza, curiosidades, anedotas, utilidades domésticas, entre outros. Com origem atribuída à cultura árabe do *almanaj*, relacionado ao quadrante solar que media o tempo e lugar de encontro onde viajantes compartilhavam informações, o almanaque é um tipo de publicação que tornou-se amplamente difundida na Europa, em meados de 1455 (LE GOFF, 1996). Tratando de temas com funcionalidade prática e abordando assuntos do cotidiano, este impresso promovia um entretenimento acessível, com uso de uma linguagem direta acompanhada de figuras e símbolos indicativos, constituindo-se, assim, como um guia por excelência ou catálogo que descrevia com minúcias as circunstâncias da vida cotidiana.

Trazidos pelos portugueses durante a colonização, de acordo com Carlos Saraiva da Costa Leite (2016), “o almanaque chegou ao Brasil por meio de importações contrabandeadas da Europa, devido ao fato da Coroa Portuguesa ter proibido a circulação de periódicos na colônia. A Imprensa Nacional surge após a chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil em 1808” (p. 3). A partir daí surgiram os primeiros periódicos nacionais.

No início do século XX tornaram-se bastante populares os almanaques de farmácia e, para Margareth Brandini Park (1999), resultaram do ideário educacional higiênico propagado pelas políticas sanitaristas, como o conhecido *Almanaque Fontoura*, criado pelo farmacêutico Cândido Fontoura e ilustrado por Monteiro Lobato, em 1920, com tiragens expressivas para a época. Os almanaques eram produzidos e difundidos com múltiplos propósitos, dentre eles o de circular informações úteis, manter e renovar práticas culturais, relatar os eventos e personagens do seu tempo. Tornaram-se, assim, uma eficiente bula de instruções e de propagandas, assumindo também vieses temáticos e agregando conteúdos mais variados, como aqueles com cunho moralizante, literatura e medicina doméstica.

É possível presumir, de acordo com Carlos Roberto Saraiva Costa Leite (2016), que o impacto exercido pelos almanaques na vida cotidiana dos públicos a quem ele se dirigia, abarcava basicamente três tipos de temáticas: o calendário, o anuário e a agenda. Leite (2016)

ênfatiza que, com o passar dos tempos, o almanaque foi se diversificando cada vez mais, tornando-se um gênero apetecível (do ponto de vista comercial), o que provocou rivalidades acirradas entre entidades comerciais que perceberam o poder comunicativo desse impresso, graças às suas informações de interesse geral, transformando-o em um veículo informativo capaz de chegar a públicos cada vez mais variados.

Existe uma variada tipologia de almanaques e também múltiplos temas que foram abordados por eles ao longo de sua história. Os tipos desses livretos abarcavam desde almanaques de escola, de assuntos gerais, de agricultura, até almanaques de farmácia. De acordo com Le Goff (1996), em sua gênese o almanaque era categorizado, portanto, como uma produção popular, pois sua elaboração, realizada com material mais barato, tornava seu preço mais acessível. Seu fluxo de distribuição, alcançava os grandes centros urbanos, mas a sua presença no campo ou no interior também era expressiva. Seus textos, organizados com muitas ilustrações, anedotas, curiosidades, dicas de saúde, religiosidade e instruções para diversas situações diárias, interessavam aos leitores e leitoras, desde os mais letrados aos menos instruídos, pois suas mensagens eram perpassadas oralmente em rodas de conversa nas reuniões de família e de amigos.

Espalhando-se por quase todo território nacional, o almanaque era distribuído ou comercializado com o intuito de intensificar as vendas dos itens publicizados em suas páginas. Diferentemente de uma enciclopédia, que era uma publicação cara para os padrões econômicos da época, o almanaque conseguia chegar a quase todos os moradores (nas áreas urbanas e rurais) e a sua distribuição, frequentemente, se dava de forma gratuita pelos seus divulgadores, sendo distribuído por diversos comerciantes conforme ratificam as pesquisadoras Regina Maria Marteleto e Stella Moreira Dourado (2019), quando pontuam:

No Brasil, além dos almanaques gerais, os mais populares são os almanaques de farmácia, de ampla divulgação e uso nas primeiras décadas do século XX, até os anos de 1970, patrocinados por laboratórios farmacêuticos. Estudos realizados no país [...] mostram o interesse dos laboratórios farmacêuticos brasileiros e estrangeiros na promoção dos seus produtos, por meio da produção e circulação de almanaques, alcançando amplas tiragens que atingiam o milhão de exemplares, com distribuição gratuita ou para o freguês que adquiria medicamentos nas farmácias em todo o território brasileiro (MARTELETO; DOURADO, 2019, p. 3).

Ao mesmo tempo em que serviram como veículos que chegavam a muitos lugares e publicizavam os seus respectivos medicamentos, os almanaques de farmácia também eram utilizados pelas instituições públicas como instrumentos de informação que ilustravam, de maneira lúdica e direta, práticas higiênicas de saúde. Segundo Vera Casa Nova (1996), os

almanaques de farmácia “serviram como auxiliares para a circulação de ideias sobre medicina social, medicina sanitária [...]” (p. 73).

A pesquisa acadêmica que envolve os almanaques é uma empreitada que me dedico desde 2019, a partir do meu trabalho de conclusão de curso de graduação em Museologia pela Universidade Federal da Bahia, com *Almanaque: um patrimônio de memórias (auto) biográficas*, trabalho orientado pela professora Dra. Joseania Miranda Freitas. A abordagem do trabalho de graduação apresentou a trajetória dos almanaques desde às suas remotas origens na Europa no século XV até o seu aparecimento no Brasil, como um gênero literário de natureza híbrida de grande circulação e de imensa popularidade, se transformou em um instrumento difusor de saberes variados, que alcançou milhares de leitores e leitoras por quase todo o país.

Concebido a partir das narrativas de minha trajetória de vida que foi atravessada pela presença dos almanaques, o trabalho de graduação amparou-se na metodologia de relatos autobiográficos, estratégia que será ampliada e acrescida de procedimentos metodológicos que aqui contemplarão trajetórias de vidas de outras pessoas, contextualizando-o na dimensão do colecionismo e nas suas implicações nas histórias de vida como um patrimônio afetivo de muitos leitores e leitoras de Santa Inês, Bahia.

Portanto, examinar a trajetória dos almanaques como patrimônio afetivo em Santa Inês, Bahia, entre os anos de 1980 a 1990, período em que foram mais populares na cidade, é o objetivo desta dissertação. O intuito é demonstrar a sua circulação, as tipologias, as contribuições ao hábito da leitura e o seu colecionismo, evidenciando as memórias autobiográficas e a resignificação do passado dos seus leitores e leitoras. Esta dissertação também concebe um novo conceito de coleção a partir de um conjunto de relações e sentidos acionados por experiências afetivas e memórias biográficas, extrapolando o agrupamento de objetos e a presença da cultura material.

Pela sua diversidade de tipologias, o almanaque se tornou uma espécie de inventário minucioso de muitas particularidades da vida cotidiana de Santa Inês, e isto já se justifica, entre outras razões, para a pesquisa de um “retorno” ao passado, por meio das memórias sobre este impresso. Os relatos autobiográficos me redimensionam como sujeito que porta uma identidade múltipla, escorregadia, subjetiva e ainda, assim, dotam o meu mundo desordenado com algum significado que se evidencia através das memórias relatadas. De acordo com o professor e pesquisador Eliseu Clementino de Souza (2007), as memórias possuem um papel fundamental nos relatos do sujeito narrador e destaca:

Quando invocamos a memória, sabemos que ela é algo que não se fixa apenas no campo subjetivo, já que toda vivência, ainda que singular e auto-referente, situa-se também no contexto histórico e cultural. A memória é uma experiência histórica indissociável das experiências peculiares de cada indivíduo e de cada cultura (SOUZA, 2007, p. 63).

As conexões entre o meu presente e o meu passado realizadas por meio dos relatos autobiográficos dialogam com o decurso do tempo de minhas experiências, *lócus* em que alcanço entendimentos que, não raramente, ressignificam aspectos de minha história e aspectos culturais e sociais nos quais eu coexisto e sou parte – sou eu o humano esmiuçando a minha humanidade, através das vivências e de minha subjetividade – ou, como salienta Souza (2007), a abordagem biográfica faz com que o sujeito produza “um conhecimento sobre si, sobre os outros e o cotidiano, revelando-se através da subjetividade” (p. 69). Entendo, portanto, que as narrativas autobiográficas trazem no bojo de sua aplicação um entendimento das experiências de vida que podem revelar elementos da identidade dos sujeitos circunscritos nos contextos históricos, culturais e sociais.

Existem diversos trabalhos que problematizaram leituras sobre o almanaque. O livro *Do Almanak aos almanaques* organizado por Marlyse Meyer (2001), por exemplo, é um catálogo composto sistematicamente e estruturado entre almanaques gerais e almanaques de farmácia, entremeados com textos escritos por vários estudiosos e estudiosas. É uma fonte que amplia a compreensão sobre a importância dos almanaques e as ressonâncias na vida de seus leitores. A tese de doutorado de Vera Lúcia Casa Nova (1990), intitulada *Leituras de almanaques de farmácia: Biotônico Fontoura e A Saúde Mulher*, evidencia o almanaque como um instrumento auxiliar na divulgação e difusão de práticas educacionais e sanitárias, especialmente durante as primeiras décadas do século XX.

A abordagem pelo viés do colecionismo se destaca em dois trabalhos. Em *Histórias e leituras de almanaques no Brasil*, Margareth Brandini Park (1999) ratifica a ideia de como os afetos parecem congregam as relações do almanaque com as memórias individuais e coletivas, motivadas pelas suas práticas colecionistas. A percepção da presença acentuada dos almanaques no cotidiano de muitos leitores possibilita considerá-los como artefatos circunscritos nos processos de escolarização, na disseminação de regras básicas de etiquetas, na educação higiênica, entre tantos outros aspectos instrutivos, assim como representá-los na dimensão polissêmica do colecionismo.

O colecionismo apresentado por Margareth Brandini Park (1999) evidencia como os almanaques foram coletados e reunidos para diversas finalidades, mas sob e a partir dos estímulos afetivos. Para Francisco Marshall (2005), o procedimento colecionista é abrangente:

A relevância trans-histórica do procedimento colecionista faz com que este assumia diferentes formas em cada momento histórico, compondo um complexo sistema de funções e finalidades, com implicações cognitivas e culturais que jamais deixaram de acrescentar qualidades à espécie, em seu desenvolvimento cultural (MARSHALL, 2005, p. 14).

Já Stella Moreira Dourado (2018), na tese *O almanaque enquanto documento de informação e comunicação popular escrita: a Coleção da Família Carneiro Rezende*, aprofunda os estudos sobre coleções de almanaques no país, evidenciando a coleção particular da família Carneiro Rezende, iniciada no início do século XX, na região de Ipameri, sudeste do estado de Goiás. Em suas análises salienta, entre outros aspectos, a relevância dessa coleção como uma importante fonte de informação e comunicação popular. A coleção da família Carneiro, formada principalmente por almanaques de farmácia, que contam atualmente com 241 exemplares desses periódicos entre os anos de 1906 a 2014, é vista como um patrimônio familiar, inicialmente reunido por José Carneiro de Rezende. Segundo a autora, esta coleção configura-se como documentos informacionais da cultura popular de uma época e de uma região do Brasil que exerce, sob diferentes graus de comunicabilidade, um papel importante como documentos que contemplam contextos sociais, históricos e culturais. Em suas análises considera que José Carneiro de Rezende compreendeu como um vanguardista a potência dos almanaques como veículos de informação e artefatos a serem compartilhados pelas próximas gerações. Há neste procedimento uma nuance do colecionismo que adiciona às funções primárias de utilização dos almanaques da família Carneiro novas atribuições que extrapolam seus usos originais quando se tornam dispositivos que disseminam e propagam informações de caráter social, histórico e cultural, tornando-se documentos.

Apesar das diferentes abordagens, a maioria dos trabalhos que investigam os almanaques não dialoga com a perspectiva das memórias autobiográficas. Nesse aspeto, me interessa empreender essa leitura “dando ouvidos” a alguns de seus leitores e leitoras no interior do Brasil, observando a reflexão de Ana Maria de Almeida Camargo (1983) quando destacou a existência de muitos desses livretos no anonimato que, no entanto, foram compartilhados cotidianamente em diversos municípios brasileiros.

A historiadora Patricia Trindade Trizotti (2008) enfatiza que, dentre seus diversos gêneros, no Brasil do século XIX destacou-se a publicação dos almanaques administrativos, que diziam respeito das rotinas das cidades, com “horários de trens, tabelas de preços e produtos, tarifas de correio e transporte” (p. 308). Neste contexto foi editado o *Almanach das Famílias* de 1877 e o *Almanach para a cidade da Bahia de 1812*. Dirigindo-se aos seus leitores,

o *Almanach para cidade da Bahia* diz que "todos reconhecem que semelhantes manuais são de grande socorro para os negócios da vida" (*Almanach...* 1812, p. 2). Segundo Jacques Le Goff (1996), a memória quer atualizar para o presente, impressões ou informações passadas. Essa orientação contribui para o enfoque sobre a autobiografia, com ênfase na ressignificação do passado, no papel do colecionismo e no reconhecimento do almanaque como um patrimônio afetivo. O almanaque, desse modo, pode ser visualizado como um objeto biográfico, nos moldes apresentados pelo museólogo português Pedro Pereira Leite (2012):

Os objetos biográficos transportam a densidade de significados que compõem as diferentes experiências dos sujeitos, as suas expectativas de ação e a natureza relacional onde a interação se processualiza. Esta riqueza pode ser apropriada pelo olhar museológico para construir uma prática de relacionamento entre o individual e o social ou vice-versa, na medida em que para além da sua natureza reflexiva, como forma de consciência do real a interação biográfica assume-se como uma prática de integração de dados e com uma prática transformacional (LEITE, 2012, p. 24).

Muitas são as definições sobre o colecionismo oferecidas pelas mais diversas áreas do conhecimento e, aqui, apresentarei algumas que explicitam a relação afetiva construída e estimulada pelo colecionador. O colecionador envolve-se de uma forma intensa e, ao colecionar, adquire, na maioria das vezes, não para serem utilizados na sua forma usual, mas para fazerem parte de um conjunto construído sob critérios pessoais.

Os critérios pessoais, como motivos para o colecionismo de um determinado objeto, como é o caso do almanaque, são relevantes principalmente pelas lembranças que habitam em alguns de seus leitores e leitoras, associando o objeto, quase sempre, ao campo afetivo. Para Walter Benjamin (1987), o colecionador, mais do que retirar os objetos de suas funções originais, os coloca em outra dimensão:

O colecionador destrói o que se definiria como marco original e coloca o objeto em uma nova ordem, como algo extraordinário: [...] para o colecionador, o mundo está presente e, de fato, ordenado em cada um de seus objetos. Ordenado, sem dúvida, segundo uma configuração surpreendente e ininteligível para o profano (BENJAMIN, 1987, p. 94).

Já para o sociólogo Jean Baudrillard (1993), o conceito de coleção dialoga com a importância da ressignificação dos itens coletados, quando um objeto comum, retirado de sua função, torna-se um objeto de coleção. A particularidade se explica, portanto, na atividade subjetiva necessária da constituição e compreensão que o projeto acionará. Perceber essa forma significa tentar condensar as experiências vivenciadas por meio das histórias de vida. Outra abordagem acerca do colecionismo explicita a relação entre o ato de colecionar e o de

comunicar:

Coletar e comunicar: pode-se perceber esse nexos semântico civilizatório com o amparo da filologia clássica e do indo-europeu, que nos remetem a experiências de linguagem reveladoras do espectro de práticas sociais dessas palavras, em seus sentidos originários. Colecionar, do latim *collectio*, possui em seu núcleo semântico a raiz ‘leg’, de alta relevância em todos os falares indo-europeus – e mesmo antes, pois essa raiz está entre as poucas que conhecemos do protoindo-europeu, há mais de 4 mil anos atrás, com sentidos ordenadores. No grego clássico, em seu grau ‘o’, produz o morfema *log*, avizinado, em seu grau ‘e’, de *leg*, ambos repletos de derivados. Nesta família lingüística, aparece o núcleo semântico e significativo do colecionismo: uma relação entre pôr em ordem – raciocinar – (*logeín*) e discursar (*legeín*), onde o sentido de falar é derivado do de coletar: a razão se faz como discurso. O discurso, morada da razão. Ordenar, colecionar, narrar (MARSHALL, 2005, p. 15).

Essas reflexões sobre a relação entre a coleção e a narração são relevantes ao observarmos as memórias acionadas pelos almanaques colecionados em Santa Inês. Georges Bataille (1987) afirmava que o hábito de colecionar coisas é tão antigo quanto a consciência humana. O autor sublinha que, para ganhar um sentido de permanência, os seres humanos começaram a exteriorizar a sua existência em objetos, em ambientes, ou a relacioná-la a fenômenos e sentimentos regularmente produtores de um bem-estar físico e espiritual. Para ele, frente à visão e à experiência da morte, da degeneração, o ser humano buscou a exuberância e descobriu o erotismo. E ainda de acordo com este olhar, nesse processo, passaram a discriminar, ordenar e classificar os objetos, buscando um sentido de permanência, em que alguns objetos começaram a se repetir na experiência, e aí, se tenha a primeira noção de uma coleção, no sentido como se conhece hoje.

As coleções, como uma forma de externar os objetos colecionados, acionam memórias e afetividades, que muitas vezes se confundem com a trajetória dos seus colecionadores. Segundo Pedro Pereira Leite (2012), a investigação sobre objetos biográficos promove uma reflexão “sobre o sujeito implicado nas narrativas; seja do investigador sobre o seu objeto de investigação ou seja do narrador de si mesmo como implicado na construção duma memória de si, que se constitui como um processo de formação da consciência de si e das suas ações” (p. 22).

Ao longo deste trabalho o reconhecimento do almanaque como um objeto biográfico contribuirá para a sua problematização enquanto um patrimônio afetivo. De acordo com Daniele Borges de Bezerra (2013), o patrimônio “pode ser também reivindicado como vínculo memorial, afetivo, em que as lembranças gravadas no passado sejam atualizadas a partir do trabalho de memória” (p. 128).

Do mesmo modo que a atribuição de valores pode ser deslocada para outros elementos ou aspectos da vida que extrapolam o meramente material, é provável que o patrimônio nesse contexto se constitua de outro modo. Assim, pode-se inferir uma aproximação natural entre imaterialidade no campo patrimonial e imaterialidade com relação à vida individual (BEZERRA, 2013, p. 128).

Proposta que dialoga com os pesquisadores Milena Behling Oliveira e Diego Lemos Ribeiro (2019) quando enunciam o conceito de patrimônio afetivo:

Neste sentido pensamos em um patrimônio afetivo, pois ele atua sobre o sensível, emoções e experiências que o sujeito vivenciou e vivencia. [...] E esses sentimentos que acompanham os indivíduos são o que chamamos de afetos. Que não são apenas individuais, eles são compartilhados e complementadas por outros indivíduos que também viveram a mesma época e que possuem lembranças dos mesmos lugares (OLIVEIRA; RIBEIRO, 2019, p. 855).

É possível entender, segundo esses pesquisadores, que quando reconhecemos um bem como um patrimônio afetivo, não só o elegemos através de sua materialidade, mas, além disso, nós o relacionamos nos sentimentos que o envolvem e o acomodam:

Quando falamos de um lugar identificado como um patrimônio afetivo, o mesmo não parece estar mais materialmente no local ou poderá já ter sofrido alterações. [...] Ao refletir sobre as definições de afeto, inferimos que ele é mais que um puro sentimento ou emoção sentidos pelo indivíduo, mas é acima de tudo uma ação. Ao aumentar ou diminuir a potência de agir do sujeito, o afeto passa por um processo de transformação. Assim, quando pensamos a respeito de um patrimônio devemos ter como encargo as questões afetivas. (OLIVEIRA; RIBEIRO, 2019, p. 856).

O patrimônio afetivo torna-se um nicho de investigação de extrema importância, porque representa aspectos sociais de um indivíduo ou de uma comunidade e aciona modos de salvaguarda ou ressignificação de memórias, contribuindo de maneira relevante para a vida dos envolvidos neste processo. Para tanto, nesta dissertação, a aplicação da metodologia com o uso das narrativas de vida será respaldada inicialmente a partir de um levantamento documental, desenvolvido por pesquisadores e pesquisadoras em diversas áreas do conhecimento. A técnica de coleta de depoimentos se assentará a partir de um roteiro com temas a ser aplicado de modo remoto com leitores e leitoras de almanaques em Santa Inês, reconhecendo as narrativas de si nos moldes apresentados por Paul Ricoeur (1994):

A produção da narrativa de si, via exercício narrativo, permite aos sujeitos refletirem sobre as inscrições temporais da sua existência. A narrativa produzida é, ao mesmo tempo, via de acesso à singularidade de uma vida e à

expressão de tempos sociais e históricos. O sujeito produzido na narrativa é, ao mesmo tempo, singular e plural. A sociedade é singularizada nos modos como o sujeito a apreende, sintetiza e atribui sentido. As histórias que os sujeitos produzem, ao tomarem suas vidas nas mãos e contá-las, construindo enredo, conexões, tramas e personagens, realizando “a síntese do heterogêneo” são, ao mesmo tempo, histórias individuais e histórias sociais, que nos falam e nos contam sobre tempos, espaços e culturas. Diante do reconhecimento da pluralidade que nos constitui enquanto sujeitos singulares que somos, estamos, permanentemente, construindo aquilo que somos pelos projetos que fazemos, porque somos seres em devir (RICOEUR, 1994, p. 123).

A escolha da perspectiva de investigação autobiográfica se justificou em virtude da intenção de evidenciar a subjetividade dos leitores de almanaque, além de minhas próprias relações com esse objeto biográfico, visando interpretar os sentidos a partir os relatos e as (re) significações das experiências. Ricoeur (1994) considera que, “por meio da história, o sujeito se dá a conhecer, o sujeito emerge ou aparece. Daí decorre a importância do ato de narrar-se (como acontece no texto biográfico) ou contar-se (como ocorre na entrevista semiestruturada), sendo estes o embasamento ontológico da existência humana” (p. 176).

Portanto, a pesquisa que originou este trabalho reconheceu as narrativas de vida como escolha metodológica visando compreender a relação entre objetos biográficos e patrimônios afetivos. É um trabalho de trilha e de análise da relação entre indivíduos e objeto que se estabeleceu e se reverbera, através de seus códigos de comunicação, que potencializaram a efervescência de memórias e seus enquadramentos, que ajudaram a constituí-los, a inspirá-los e a ressignificar, muitas vezes, a compreensão da suas próprias histórias de vida. Nesse aspecto, Philippe Lejeune (2008) define as narrativas de si da seguinte forma:

Narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade. Para isso, alguns elementos precisam se enquadrar em quatro categorias: 1- A forma de linguagem (narrativa/em prosa); 2-Assunto tratado (vida individual/história de uma personalidade); 3- Situação do autor (identidade do autor – cujo nome remete a uma pessoa real/identidade do narrador); 4- Posição do narrador (identidade do narrador e do personagem principal/perspectiva retrospectiva da narrativa) (LEJEUNE, 2008, p. 14).

Os relatos ou narrativas de vida já ocupam há bastante tempo um espaço significativo em trabalhos acadêmicos em diversas áreas do conhecimento, em particular, nas Ciências Humanas e Sociais e nas Artes, cujos pesquisadores e pesquisadoras têm se debruçado com cada vez mais frequência sobre as questões relacionadas às memórias individuais e coletivas. O que não é diferente no campo da Museologia. Segundo Joseania Miranda Freitas e Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha (2016), os acervos autobiográficos são compostos por objetos cujas

informações rematem às trajetórias de vida e, portanto, é necessário realizar processos de pesquisa “para que se possa ‘escutar as vozes’ dos objetos, buscando compreendê-los material e simbolicamente” (p. 416). Para os pesquisadores, o trabalho de pesquisa com objetos autobiográficos pode revelar “as marcas identitárias de quem os produziu, os utilizou e os salvaguardou, possibilitando também a abertura de outros campos de investigação, a exemplo dos contextos que levam a explicitação dos tempos e espaços com as quais as peças estabeleceram relações” (p. 419). Perspectiva que pode ser visualizada, nesta dissertação, na mobilização da pesquisa autobiográfica:

A pesquisa autobiográfica - Histórias de Vida, Biografias, Autobiografias, Memoriais - não obstante se utilize de diversas fontes, tais como narrativas, história oral, fotos, vídeos, filmes, diários, documentos em geral, reconhece-se dependente da memória. Esta é o componente essencial na característica do (a) narrador (a) com que o pesquisador trabalha para poder (re) construir elementos de análise que possam auxiliá-lo na compreensão de determinado objeto de estudo (MENNA, 2003, p. 2).

Para tanto, a pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, pautada em análise bibliográfica e documental, entremeada por depoimentos e escrita autobiográfica com foco nas seguintes temáticas: colecionismo, memória, objeto biográfico, patrimônio afetivo e almanaque na cidade de Santa Inês.

As pessoas selecionadas para apresentar suas narrativas consistem em moradoras ou ex-moradoras de Santa Inês, leitores, leitoras e/ou colecionadoras de almanaques, preferencialmente com idade igual ou superior a 40 anos, pressupondo o período de maior popularidade desta publicação na cidade. As narrativas autobiográficas terão como mote as memórias sobre os almanaques e o seu provável reconhecimento como um patrimônio afetivo que marcou a história de vida de alguns conterrâneos santineenses⁸, apresentadas em cruzamento com outras fontes, como depoimentos, fotografias e exemplares de almanaques.

O recorte temporal na década de 1980 se justificou pela popularidade dos almanaques em Santa Inês e em outras cidades brasileiras. Isso pode ser visualizado pela afirmação de que até no final da década de 1980 o número de cartas endereçadas às seções do leitor - espaço reservado dentro dos livretos para publicação de correspondência de seus leitores e leitoras – era muito grande, como evidencia Margareth Brandini Park (1999), sobre a quantidade e o teor de cartas dos leitores às editoras dos almanaques:

⁸ Gentílico dos naturais ou moradores de Santa Inês, Bahia.

Os leitores são provocados a escrever e o fazem por diversos motivos, para oferecer sugestões, se autodenominando leitores-colaboradores, para pedir informações, para se corresponderem, contando suas histórias e de sua família em tom coloquial, desabafando, contando graças e desgraças como se estivessem diante de um amigo próximo (PARK, 1999, p. 161).

A partir da década de 1990 era possível notar uma decrescente publicação dessa seção e também a ausência de alguns livretos de determinadas marcas de medicamentos. Aliado a este fato, já era notório que os almanaques de outros gêneros já não mais circulavam em Santa Inês e, pessoalmente, desconfiava que os seus editores não pareciam ter o mesmo interesse nas suas publicações. Creio que com o passar dos tempos e com o advento e a popularização de novas tecnologias, como os aparelhos de tv, os rádios portáteis e, posteriormente, a internet, as gerações de leitores e leitoras pareciam não ter com os almanaques uma relação afetiva como a construída por muitas pessoas de minha geração. No meu entendimento, a relação entre os novos leitores e os almanaques era mais superficial e pautava-se apenas no âmbito da curiosidade – seus objetos afetivos já não eram os almanaques. Por estas razões é que selecionei pessoas que vivenciaram o auge da circulação dos almanaques em Santa Inês, partindo do pressuposto de uma maior probabilidade de identificar uma relação entremeada de lembranças e afeto com os almanaques, ao ponto de serem objeto de colecionismo.

Os procedimentos que subsidiaram a coleta de dados, incluem entre as suas incumbências, o registro de depoimentos de leitores e leitoras dos almanaques, escolhidos sob critérios aqui já expostos. A metodologia de narrativas (auto) biográficas tem se apresentado como um formato ou ferramenta bastante reconhecida e referendada, como assinala o professor e pesquisador Elizeu Clementino de Souza (2007), quando enfatiza:

É no bojo do paradigma compreensivo, que a história de vida se legitima como método/técnica de investigação/formação, situando-se no campo da virada hermenêutica, em que se compreendem os fenômenos sociais como textos e a interpretação como atribuição de sentidos e significados das experiências individuais e coletivas (SOUZA, 2007, p. 65).

Entusiasta dessa metodologia, nesta dissertação explicitarei narrativas de vida atravessadas pela presença dos almanaques nas memórias de pessoas que moraram em Santa Inês na década de 1980, tornando a escuta desses relatos autobiográficos como protagonista deste trabalho e o modo como, a partir dessas memórias, é possível compreender diferentes aspectos da vida naquela localidade.

A pesquisa de campo em Santa Inês, Bahia, *lócus* de minha investigação e coleta dos depoimentos, foi impactada pelos imprevistos imponderáveis causados pela pandemia imposta

pela Covid-19. Assim como impactou e trouxe sequelas para todas as nossas vidas, a pandemia também gerou impedimentos que refletiram neste trabalho e que foram determinantes para uma adaptação da proposta inicial. Por essas razões, a coleta de informações foi realizada predominantemente por e-mail e pelo uso de mídias sociais, o mesmo se deu com a coleta dos depoimentos, realizada por meio remoto, o que impôs, muitas vezes, um ritmo fragmentário à troca de perguntas e respostas. Houve também a necessidade da intermediação de terceiros quando as ferramentas digitais eram inviáveis, por conta de vários fatores, como, por exemplo, o não acesso à internet por parte de alguns depoentes.

Os diálogos à longa distância foram caracterizados por pausas para minha reflexão e pedidos de elucidações, seguidos de pequenos desvios para assuntos que inicialmente não eram pretendidos. E à medida em que a coleta de dados se efetivou, paulatinamente ela foi se adequando ao novo contexto e, portanto, foi fundamental a técnica “bola de neve”⁹, um tipo de expediente que se utiliza de amostragens de um conjunto de cadeias referenciais. A pesquisadora Juliana Vinuto (2014), no artigo “A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto”, reflete os seguintes aspectos dessa amostragem e que também se tornaram itinerários metodológicos para minha pesquisa:

A execução da amostragem em bola de neve se constrói da seguinte maneira: para o pontapé inicial, lança-se não de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como sementes, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisador (VINUTO, 2014, p. 203).

A execução dessa amostragem transformou-se em um expediente metodológico que me proporcionou alguns benefícios diante das limitações para executar integralmente a minha investigação em campo. Foi uma opção que me permitiu, diante dos entraves e dos problemas ocasionados pela pandemia, obter formalmente e em profundidade os depoimentos de oito pessoas que tiveram suas trajetórias e memórias impactadas pelos almanaques em Santa Inês. Além dos critérios explicitados, a quantidade de depoentes também foi definida pela recorrência

⁹ A amostra por “bola de neve” é uma técnica de amostragem não probabilística onde os indivíduos selecionados para serem estudados indicam novos participantes da sua rede de amigos e conhecidos.

das informações, encerrando a busca por novos depoimentos quando as respostas atingiram aquilo que se convencionou denominar de “ponto de saturação”: a repetição dos nomes indicados para coleta de informações, a repetição das informações e/ou o alcance dos objetivos propostos.

Além do prólogo e desta introdução, o trabalho é composto de três capítulos. No primeiro, revolvo minhas reminiscências recuperando aspectos da trajetória de Seu Nôza, primeiro colecionador de almanaques de Santa Inês. A partir dessas memórias, evidencio as diferentes tipologias de almanaques, sua circulação e múltiplas formas de colecionismo. Do mesmo modo, analiso os catálogos de duas exposições “Do Almanak aos Almanques” e “Tempo de Almanaque”, com o intuito de perceber alguns aspectos sobre o colecionismo e a trajetória desses impressos no Brasil.

No segundo capítulo, apresento a circulação de almanaques na Bahia e em Santa Inês, visualizando as memórias de leitores e leitoras em terras santeneenses a partir de minhas memórias e dos depoimentos de conterrâneos e conterrâneas. A partir dessas narrativas demonstro como o almanaque se transformou em um patrimônio afetivo que possibilita, por exemplo, acionar diferentes memórias sobre minha cidade natal.

No terceiro capítulo evidencio como os almanaques impactaram minha trajetória de vida, tornando-se fundamentais em meu processo de letramento e constituindo em patrimônio afetivo de minha família. Ainda evidencio como os almanaques tornaram-se fundamentais em meu processo de letramento e de como esses objetos, a partir de sua inclusão no meu espaço familiar, tornaram-se utensílios obrigatórios, como símbolos ou representantes afetivos no cotidiano de minha casa. Será destacado neste capítulo, a importância desses livretos como artefatos que guardam significados sentimentais nas minhas memórias, perpetuam o passado e auxiliam na construção de minhas narrativas biográficas. O seu colecionismo também será enfatizado ao mesmo tempo em que circulavam no meu dia a dia, flexibilizando as suas utilidades primárias, quando transformaram-se em recursos didáticos para o letramento e objeto significativo para acionar memórias do colecionismo em Santa Inês.

3 UMA COLEÇÃO DE COLEÇÕES: O COLECIONISMO DE ALMANAQUES E OS ALMANAQUES EM EXPOSIÇÕES

Oh! Bendito o que semeia
livros à mão cheia
e manda o povo pensar!
O livro, caindo n'alma
é germe – que faz a palma,
é chuva – que faz o mar! [...]
Castro Alves (2003, p. 29).

Eu tinha dez anos incompletos quando fui à rua sozinho pela primeira vez para comprar aviamentos de costura que minha mãe precisava para terminar um vestido em que trabalhava. Em Santa Inês na minha época de menino, no final da década de 1970, “ir à rua” significava ir ao centro da cidade que ficava aproximadamente a dois quilômetros de distância de minha casa e a rua era o local mais movimentado da cidade, com muitas casas de comércio, os órgãos públicos, a praça central em que está a igreja matriz e a praça municipal, onde ocorriam semanalmente as feiras livres. Para nós, meninos em fase de crescimento e com ambição de logo se tornar mais independentes, ir à rua pela primeira vez para comprar algo, para levar algum recado ou para realizar qualquer tarefa de mando, parecia adicionar às nossas responsabilidades de futuros adultos, um “*status*” de missão muito relevante que nos soava como uma espécie de batismo para algo significativo: ir à rua sem a condução de um adulto responsável provava de maneira irrefutável e contundente (em nossa imaginação) que estávamos nos tornando adultos e, obviamente, isso se tornava motivo de muito orgulho. Do mesmo modo, de muitas fanfarrices entre nós meninos do interior, que nos gabávamos aos quatro ventos desse acontecimento, como se tivéssemos conquistado algum importante troféu de uma olimpíada imaginária.

Os aviamentos que minha mãe começou a partir dali me encarregar de comprar com certa frequência eram tubos de linha da marca *corrente*, agulhas, dedais, botões, zíperes etc., apetrechos que só eram vendidos no armário de Alderiva Rodrigues Teófilo, conhecida como Dona Zuzú, e na venda de Clidenor Barbosa de Menezes, Seu Nôza, a mercearia mais famosa da cidade, onde se encontrava quase tudo que outros comércios não possuíam. Acredito que a venda de Seu Nôza foi a primeira amostra do que posteriormente conheceríamos em Santa Inês pelo nome de supermercado, pela sua variedade de produtos e também pela comodidade dos fregueses entrar no estabelecimento e eles mesmos escolherem o que iriam comprar, isso era por volta do final da década de 1970. No comércio de Seu Nôza era muito raro não se encontrar

para comprar o que se procurava, pois “tinha de tudo um pouco e muito mais”, como ele sempre se gabava em repetir.

De tudo que eu me lembro e que sei sobre Seu Nôza, é que ele foi um homem muito ativo em seu comércio, aparentava ter por volta de 60 anos ou um pouco mais e quase todas as vezes que precisei ir à sua mercearia para comprar algo, quando não estava despachando ou arrumando alguma mercadoria, o encontrava sentado em uma cadeira de vime descolorida e puída pelo tempo, lendo algum almanaque, segundo ele, seu único vício nessa vida. Esquivo às fotografias de si mesmo, a figura 1 é uma das raras imagens de Seu Nôza, quando ainda desfrutava de plena saúde:

Figura 1 - Seu Nôza, 1996.



Fonte: Acervo de Maria das Graças Aquino.

Eu nunca soube direito sobre as origens de Seu Nôza e de que estado ou cidade ele veio, apenas sabia que ele foi caixeiro-viajante nos tempos áureos em que a estrada de ferro atravessava Santa Inês e outras cidades adjacentes. Por isso, Seu Nôza dizia conhecer muitas cidades e muitos lugares distantes e vangloriava-se de ter conhecido em seus tempos de juventude até o “estrangeiro”, que era como ele se referia ao Paraguai, país que, segundo ele, seria a sua futura pátria. Rápido no seu andar e ágil com as palavras (eram constantes os comentários sobre sua “grande cultura”), Seu Nôza dizia que sabia muita coisa porque tinha lido muitos almanaques - a sua enciclopédia particular - que seria conhecida posteriormente pelos muitos leitores e leitoras santeneenses dos tais “livrinhos” que falavam de “tudo” e que

foram posteriormente alugados por um valor a ser estabelecido por cada período de locação. Seu Nôza era (a mim hoje parece) um amante da leitura, especialmente dos almanaques, mas também possuía um tino comercial apurado para o comércio. Creio que ele enxergava nessas “revistinhas” uma forma de faturar algum dinheiro através de seu aluguel, pois percebia o grande interesse que os almanaques despertavam nas pessoas de um modo geral, principalmente os almanaques de farmácia, distribuídos gratuitamente nos finais de cada ano, onde muitas vezes era comum a formação de filas em frete à *Pharmacia Santa Inês*, única farmácia da cidade na época, para adquirir um exemplar dos impressos. Como pessoa de comércio e viajada, provavelmente ele percebia naquele nicho (o aluguel), mais uma oportunidade de ganhar dinheiro, por isso, também creio que a sua própria propaganda falatória sobre os almanaques era um *marketing* pensado para atingir o seu propósito de ganho, embora ele parecesse mesmo gostar muito de ler almanaques.

Das minhas lembranças mais nítidas de como Seu Nôza sortia o seu comércio com novas mercadorias para serem ofertadas, se derivavam das viagens que ele fazia pelas cidades próximas e mais prósperas economicamente que Santa Inês, que ele realizava para adquirir cada vez mais itens para o seu comércio, ele levava quase sempre em suas bagagens novos exemplares de almanaques que encontrava e aumentava assim a sua coleção dos livretos que já se encontrava naquela época em um número bastante significativo (mais de 70 unidades). A coleção possuía uma tipologia razoavelmente diversificada, que ia de almanaques de farmácia, almanaques administrativos do estado da Bahia, almanaques literários, almanaques de curiosidades e alguns exemplares de almanaques luso-brasileiros, pelo que me lembro. Em seu estabelecimento, também encontrávamos vários objetos desejados: brinquedos como bolas de gude, bodoque (estilingue), triângulo (fura-pé), muitos álbuns de figurinhas e até sorvete feito na hora, servido em copinhos de café.

Com a procura pelos almanaques em Santa Inês, muitos de seus leitores frequentavam a mercearia de Seu Nôza para ler os livros de sua coleção, expostos sobre um varal de arame improvisado e presos com pregadores de roupas, que ele alugava a dez centavos por cada meia hora, para se ler ali mesmo no seu comércio, num canto destinado à guarda das mercadorias que adquiria quando viajava. Seu Nôza era um colecionador e tenho a impressão que ele via em seu *hobby* uma forma a mais de ganhar algum dinheiro. Lembro de alguns comentários que se faziam sobre ele, normalmente o adjetivando como um “dinheirista”, embora eu nunca acreditasse nisso no meu íntimo.

E, assim, a coleção particular de almanaques que Seu Nôza disponibilizava aos leitores e leitoras de Santa Inês, através de seu aluguel, possibilitou o acesso aos mais diversos tipos desses livretos e muito da popularidade que eles obtiveram em Santa Inês, porque de todos os estabelecimentos que existiam na cidade, apenas no seu comércio eram encontrados os impressos. Do mesmo modo, conforme os depoimentos colhidos para este trabalho, possibilitou aumentar também a circulação desses livros na cidade e, por consequência, promover encontros de seus leitores e leitoras. O colecionismo de Seu Nôza se insere nos critérios que o pesquisador José Rogério Lopes (2010) informa:

Assim, mesmo se percebendo que o colecionismo apresenta uma diversidade grande de estímulos e intenções, é importante enfatizar que essas práticas devem ser pensadas em razão da biografia das pessoas, no sentido de que o momento em que se começa a colecionar e os motivos das coleções têm relação com a trajetória de vida das pessoas, e marcam propriedades atribuídas a seus ciclos de vida. E embora se trate de um aspecto sempre subjetivo, a relação que as coleções estabelecem com a vida das pessoas é um motivo interessante para pensar, para pesquisar e, ao mesmo tempo, para compreender a forma pela qual as coleções depois são expostas, ou não, e em que condições, ou atendendo a que intencionalidades. Há muitas pessoas que mantêm suas coleções guardadas desde a infância, sem expô-las, e há aquelas que colecionam justamente para expor e, em torno dessa exposição, estabelecer interlocuções, trocas e uma série de outras relações que acabam motivando perspectivas distintas de sociabilidade (LOPES, 2010, p. 386).

É muito provável que Seu Nôza não tenha se dado conta que o seu “*hobby*” colecionista, tenha tido consequências na trajetória da vida de muitas pessoas que alugaram os seus almanaques e internalizado muitos de seus conteúdos, e ele sequer tenha em algum momento imaginado que as suas ações tiveram fortes impactos. Eu, como um indivíduo que teve a trajetória atravessada pelas leituras de alguns dos almanaques alugados, vejo Seu Nôza como um colecionador de objetos que os partilhava com outras pessoas, não aprisionando-os apenas para si mesmo, mas dividindo-os com outras pessoas e, ainda que em sua intencionalidade houvesse o objetivo de obter renda, ele também partilhava afetos. Essas memórias dialogam com as reflexões de Jean Baudrillard sobre as funções que o colecionador delega aos seus objetos de estima:

Todo objeto tem desta forma duas funções: uma que é a de ser utilizado, a outra a de ser possuído. A primeira depende do campo de totalização prática do mundo pelo indivíduo, a outra um empreendimento de totalização abstrata realizada pelo indivíduo sem a participação do mundo. Estas duas funções acham-se na razão inversa uma da outra. Em última instância, o objeto estritamente prático toma um estatuto social: é a máquina. Ao contrário, o objeto puro, privado de função ou abstraído de seu uso, toma um estatuto

estritamente subjetivo: torna-se objeto de coleção (BAUDRILLARD, 1993, p. 94).

No meu entendimento, a relação que Seu Nôza tinha com os almanaques extrapolava os seus propósitos de renda e as funções originais dos próprios objetos coletados, os tornando, ele e os objetos, colecionador e coleção, sob o ponto de vista de uma relação entremeada pelos jogos dos afetos.

Os almanaques são objetos repletos de memórias, são obras marcadas pelas relações cotidianas que impactaram a vida de muitas pessoas. Eu percebo esses livretos como se eles fossem um emblema que congrega narrativas que podem nos afetar:

Há nos objetos memórias de você, mas parece que tudo o que restou deles me agride ou me conforta, porque são sobras de afeto. Em silêncio, esses mesmos objetos me contam sobre você. É com eles que te invento e te recupero. É com eles que tento descobrir quantas tragédias ainda podemos suportar. Talvez eu deseje chegar a algum tipo de verdade. Não como um ponto de chegada. Mas como um percurso que vasculhe os ambientes e dê início a um quebra-cabeça, um quebra-cabeça que começa atrás da porta da sala, onde encontro um alguidar de argila alaranjada. [...] Olho para tudo isso e percebo que serão esses objetos que vão me ajudar a narrar o que você era antes de partir. Os mesmos utensílios que te derrotam e que agora me contam sobre você. Os objetos serão o teu fantasma a me visitar (TENÓRIO, 2020, p. 13-14).

Quando saí de Santa Inês para Salvador, em 1995, os almanaques já não eram mais tão populares e praticamente já havia cessada a distribuição desses impressos de medicamentos nas duas farmácias da cidade, Pharmacia Santa Inês e Farmácia Santa Rosa de Lima. O “progresso” despontava em Santa Inês e os meios eletrônicos de comunicação (TV, rádio FM, brinquedos eletrônicos e computadores) viraram as “febres” da cidade e as novas gerações já não se interessavam muito pelas bulas dos almanaques, o que foi muito significativo para seu desinteresse. Os almanaques foram aos poucos relegados apenas às memórias de seus leitores e leitoras mais antigos.

Seu Nôza, já com idade avançada, transferiu para os seus quatro filhos a direção de seu comércio e ficava mais em casa, resguardado por conta de alguns “males da idade”. Mais velho e mais debilitado, as doenças o incapacitaram até de se locomover e ficou, a partir de algum tempo, deitado sem mais andar. Seus quatro filhos não continuaram o negócio e três deles já faleceram, restando apenas um que já não mora em Santa Inês há muitos anos.

Seu Nôza, atualmente com 97 anos, encontra-se acamado e sem os movimentos das pernas por conta da osteoporose e foi levado de Santa Inês para uma cidade vizinha chamada Ubaíra, na área rural, onde é cuidado por uma sobrinha neta há mais de dez anos. Pouco se

ouviu falar de Seu Nôza a não ser pelo seu estado frágil de saúde e dos problemas que o impossibilitam até de reconhecer antigos amigos de Santa Inês.

Veza por outra, quando vou à Santa Inês ou quando me comunico com meus parentes que lá ainda residem, quando lembro, pergunto sobre o destino de Seu Nôza, mas não ouço nenhuma nova notícia. Como ele é cuidado por uma parente que reside na área rural de outra cidade, o acesso às notícias sobre ele quase não existe, o que sabe até o presente momento é que ele não reconhece mais ninguém. Sua coleção de almanaques, segundo algumas pessoas mais idosas, já não existe mais porque não houve nenhuma iniciativa de sua continuidade e seus exemplares foram perdidos ou estragados pelo tempo e pela falta de cuidados. Mantenho ainda a esperança de um contato com sua sobrinha neta, mas até o momento não obtive sucesso no meu objetivo.

O senhor Álvaro Luiz de Almeida é um dos meus depoentes para este trabalho. A meu pedido ele permitiu que fosse fotografado (Figura 2), segurando um velho almanaque muito deteriorado e desfolhado. Foi um dos livretos que ele alugou de Seu Nôza e que esqueceu de devolver em 1984. O livreto é um exemplar do *Almanaque Biotônico Fontoura* de 1983 e contém apenas duas páginas que marcam o calendário do mês de junho daquele mesmo ano:

Figura 2 - Álvaro Luis de Almeida (Alvino) com o almanaque.



Foto: Josmar Rodrigues Barbosa, 2021.

Para mim, a coleção de almanaques que Seu Nôza mantinha e alugava dizia muito sobre ele mesmo e da sua visão de mundo. Enquanto reunião de vários objetos, que abordavam

diversos conhecimentos e exploravam múltiplas temáticas, o colecionismo desse indivíduo representava o universo multicolor da vida e o seu variado cardápio dos muitos dos seus temperos. As informações, os saberes populares e os conhecimentos científicos de fácil acesso os tornavam as “enciclopédias” das pessoas sem alfabetização ou com pouco ou sem letramento. E seu Nôza proporcionou aos cidadãos de Santa Inês o acesso aos mundos externos à cidade através dos almanaques, esses impressos mediadores de informações. E se um dia fosse criado um almanaque santeneense, proporia certamente que o assunto principal e a imagem desse livreto estampasse a foto de Seu Nôza e que se contasse um pouco de sua história.

Estimulado por estas memórias, abordarei neste capítulo questões relacionadas ao colecionismo, tema amplo que envolve o agrupamento criterioso de objetos e como a relação entre ambos pode evidenciar variadas lembranças e esquecimentos. A ação de agrupar objetos é resultado de um planejamento de aquisição deliberada de seu colecionador ou colecionadora em reuni-los sob uma intenção deliberada para conservá-lo e preservar também algo de seu passado. Além disso, evidenciarei as diferentes dimensões acionadas pelo colecionismo, tema já algum tempo ampliado e sujeito à várias perspectivas e interpretações que dialogarão com as coleções de almanaques.

Neste capítulo abordarei as prováveis origens dos almanaques, as suas tipologias e o modo como esses impressos circularam no Brasil, até os recantos mais distantes das áreas urbanas e rurais. As possíveis origens de seu nome que contemplam diversos significados, ainda que em todas as suas derivações etimológicas as questões de medição de tempo sejam uma nuance presente, também serão temáticas explicitadas e analisadas.

Da sua mais provável origem na Europa no século XV à sua circulação por muitos países do ocidente, os almanaques chegaram ao Brasil a partir do século XVIII e se tornaram, no auge de sua popularidade, a “enciclopédia dos pobres”, alcunha recebida de muitos de seus leitores e leitoras. Fontes de informações sobre variados temas, esses livretos tiveram em seu gênero de farmácia os almanaques de maior popularidade, tendo dentre esses o *Almanaque Biotônico Fontoura* o de maior notoriedade e de maiores tiragens de publicação, que tinha como mascote o personagem Jeca Tatu¹⁰, figura criada pelo escritor Monteiro Lobato.

Por fim, neste capítulo analisarei duas exposições realizadas em momentos distintos sobre os almanaques, evidenciando a importância de sua presença na trajetória de vida de muitos de seus leitores. A primeira exposição, “Do Almanak aos Almanques”, foi inaugurada na

¹⁰ Jeca Tatu, personagem muito popular do escritor Monteiro Lobato, tornou-se adjetivo pejorativo para designar pessoas pobres e sem instrução, sinônimo de caipira em algumas regiões do país.

Fundação Memorial da América Latina, percorreu diversas capitais brasileiras e foi concebida para prolongar a sessão de encerramento do Colóquio “Os Almanques populares: da Europa à América – gênero, circulação e relações interculturais” realizado na Universidade de Campinas, estado de São Paulo, de 26 a 28 de outubro de 1999 e contou com a presença de diversos especialistas sobre o assunto. Esta mostra apresentou imagens de diversas capas de almanques gerais e almanques de farmácia. A segunda exposição, intitulada “Tempo de Almanaque”, consistiu na exposição de almanques de farmácia que acompanharam várias gerações de leitores nos séculos XIX e XX. Esta exposição foi estruturada em painéis que exibiram capas e também páginas de diversos almanques. Ocorrida no ano de 2015 e concebida pelo Serviço Social do Comércio (SESC) foi inaugurada no Paraná e percorreu diversas unidades do órgão nesse estado. Na mostra foram contadas as histórias acionadas pelos livretos e apresentados vários de seus exemplares.

As exposições “Do Almanak aos Almanques” e “Tempo de Almanaque” produziram livros-catálogos, aqui concebidos como “vestígios documentais”, que apresentam minuciosamente seus conteúdos e que podem ser acessados em versões digitais ou em formato impresso. São fontes de informações sobre almanques gerais e almanques de farmácia e demonstram as influências que tiveram esses livretos na trajetória de vida de muitos leitores e o seu papel como mediadores de conhecimentos.

3.1 O COLECIONISMO ENTRE A FORMA, O AFETO E O CONTEÚDO

A etimologia da palavra “coleção”, do latim *collectio*, remete à reunião ordenada de objetos com interesse estético, cultural, científico etc. Milhares de pessoas colecionam os mais diversos objetos em todo o mundo e, muitos de nós, o fazem durante toda a vida. De alguma maneira, colecionar parece ser algo que está ligado à nossa própria história de vida e implicado em diversas fases dela, a exemplo da coleção particular de almanques que Seu Nôza disponibilizava aos leitores e leitoras de Santa Inês.

Caso seja perguntado a um colecionador, por que ele coleciona, provavelmente se obterá vários tipos de respostas, como por *hobby*, desejo de infância, preservação de memória, prolongar a vida de objetos, prazer em exibir relíquias, valor sentimental ou econômico, diversão, emoção, conhecimento, encantamento, enfim, as mais diversas razões motivam tal atividade e continuam a provocar diversos estudos sobre o assunto.

O senhor Jorge dos Santos ou “Seu Liu”, como é conhecido, era vizinho de rua quando eu morava em Santa Inês em minha infância, possuía uma coleção singular: seu pequeno acervo era composto por botões de roupas que ele encontrava nas ruas. Não serviam botões comprados ou doados por alguém, era imperativo que fossem objetos achados nas ruas da cidade. Seu Liu os guardava numa grande frasqueira e ele próprio sequer sabia a quantidade exata dos objetos ajuntados, mas que se aproximavam, segundo seu filho Josevaldo ou “Deco” (meu amigo de infância), de duzentas unidades. Deco me revelou que a coleção de botões de seu pai começou no dia em que ele leu em um livro que encontrar um botão era um sinal de um acontecimento auspicioso: no transcurso do dia em que se achava um botão, aconteceria uma boa surpresa. Desde então, Seu Liu começou a sua coleção de botões.

Outra coleção que se comentava muito em Santa Inês era a de canetas-tinteiro do senhor Antônio Reis, tabelião da cidade e compadre de meu pai. Sua coleção era organizada sistematicamente por ano de lançamento de cada caneta que eram adquiridas pelas mais diversas formas: compradas, presenteadas etc. Era, portanto, uma coleção constituída de objetos mais caros e mais elitizada para os padrões da cidade. Dizia-se que a coleção de canetas tinha se iniciado no dia em que o senhor Antônio dos Reis foi nomeado tabelião da Justiça, ainda na década de 1950. Seu acervo era acomodado em uma caixa grande de madeira e contava com mais de 120 canetas-tinteiro. Ao contrário de Seu Liu, o Sr. Antônio Reis colecionava seus objetos sem qualquer critério de origem, a não ser pela razão de serem canetas-tinteiro.

O fato é que o colecionador, muitas vezes, não se contenta em colecionar apenas um objeto. Existem coleções de um número infinito de coisas: revistas, tampinhas, selos, moedas, livros, miniaturas cartões postais, bonecas, quebra-cabeças etc. Coleções representam e simbolizam por meio dos objetos ordenados sistematicamente, o espírito ou os afetos de seu colecionador que, de certa forma, também se expõe. Jean Baudrillard (1993) ressalta o deslocamento da função original do objeto, relacionada à sua utilidade prática, para uma função subjetiva, abstraída de sua atribuição primária, quando os objetos tornam-se posses pelo seu colecionismo:

A posse jamais é a de um utensílio, pois este, me devolve ao mundo, é sempre a de um objeto *abstraído de sua função e relacionado ao indivíduo*. Neste nível todos os objetos possuídos participam da mesma *abstração* e remetem uns aos outros na medida em que somente remetem ao indivíduo. Constituem-se pois em sistema graças ao qual o indivíduo tenta reconstituir um mundo (BRAUDRILLARD, 1993, p. 95).

Para que se classifique o ajuntamento de objetos como uma coleção, é preciso que esta reunião de itens extrapole a aglomeração aleatória de coisas. As coleções possuem critérios justificáveis e motivações específicas que as legitimam através de uma representatividade que extrapola o ato de agrupar objetos e dar continuidade às suas funções originais ou primárias. A partir de ações deliberadas de seu colecionador ou colecionadora, os objetos reunidos por razões que obedecem a diversos critérios, passam a desempenhar um papel de expressão e de simbologia, a partir de parâmetros de seus sentimentos e de suas emoções, cujas consequências reverberam no âmbito das memórias e são corroboradas pelas ligações de afinidades, como se as ressonâncias afetivas tornassem extensões da própria existência do colecionador.

Josafá Rodrigues Barbosa, um de meus irmãos e oito anos mais velho que eu, foi quem de minha família esteve mais próximo do que eu posso classificar como um colecionador. Seus objetos eram adquiridos para o seu próprio entretenimento e itens que eram guardados e organizados sistematicamente em uma prateleira de cano pvc, adaptada por ele mesmo para acomodar o ajuntamento dos objetos que obedecia a uma lógica de ordenamento. Aficionado, como outros meninos de sua geração, meu irmão reuniu com muita tenacidade uma quantidade significativa de tampinhas de garrafa ou “castelos”, como nós chamávamos em Santa Inês. Havia tampinha de todo jeito, de muitas cores e de muitas marcas: de cerveja, de aguardente, de refrigerante, de tubaína, de refresco e também tampinhas enferrujadas, machucadas e muitas delas até desprovidas de alguma parte, mas que estavam em seu acervo por serem itens com algum valor de raridade: o valor das tampinhas estava sempre ligado ao valor das bebidas de onde elas provinham. Reunidas primeiramente em uma grande caixa, as tampinhas obtidas por meu irmão eram cuidadosamente lavadas, selecionadas e separadas de acordo com a importância que ele lhes atribuía e depois eram finalmente acomodadas em caixas de madeiras menores, confeccionadas por ele mesmo e guardadas em um quatinho que ficava em nosso imenso quintal.

Embora eu fosse muito novo (eu tinha entre oito e nove anos), lembro do estado de euforia ou de grande decepção de meu irmão quando conseguia adquirir novas tampinhas ou quando, por alguma impossibilidade, ele não conseguia obtê-las. Alguns de nós em minha casa nos envolvíamos na coleta de tampinhas e levávamos para casa muitos itens que encontrávamos pelas ruas da cidade ou quando eles advinham de alguma doação das vendas (mercearias) ou de bares que comumente doavam de bom grado para quem os pedisse, não era raro adquirir-se enormes quantidades de tampinhas doadas pelas casas de comércio de Santa Inês.

A partir de certo momento que não lembro exatamente em que ano, o encantamento de meu irmão pelas tampinhas de garrafas foi se desfazendo e parece ter acabado por completo quando ele já tinha centenas delas e ele, já adulto, “pronto” para trabalhar fora de Santa Inês e ajudar nas despesas de casa, resolveu desfazer-se da coleção pela qual tanto se esforçou. Como nenhum de nós quis continuar a prática colecionista, ele doou toda sua coleção para um primo nosso que nos visitava nas férias de escola em quase todos os anos. Nunca mais se soube o que aconteceu com coleção de tampinhas de meu irmão.

Ainda hoje, consigo lembrar do som produzido pelas tampinhas depois de adquiridas quando eram despejadas por meu irmão em várias caixas de madeira para serem separadas depois de serem lavadas e reacomodadas criteriosamente em novas caixas de forma definitiva e lembro de com esse fato exigia de quase todos nós que participássemos dessa atividade que conseguia nos reunir como uma equipe de trabalho para colaborar com a empreitada. Cada um de nós realizando alguma tarefa que incluía: lavar, despejar na caixa maior, separar por marca, por cor, por estado de conservação etc.

No que o colecionismo de almanaques se refere a mim, não posso dizer que fui um colecionador, embora em determinadas épocas de minha infância e adolescência tenha tido vários almanaques, mas que foram perdidos ou desapareceram por diversas razões. Já cheguei a ter perto de 30 exemplares dos livrinhos de farmácia e hoje tenho apenas três exemplares que consegui à custa de muita procura e de alguma sorte. Em minha casa, nos meus tempos de infância existiam diversos almanaques de vários gêneros, mas que infelizmente também nos foram todos subtraídos por inúmeros acontecimentos. São três exemplares de almanaques que atualmente possuo e que conservo como um verdadeiro tesouro (Figura 3), eles representam sentimentos que estão intrinsecamente ligados a partes inesquecíveis de minha infância e de minha adolescência.

Figura 3 - *Almanaque Biotônico Fontoura*, 1960; *Almanaque dos Símbolos*, 2011; e *Almanaque Renascim Sadol*, 2019.



Fonte: Acervo de Josenilto Rodrigues Barbosa.

O colecionismo está visceralmente imbricado com a história dos seres humanos e as coleções, quase que invariavelmente, estão sujeitas aos vínculos que indivíduos imprimem sobre os objetos (afeto, comercialização, troca, consumo etc.) e que as categorizam como bens culturais e afetivos. De acordo com José Rogério Lopes (2010) é possível refletir sobre o seguinte aspecto:

[...] as práticas individuais de colecionar, que exercitam a discriminação dos objetos dispostos no mundo para o desenvolvimento da inteligência, transmutam-se pela comunicação entre os indivíduos – como exercício de ordenação comum dos objetos dispostos no mundo – para o desenvolvimento da razão e do discurso, como práticas sociais civilizatórias. Os limites e a diversificação dos objetos dispostos no mundo, assim como a menor ou maior complexidade de seus arranjos ambientais ordenados coletivamente, seriam fatores explicativos das coleções historicamente condicionadas pelas práticas sociais (LOPES, 2010, p. 380).

A partir dessa perspectiva, o colecionismo traduziria a história da relação entre indivíduo e a sociedade a qual ele pertence. Para Francisco Marshall (2005) há uma fronteira intrínseca entre o ato de colecionar e o ato de comunicar, os dois aspectos são estreitos e coexistem: “coletando e, logo, colecionando, nossos ancestrais aprenderam a discernir recursos naturais e a selecionar possibilidades vitais no mundo; desde a pré-história e a cada nova geração, conseguimos organizar sons e sinais sob a forma de discursos” (p. 14).

Quem coleciona quer comunicar e quer, muitas vezes, “eternizar” a sua existência através dos objetos colecionados. Objetos reunidos que obedecem a uma diretriz sistemática de agrupamento propiciam reconstruir trajetórias de vida e quando ressignificados de sua utilidade

primária estimulam e acionam lembranças pelo vínculo de afeto que passa a ordenar e a justificar o seu colecionismo. A perspectiva antropológica de José Rogério Lopes a respeito das coleções também enfatiza as questões relacionadas à afetividade, quando diz que:

[...] pode-se perceber que as pessoas projetam um sentimento de afetividade às suas coleções, no sentido de preservação. Na medida em que se separam certos objetos do seu contexto 'natural', se transformam esses objetos, atribuindo-lhes uma sequência que os distancia de outros objetos, com propriedades distintas; atribuindo-lhes sentido, passa-se a tratá-los como coleção e a dedicar certo cuidado necessário à sua manutenção. Esse processo cria uma familiaridade com eles. Trata-se de uma forma de extrair o objeto de seu contexto e de aproximá-lo de um contexto pessoal, metamorfoseando suas propriedades a partir do sentido de familiaridade, o que, acrescido de uma perspectiva de duração, adquire valorização. Esse afeto é uma forma de valorização decorrente da familiaridade que se estabelece com as coleções (LOPES, 2010, p. 386).

O colecionismo agrega motivações subjetivas que direcionam e justificam sua existência, cujos valores possuem fatores pessoais ou coletivos que estão intimamente conectados com os registros de lembranças ou com as memórias de vários acontecimentos, intrínsecos à vida de seus colecionadores e colecionadoras. Estes comunicam e exprimem, através dos objetos colecionados, valores imateriais/intangíveis através das suas representações afetivas.

De acordo com Krzysztof Pomian (1984), os objetos que estão em uma coleção são destituídos de seu valor original, quando vinculados a partir de critérios do colecionamento que os circunscrevem. Para este autor, “tudo se passa como se não houvesse outra finalidade do que acumular os objetos para expor ao olhar. Ainda que não tenham qualquer utilidade e nem sequer sirvam para decorar os interiores onde são expostos, as peças de coleção ou de museu são, todavia rodeadas de cuidados” (p. 52).

Histórias de vida podem ser transcritas, interpretadas, ou numa ação contrária a essas premissas, serem esquecidas, silenciadas ou omitidas de seus relatos, quando não são evocadas pelas lembranças dos indivíduos que, de alguma forma, tiveram as suas existências atravessadas, cruzadas pela evidência da sua companhia. Parece haver no bojo das relações com os objetos, pistas ou indícios persistentes que corroboram a sua relação de importância significativa nas vivências de quem teve a trajetória marcada pelas lembranças de seu passado a partir do colecionismo, a exemplo da coleção de almanaques da família Carneiro Rezende, analisada pela pesquisadora Stella Moreira Dourado:

Em 1906 José Carneiro de Rezende adquire seu primeiro almanaque, um exemplar do Almanak do Dr. Richards e dá início à coleção. Toda a família possuía algum envolvimento com os almanaques como leitores, catadores e

guardadores. O colecionador demonstrou o valor dos almanaques para os seus filhos, ensinou-os a importância de guardá-los e utilizá-los, seja como fonte de informação ou de entretenimento. No ano de 1945 veio a falecer, deixando a coleção de almanaques como um legado para sua família. E assim a coleção foi repassada em diferentes gerações da família, até ficar sob a guarda de Hamilton Carneiro, publicitário que mantém um programa televisivo, Frutos da Terra, há mais de 30 anos, na TV Anhanguera, de Goiânia, mostrando diferentes tradições da cultura do Cerrado brasileiro (DOURADO, 2018, p. 129).

Ao contrário da coleção de almanaques iniciada por José Carneiro de Resende em 1906 e que foi transmitida e repassada aos seus filhos e continuada pelos seus herdeiros até os dias de hoje, o acervo de almanaques de Seu Nôza não teve o mesmo desfecho e com ele ocorreu o seu oposto: foi desmembrado e, ao que tudo indica, parece ter se perdido. O conjunto material e seu legado afetivo pelos almanaques parece não ter sido repassado como herança para seus herdeiros e herdeiras. O fato de não haver uma continuidade do seu trabalho e sua coleção encontrar-se desaparecida, talvez confirmem essas suspeitas.

Compreendendo que o colecionismo faz parte de um universo que abriga interesses diretamente ligados aos apelos e às demandas dos sentimentos de afeto do indivíduo com seus objetos, pode-se conjecturar que tenha faltado a Seu Nôza uma compreensão de que sua coleção de almanaques era também um patrimônio afetivo daquela comunidade. Apesar da coleção de almanaques de Seu Nôza ser resultado de interesses híbridos, era visível o seu afeto por esses impressos e os sentimentos que interligavam essa relação bem que poderiam fazer parte de seu legado.

Daniele Borges Bezerra (2013) enfatiza que “[...] o patrimônio pode ser também reivindicado como vínculo memorial, afetivo, em que as lembranças gravadas no passado sejam atualizadas a partir do trabalho de memória de modo que o reconhecimento se dê como forma de preservar a si próprios no presente” (p. 128). As coleções podem exteriorizar, pela guarda dos objetos selecionados e adquiridos e através do seu ordenamento sistemático, evidências de histórias particulares e afetos que estão conectados densamente com a trajetória de vida de seus colecionadores, extrapolando, assim, as funções originais dos objetos coletados, para dotá-los com novos significados no âmbito das afeições.

Se os almanaques são por si um agrupamento de diversas informações ou um aglutinamento de vários conhecimentos que estão sujeitos a critérios sistemáticos de seus organizadores, em analogia eles podem ser evidenciados como uma espécie de “coleção de coleções”, ampliando, assim, a noção de colecionismo:

As diversas formas que as coleções assumem, nesse desenvolvimento, por mais diversificadas que sejam em relação aos padrões culturais observados, seriam percebidas como exercícios de adaptação, ou integração, aos modelos perceptivos condicionados pelo coletivo. Nesse sentido, a definição de colecionismo, embora pareça simples, guarda uma complexidade que carece ser desvelada (LOPES, 2010, p. 383).

Considerados por muito tempo como uma publicação dirigida às populações tidas como pouco letradas, os impressos almanáquicos transcenderam a feição de escritos panfletários a partir do momento que abordaram temáticas diversas, incluindo além de calendários, informações domésticas, sobre cidades, sobre ciências como Geografia e História, sobre medicamentos etc., mesclando saberes populares e informações científicas. As diversidades de seus tipos os tornaram catálogos minuciosos de informações para a vida cotidiana, como uma pequena enciclopédia que dispunha de vários conhecimentos sobre assuntos que tratavam desde anedotas, receitas culinárias à conselhos morais e religiosos. Os almanaques, como diziam em Santa Inês, “tinham de tudo um pouco”.

Dentre os livretos que possuo, há o *Almanaque Renascim Sadol* de 2019 que me vincula imediatamente à minha infância. Certamente pelo fato de ser este exemplar o mesmo tipo e marca de almanaque do primeiro livreto que conheci e adquiri quando tinha doze anos em Santa Inês, doado a mim por um divulgador e vendedor do Laboratório Catarinense que os distribuía, mediante a compra de seus produtos farmacêuticos. Ainda que não soubesse ler, este tempo, recarregado pelas minhas memórias provocadas por este almanaque, foi testemunhado pelo meu primeiro livreto que esteve presente e foi objeto coadjuvante em meu letramento.

Esse exemplar foi um presente de meu irmão Josmar Rodrigues Barbosa que, quando o encontrou num sebo, comprou-o lembrando imediatamente de mim. A sua forma gráfica reproduz exatamente o usual da maioria dos almanaques: introdução, onde apresenta o laboratório que o patrocina e alguns de seus produtos, um calendário individualizado para cada mês, previsão astrológica de todo o zodíaco, anedotas, eventos meteorológicos, receitas culinárias, orientações sobre agricultura, curiosidades, provérbios, manifestações culturais de cada região, fábulas e passatempos, tudo isso entremeado com a publicidade que evidencia as benesses dos remédios do laboratório.

Como uma pequena enciclopédia este almanaque me remete à ideia geral que circulava em minha infância em Santa Inês de que o “almanaque é um livro que tem de tudo um pouco” e as minhas mais antigas lembranças, dificilmente não incluem esses livretos. De vez em quando, ainda me transporto para o meu passado e me vejo em pé num canto da mercearia de

Seu Nôza, correndo os olhos embevecidos pelo almanaque, alugado por dez centavos de um dinheiro que hoje nem sei o nome.

3.2 ALMANAQUES: TIPOLOGIAS, PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO NO BRASIL

Um dos almanaques dos quais mais tenho uma vívida lembrança é o *Almanaque Renascim Sadol*, porque foi o primeiro livreto que tive contato e que foi dado de presente por um divulgador em 1981, um tipo de vendedor ambulante de laboratório que ofertava esses livretos para aqueles que comprassem o complexo vitamínico que representava. E embora eu ainda não soubesse ler, pedia para meus irmãos mais velhos que o lessem para mim quase todos os dias, até conseguir decorar alguns textos em que continham anedotas e a espantosa novidade quase mítica era mim do eclipse solar que ocorreria no Brasil naquele ano, mas que não pude presenciar porque em Santa Inês não houve diferença nenhuma¹¹. Um dos aspectos mais interessantes a respeito dos almanaques de farmácia era justamente a ideia de ter numa pequena revista, recheada com assuntos diversos e ao mesmo tempo ser tão divertido e prazeroso de folheá-lo, ainda que não se soubesse ler, a sua “magia” acontecia no mesmo instante em que os tinha nas mãos. Havia entre alguns meninos de minha rua disputas de perguntas sobre diversas áreas para ver quem vencias, esse era ainda um tempo em que a boa memória prevalecia.

O *Almanaque Renascim Sadol* era constituído, como a maioria desses livretos de farmácia, de “causos”, anedotas, curiosidades, receitas caseiras para algum problema cotidiano e frequentemente trazia em suas páginas alguma fábula com um fundo moral. Pequenos como uma revistinha em quadrinhos, seu formato permitia levá-lo no bolso. Ele continha muitas imagens caricaturadas de pessoas “antes” e “depois” de tomar o seu elixir, um tipo de complexo vitamínico com cor de leite e sabor adocicado. Minha mãe certa feita o comprou e eu era praticamente obrigado a ingerir aquele fortificante.

Posteriormente, depois de aprender a ler com algum entendimento crítico aos vinte anos, eu já tinha em minha posse uma meia dúzia de almanaques que servia também como treinamento para a prática de leitura. Eu os consegui na sua maioria na Pharmacia Santa Inês

¹¹ Em consulta ao site da Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço (NASA) dos Estados Unidos, ocorreram dois eclipses solares em 1981. Em 4 de fevereiro, tendo visibilidade para Austrália, Nova Zelândia, Antártica, América do Sul, Tasmânia, Nova Zelândia e Pacífico; e em 31 de julho, com visibilidade para Europa, Ásia, Alasca, noroeste do Canadá, Cazaquistão, Rússia e norte do Pacífico. Disponível em: <https://eclipse.gsfc.nasa.gov/SEdecade/SEdecade1981.html>. Acesso em: 11 out. 2022.

do Sr. Valdo, através de Jorge, atendente muito conhecido que lá trabalhava desde menino e todos nós o chamávamos de Swat. Jorge era uma pessoa cortês e era muito amigo de um de meus irmãos mais velhos, o que facilitava o meu acesso aos almanaques que eram distribuídos gratuitamente nos finais de ano, mas que o Sr. Valdo costumeiramente não distribuía todos os exemplares, guardando alguns para seus familiares, e quase sempre Jorge também guardava alguns para distribuir entre os seus. Não era raro que alguém conseguisse através de Jorge um exemplar de um almanaque que já tinha se esgotado há muitos meses, havia, para a alegria de muitos, “as sobras” que eram guardadas.

Hoje penso na importância que Jorge pode ter tido nas vidas de tantas pessoas quando ele as presenteava com os seus almanaques guardados, eu próprio me sinto um devedor dele porque foi a partir do contato com os almanaques que desejei e sonhei um dia poder ler e me interessar por outras literaturas. A importância de Jorge na vida de sua sobrinha Rita de Cássia Ramos Fonseca (uma de minhas depoentes) foi muito marcante:

[...] A farmácia que meu tio trabalhava, pertencia a Seu Valdo que era pai do prefeito de Santa Inês, doutor Romildo. O nome da farmácia, como você sabe, era Pharmacia Santa Inês, escrito assim mesmo com Ph. Era uma casa antiga e durante muitos anos, que eu me lembro, era a única farmácia da cidade. Meu tio trabalhava lá desde muito jovem, como atendente, mas sabia mais de remédios do que muitos médicos. Ele às vezes até receitava remédio para os fregueses da farmácia, todo mundo respeitava muito o meu tio, e ele era mais conhecido pelo apelido de “Swat” por causa de um seriado policial de televisão que passava antigamente. Ele não se importava com o apelido e até gostava. Lembro muito de meu tio às vezes e de como ele era um sujeito quieto, mas muito inteligente e eu também gostava muito de ler almanaques. Minhas lembranças mais fortes relacionadas aos almanaques sempre estará presente a lembrança de meu tio Jorge, “o Swat”.¹²

É interessante perceber como os almanaques, a exemplo dos patrocinados pela Renascim, apesar do pouco investimento tipográfico (eram livretos fininhos sem nenhum acabamento especial) costuram tantas histórias de vida. Particularmente, ainda lembro de como era o cheiro dos almanaques quando eram entregues na farmácia e do quanto eu ficava aflito para chegar em casa e manuseá-los calmamente.

Não apenas nós, os que não sabiam ler, disputávamos os exemplares dos almanaques da Renascim distribuídos na farmácia da cidade, muitos estudantes do Colégio Municipal Papa João XXIII (escola que posteriormente eu iria frequentar) coloriam a farmácia com suas fardas de calça tergal azul marinho e camisas brancas a partir das segundas quinzenas do mês de

¹² Optei por apresentar nesta dissertação os depoimentos em itálico e em destaque, mesmo aqueles que contenham menos de três linhas, seguindo a estratégia de Joseania Miranda Freitas (2001) em sua tese de doutorado.

dezembro, época em eram distribuídos os almanaques. Era uma confusão no estabelecimento que mal cabiam todos aqueles e aquelas estudantes barulhentos que buscavam informações sobre a data da chegada dos livretos e comumente saiam frustrados ante aos arrôgos de impaciência de Seu Valdo.

O *Almanaque Renascim Sadol* foi um companheiro de travesseiro (por muitas razões) de muitos de seus leitores, era muito comum no entremeio desse livreto a apresentação de simpatias com algum número cabalístico que às vezes sugeria que abrir o livreto na página em que estava o número “milagroso” e colocá-lo debaixo do travesseiro antes de dormir. Acreditava-se que o imponderável aconteceria e podia se apostar aquela sequência de números nos jogos de azar e ser o ganhador de jogo de bicho ou loteria federal. O fato disso não se comprovar não desfazia a ligação afetiva com os almanaques.

Em estudos etimológicos feitos por pesquisadores como o historiador Jacques Le Goff (1996) e os dicionaristas Antenor Nascentes e José Pedro Machado (1966), foram identificadas diferentes origens para a palavra *almanach*. Do árabe *al* e *manach*, computar, contar, ou ainda a junção do árabe *oci-o* e do grego *MNU*, mês. Nas línguas orientais *almanha* significa estreia, alvíssaras (boas novas). Em saxão, *al-monght* ou *al-monac* seria uma contração para *al-mooned*, ou seja, contendo todas as luas. Povos ancestrais traçavam o curso da lua sobre uma tábua de madeira, a qual chamaram *al-monagt* (para *al-mooneld*). Na linguagem celta *al-manah* significa o religioso (solitário) ou a obra do frade. Outros pesquisadores definem a palavra almanaque como sendo a junção árabe *al* e do grego *men* = mês ou ainda *menás* (grego) = lua, latim *meusis* e do antigo indiano, medir. Embora a origem da palavra almanaque tenha diversas interpretações e muitas teorias sobre a sua genealogia, em quase todas as suas significações ela está relacionada ao tempo e à sua medição.

De acordo com Le Goff (1996), o primeiro almanaque surgido na Europa foi impresso na Alemanha em 1455 com o nome de *Almanaque da Corporação de Bombeiros* e, em 1471, surgiu o *Almanaque Anual*. Em suas análises informa que, a partir do século XVII, a literatura popular acolhe, absorve e também começa a difundir os almanaques. Segundo esse historiador, os primeiros almanaques já traziam em suas páginas ilustrações com imagens, figuras e signos com a intencionalidade de serem livretos dirigidos a pessoas sem alfabetização e a quem pouco tinha o domínio completo da leitura. Mesclava, assim como os conhecemos hoje, diversos saberes:

Na sua forma popular interessa, sobretudo ao pastor e ao camponês. Em 1491 aparece a obra-prima dos almanaques: *Le Grand calendrier compost des bergers*. É um "vasto calendário da vida humana" e "oferece as grandes

estruturas da atividade humana". Assim, os calendários e os almanaques são locais de encontro privilegiados entre cultura erudita e cultura popular. Por um lado, o saber popular, no campo meteorológico, médico, narrativo, atinge os cidadãos e os letrados, por outro, a ciência dos eruditos penetra nos ambientes populares (LE GOFF, 1996, p. 528).

Os almanaques veiculavam por quase toda a Europa informações diferenciadas e mistas como um modelo de compêndio que se espalhou e como o conhecemos e se tornaram veículos impressos de grande sucesso editorial. Para Roger Chartier, o sucesso dos almanaques na Europa, principalmente a partir do século XVII, é explicado por eles conseguirem ser um gênero ao mesmo tempo literário e editorial que se utilizava de textos de natureza híbrida:

[...] Sua originalidade está ligada a três características: todos foram ou são publicados por laboratórios farmacêuticos que os utilizam como suporte publicitário para os fortificantes e seus medicamentos; todos foram e são distribuídos gratuitamente pelos farmacêuticos; todos aceitam as cartas, as contribuições de seus leitores, assim transformados em co-autores do livro (CHARTIER *apud* PARK, 1999, p. 10).

Os almanaques mantiveram a sua feição enciclopédica que abriga informações de vários interesses para alcançar leitores de diversas aptidões, todavia com uma linguagem acessível e despida dos eruditismos das enciclopédias tradicionais. Para Patrícia Trindade Trizotti (2008) são evidentes os propósitos definidos pelos almanaques de se expandirem por toda a Europa:

A nova roupagem adquirida pelos almanaques os transformava em impressos mais elaborados, com mais páginas e novo conteúdo, além de passarem a ser veículos de propaganda e instrução. A mudança pelo qual o almanaque passou nos séculos referidos, não foi sem razão. Para permanecer, sua função social se modificou. Essa transformação não foi em vão e o almanaque obteve êxito, podendo assim, se expandir para além da Europa, chegando a vários lugares como o Brasil (TRIZOTTI, 2008, p. 307).

De acordo com Patrícia Trindade Trizotti (2008), os almanaques começaram a circular amplamente na Europa tendo o seu conteúdo amparado e estruturado pelo calendário, pela astrologia, pelas utilidades e pelos entretenimentos, com objetivos predefinidos para sua propagação.

No Brasil, os livretos de maior circulação e que alcançaram maior popularidade foram os almanaques de farmácia, destacando-se, dentre eles, o livreto do *Biotônico Fontoura*, que, conforme destaquei anteriormente, teve a contribuição do escritor Monteiro Lobato com seu personagem Jeca Tatu. Esses impressos eram patrocinados e publicados pelos laboratórios farmacêuticos, distribuídos pelas farmácias de praticamente todo o país, atingindo lugares mais longínquos, como as áreas de difícil acesso. A distribuição dos almanaques de farmácia também

ocorria através de algumas lojas e por vendedores/divulgadores que os espalhava pelas pequenas cidades e áreas rurais. De acordo com Vera Casanova (1990), parte de sua popularidade e grande distribuição decorria de alguns aspectos:

Nascido em fins do século XIX onde a ciência era a palavra de ordem [...] com uma forma intencionalmente popular (máximo de 35 páginas, formato 18,3 X 13,4 cm), o almanaque de farmácia podia ser levado de um lado para o outro com a maior facilidade – brinde das lojas, presente de Natal ou Ano Novo. E assim se espalhava pelo interior do Brasil [...] (CASANOVA, 1990, p. 127).

Um estudo sobre o *marketing* de medicamentos no Brasil, realizado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária, “Vendendo Saúde – A História da Propaganda de Medicamentos no Brasil”, demonstrou que os almanaques atravessaram décadas sendo os livros campeões de distribuição. De acordo com Eduardo Bueno (2008), responsável por esse estudo que foi transformado em livro, os números do Almanaque Biotônico Fontoura, por exemplo, são surpreendentes:

Até 1941, foram distribuídos 10 milhões de exemplares do livreto. Em 1973, atingiram a marca de 84 milhões de exemplares. E, no ano de 1982, centenário do nascimento de Lobato, o Jeca Tatuzinho ultrapassou a cifra de 100 milhões de exemplares distribuídos e foi considerada a peça publicitária de maior sucesso na história da propaganda brasileira, inspirando, naquele mesmo ano, a criação do Prêmio Jeca Tatu. Instituído pela agência CBBA, o prêmio era uma homenagem ‘à obra-prima da comunicação persuasiva de caráter educativo, plenamente enquadrada na missão social agregada ao marketing e à propaganda’ (BUENO, 2008, p. 68).

Nos almanaques de farmácia é comum a apresentação de medicamentos desde a sua primeira página, felicitando o seu leitor e saudando o ano que se inicia juntamente com o anúncio do produto a ser adquirido.

Segundo Stella Moreira Dourado (2018), os almanaques são fontes de informação e de comunicação da cultura popular, que contemplaram e reproduziram durante muito tempo diferentes saberes e diversas formas de escritos que eram apresentados de forma acessível através de uma linguagem despida dos academicismos. Eles expandiram-se e popularizaram-se fortemente a partir da invenção da imprensa e disseminaram-se por muitos países. Foram se transformando ao longo do tempo, de acordo com seus ambientes culturais e sociais, tornando-se um manual prático de informação onde se reuniam o conhecimento científico e técnico, a literatura, a poesia, a religiosidade, a arte e os saberes populares. Podem, assim, ser chamados de enciclopédias populares. De acordo com Stella Moreira Dourado (2018), certas regiões do Brasil não possuíam energia elétrica, “o acesso por terra era ainda deficitário. Assim como em

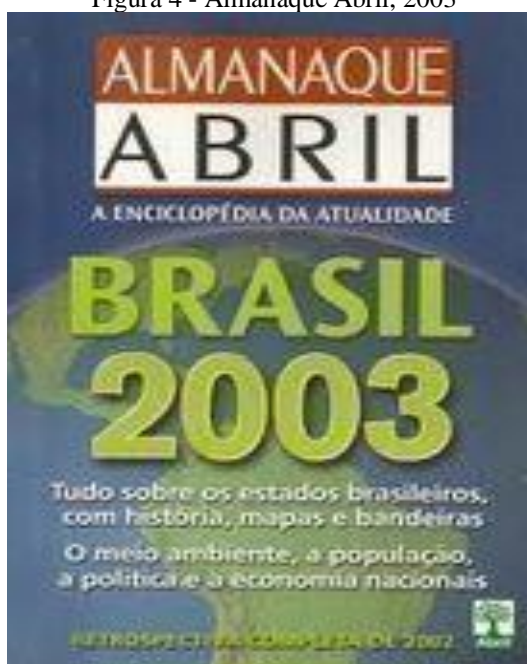
muitas regiões do interior do país, os almanaques de farmácia eram uma das poucas fontes de informação acessíveis à população” (p. 115).

A composição editorial recreativa dos almanaques e os seus repertórios de textos lúdicos os tornaram objetos estimados desde sua aparição, principalmente a partir da invenção da escrita e da imprensa. Para Margareth Brandini Park (1999), os almanaques são atemporais e extrapolam sua finalidade inicial quando estabelecem com seus leitores e leitoras uma relação mais profunda que os define quando:

[...] são prazerosos e são úteis, marcam um determinado espaço de relação dos indivíduos com os seus rituais diários. Aliado ao momento específico quando chegam às mãos, as festividades de final de ano com todo o seu valor simbólico, facilmente verificado no teor afetivo das cartas dos leitores (PARK, 1999, p. 18).

Através de seus diálogos diretos, forjados com leveza - embutidos arquitetonicamente no seu estilo descomplicado de entendimento -, e da sua pedagogia que promovia a mobilidade de suas mensagens pela oralidade, as diversas formas de saberes, as estratégias textuais e os seus assuntos diversificados, os transmutaram em difusores dos conhecimentos científicos e populares. As suas combinações e adequações editoriais e a sua circulação quase irrestrita como portadores de diferentes saberes, os caracterizam como excelentes semeadores de informações, quando são analisadas e confirmadas as mediações que eles possibilitaram e que estão gravadas nas lembranças e nas coleções (hoje raras).

Figura 4 - Almanaque Abril, 2003



Fonte: Propagandas Históricas (Disponível em: <http://www.propagandashistoricas.com.br>)

Como bem sugere a capa do *Almanaque* Abril de 2003 (Figura 4), os almanaques são como pequenas enciclopédias e, invariavelmente, trazem em seu corpo, conhecimentos diversificados, podendo estabelecer diálogos com variados tipos de leitores e leitoras. Os almanaques transformam-se, enfim, em um guia prático do cotidiano de muitos de seus leitores e aqueles que se deliciavam com os seus saberes não estavam apenas incluídos nas classes populares, mas também entre os viajantes, aqueles cidadãos que buscam conhecer sobre as rotinas administrativas de suas cidades ou mesmo as suas constituições históricas e aquela população que tinha interesse nas novidades farmacêuticas. Os almanaques caracterizam-se, também, por conseguirem contemplar em suas abordagens diversos conhecimentos enciclopédicos e, por isso, atendendo as mais variadas demandas, como bem disse a pesquisadora Maria Carlos Radich (1983), “eles são uma verdadeira manta de retalhos” (p. 31).

De acordo com a historiadora Patrícia Trindade Trizotti (2008), no Brasil a publicação de almanaques e a sua difusão aconteceram concomitantemente com a chegada da família real portuguesa, no ano de 1808, mesmo período que marcou a implantação da Imprensa Régia¹³ e principalmente após a proclamação da liberdade de imprensa, em 28 de agosto de 1821, ano que começa a ser publicada também no país a denominada “Imprensa da Independência”¹⁴ e alavanca uma grande variedade de jornais e de almanaques.

Diversos gêneros de almanaques surgiram no Brasil no século XIX, que parece ter sido o momento auge das maiores publicações e de sua mais expressiva popularidade. Segundo Trizotti (2008), “havia os almanaques administrativos, que continham as rotinas das cidades, com informações sobre horários de trens, tabelas de preços e produtos, tarifas e transporte dos correios” (p. 308). Ainda havia sido editado o *Almanach para a Cidade da Bahia* (1812), o *Almanach Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de Pernambuco* (1860), o *Almanach Administrativo, Comercial e Industrial da Província de São Paulo* (1883), o *Almanach Administrativo, Histórico, Estatístico e Mercantil da Província do Amazonas* (1883), o *Almanach Agrícola Fluminense* (1898) e muitos outros impressos com o objetivo principal em divulgar, exaltar e “vender” a cidade. Segundo Trizotti (2008), os livretos eram utilizados pela população de suas cidades, como também pelos viajantes que passavam ou que visitavam e, portanto, necessitavam de informações relativas às suas rotinas administrativas e cotidianas.

¹³A Imprensa Régia foi estabelecida pelo decreto de 13 de maio de 1808, com a finalidade de se imprimir toda a legislação e papeis diplomáticos provenientes das repartições reais e quaisquer outras obras.

¹⁴ Com a chegada de prensas encomendadas por particulares, começa a circulação impressa de livros e várias publicações com certa liberdade de expressão no Brasil.

As recomendações dos almanaques variavam entre indicações de como se alimentar, do que consumir, de como dormir e etiquetas sociais. Paulatinamente eles assumiram um papel de instrutores da população, principalmente para curar e evitar doenças e seu caráter pedagógico se torna mais evidente, incorporando conhecimentos da ciência e saberes do senso comum, oferecendo aos seus leitores reflexões sobre a sua realidade, sem, no entanto, omitir a sua relação com as morais das fábulas.

No final do século XIX, os almanaques adquiriram uma nova apresentação e transformaram-se em livretos mais elaborados com um volume maior de páginas, com novos conteúdos e, de acordo com Bollème (*apud* PARK, 1999), “transformam-se em veículos de propaganda” (p. 54).

Da leitura do livro de Park (1999), *Histórias e leituras de Almanques no Brasil*, pode-se perceber o quanto fizeram parte da vida social brasileira e do seu grande alcance territorial. Havia muita interação de seus leitores e leitoras através da sessão de cartas que tirava dúvidas, promovia concursos literários e de piadas. Segundo Park (1999), os almanaques de maior popularidade foram *Saúde da Mulher*, *Bromil*, *Capivarol*, com destaque para o *Almanaque do Biotônico Fontoura*.

Cabe destacar que os almanaques assumiram ao longo do tempo alguns aspectos comuns que os destacam de outros gêneros: religioso – faziam muitas referências aos princípios da Igreja Católica; educativo – são apresentadas seções com informações sobre História, Geografia, etiqueta, grafia, Literatura etc.; de utilidade pública – ofereciam suportes como um guia de consultas para obter informações úteis para o dia a dia; recreativo – são inseridos vários provérbios e jogos para divertir seus leitores; e enciclopédico – reuniam diversos conhecimentos para consulta.

Havia também, como foi mencionado anteriormente, almanaques cuja orientação voltava-se para a vida cotidiana. No *Almanaque das Famílias*, por exemplo, publicado na Bahia em 1877, há textos que objetivam tornar públicas diversas informações de caráter comuns à vida do cidadão, a exemplo desta instrução sobre incêndio:

SIGNAES DE INCENDIO¹⁵
(REGULAMENTO DE 11 DE NOVEMBRO DE 1853)
O signal de fogo será indicado:
1° Pelo toque do maior sino da egreja que primeiro souber.
2° Pelo toque do maior sino da egreja matriz da freguesia em que se manifestar o incendio.

¹⁵ Trecho copiado integralmente do *Almanach das Famílias* de 1878, versão digital: Hemeroteca Digital Brasileira.

3º Pelo toque do maior sino das demais igrejas que delle tiverem notícia.
(ALMANAQUE... 1878, p. 192).

Além das orientações com este caráter instrutivo, ratificando a feição de impresso popular, existiam também conteúdos de cunhos morais ou receitas domésticas úteis para o dia a dia, como esta receita sobre a conserva de carne fresca:

RECEITAS ÚTEIS¹⁶

Indica-se como eficaz para conservar a carne fresca, o seguinte processo. Corta-se a carne em porções de a 2 kilogrammas quando muito; colocam-se as porções em vasos de barro, ou de madeira, e cobrem-se com carvão em pó fino. Pode-se por este meio conservar-se a carne fresca por mais de 15 dias, qualquer que seja a intensidade do calor, depois de duas semanas está tao fresca como quando sahio do acougue. Querendo obter esse resultado, não se deve economisar o carvão devendo dar-se-lhe uma espessura de 2 a 3 centímetros pelo menos. Elle serve principalmente para interceptar o ar e quanto maior e mais densa fôr a camada tanto mais preserva da corrupção.
(ALMANAQUE... 1878, p. 242).

Ambicionando acrescentar um número cada vez maior de leitores e leitoras, são reforçadas estratégias que adicionam ainda mais conteúdos relacionados às temáticas de variedades e o seu conteúdo ganha cada vez mais espaço, mediante a inclusão de mais provérbios, causos, piadas, caricaturas, poemas, crônicas, contos e imagens. De acordo com Park (1999), ainda pode-se entender que “mais complexo e delicado foi colocar a questão da própria composição tipográfica que assume determinada forma visando guiar o leitor de pouco contato com escrita, estabelecendo uma leitura que se pauta menos pela decodificação que por relações texto-imagem” (p. 19).

Os almanaques se figuraram como um meio de leitura de grande parte da população no Brasil. Para o historiador Nelson Werneck Sodré (1966), um gênero de literatura como o almanaque representava “o livro de um país que não tinha ainda público para suportar a impressão de livros” (p. 277). É preciso que se dê conta que entre o final do século XIX e início do século XX, esses periódicos ajudaram a integrar o país porque alcançavam os lugares de acesso mais complicados e transitavam entre diferentes grupos sociais.

No Brasil alguns estados da federação lançaram seus próprios almanaques. Em 1808, no estado do Rio Grande do Sul, pela iniciativa de Manoel Antônio de Magalhães (1760-1830), surgiu o *Almanaque da Vila de Porto Alegre* que, por falta de uma tipografia que o imprimissem naquele momento, apareceu de forma manuscrita. Contudo, esse periódico obteve um grande sucesso e atraiu contribuições literárias de renomados escritores gaúchos, cujos textos foram

¹⁶ Receita publicada no *Almanach das Famílias* de 1878, versão digital: Hemeroteca Digital Brasileira.

muito celebrados por causa desse almanaque e, segundo Park (1999), “esta prática lembra a estratégia dos editores/compiladores de almanaques que, ao subscrever o autor como professor, matemático, visavam dar credibilidade e prestígio aos seus impressos” (p. 70).

Segundo o jornalista e colunista do jornal digital *GZH Almanaque*, Ricardo Chaves (2019), ainda no século XIX surgem o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* e o almanaque *Anuário da Província do Rio Grande do Sul* (1885-1914) que se consolida como um periódico de muita importância para o estado: “teve 29 edições e seu enfoque privilegiava a divulgação cultural do estado, a literatura e o entretenimento dos provérbios” (p. 1).

Na região Nordeste do Brasil aconteceram iniciativas por parte de alguns estados que pretendiam também lançar seus próprios periódicos. De acordo com os pesquisadores Vinicius Ribeiro Ferreira, Crisélides Ferreira Lima e Thiago Coelho Silveira (2013), em 1870 surgiu no estado do Ceará o *Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará*, conduzido por Joaquim Mendes da Cruz (1799-1872), que teve apenas duas publicações, sendo

encerrado logo depois. Além das seções recreativas ou de entretenimentos, possuía o calendário, informações do santo dos dias, as celebrações da Igreja Católica, as festas religiosas, os fenômenos meteorológicos e enfatizava as informações administrativas do estado do Ceará,

com os nomes das autoridades locais e dos endereços institucionais. Posteriormente, aconteceram duas novas tentativas de se lançar mais almanaques no Ceará. Em 1883 foi

apresentado o *Almanaque Cearense* com um volume resumido de enfoques e com sua distribuição gratuita, em seu conteúdo trazia calendário, anúncios publicitários, dados cronológicos e anedotas. Esse almanaque foi uma iniciativa patrocinada pelo jornal *O Cearense*.

Em 1888 surgiu o *Almanaque da Província do Ceará*, organizado por Alfredo Bomilcar Cunha (1858-1892), editor da Tipografia do Libertador. Entretanto, esse impresso não passou de sua primeira edição. Em 1895 o jornalista João Eduardo Torres Câmara lançou o *Almanaque*

da Cidade de Fortaleza que passou a se chamar *Almanaque Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará* ou apenas *Almanaque do Ceará*, como ficou mais conhecido. Esse periódico circulou em todo o estado e com ênfase nas informações

administrativas e o acréscimo de dados estatísticos. Segundo Vinicius Ribeiro Ferreira, Crisélides Ferreira Lima e Thiago Coelho Silveira (2013), “o *Almanaque do Ceará* obteve mais respaldo e valorização, fazendo parte do cotidiano cearense por mais de 65 anos e foi o periódico mais perdurável daquele estado” (p. 5).

Em 1924, no Piauí, sob a iniciativa de Benedicto dos Santos Lima (1893-1958), surgiu o *Almanack da Parnahyba*. Semelhante em sua forma a outros periódicos produzidos no Brasil,

esse impresso, além de registrar os novos modos e modas da elite local, focavam as transformações urbanas, os principais produtos consumidos e os acontecimentos cotidianos. Para Josenias dos Santos Silva (2006), também se configurou como “um instrumento dissipador de normas sobre gostos e consumo às indicações de civilidade e bons costumes” (p. 5).

Perdurando por quase 60 anos, o *Almanack da Parnahyba* manteve a sua periodicidade anual e contou com a colaboração de vários autores locais. Trazia assuntos considerados pitorescos, charadas, caricaturas, imagens e anúncios de propagandas, além de assuntos relacionados à economia local, à política e uma seção social que ilustrava momentos de descontração e lazer das famílias abastadas daquele estado. O *Almanack da Parnahyba* teve muita importância local, porque servia como termômetro que media as tensões políticas, econômicas e sociais em nível local e também nacional. O historiador Manuel Domingos Neto (1985) faz a seguinte reflexão:

Na leitura da coleção do ALMANAQUE DA PARNAÍBA, pode-se conhecer muita coisa da história do comércio e da indústria piauienses. Em particular, da história da economia parnaibana. Seus momentos de glória, de crise, de decadência. Seus números estatísticos, sua pauta de mercadorias, suas condições de negócio. Pode-se reconstruir muito de empresas e personagens. E conhecer as lendas que povoaram a efervescente cidade durante décadas seguidas. (DOMINGOS NETO, 1985, p. 10).

Outros estados brasileiros também confeccionaram e lançaram seus próprios almanaques, e segundo Park (1999), eles repetiam basicamente a mesma fórmula de conteúdos que seus pares: *Almanach Administrativo, Civil e Industrial de Minas Gerais* (1864), *Almanach Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de Pernambuco* (1872), *Almanak do Correio de Campinas* (1886), *Almanak Litterario de São Paulo* (1876), *Almanak Província de São Paulo* (1873), *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro* (1902) e muitos outros.

Longe de serem instrumentos neutros ou editores publicitários, os almanaques tornaram-se veículos potentes de alguns valores morais e nacionalistas e difusores de diversos ensinamentos que estiveram embutidos sob sua lógica de *marketing* muito bem planejada com intenções evidentes de vender produtos expostos em suas páginas ou “vender seus ideais” de vida, como ratifica o historiador Mario Luiz Gomes (2006) quando enfatiza esse aspecto:

A linguagem nos anúncios dos almanaques percorria do mau gosto intimidativo e cru à mais refinada e sutil prosa aliciante. Literatos de renome estiveram a serviço dos laboratórios farmacêuticos de maior porte. Mais que elaborar mensagens diretas e convencionais, muitos deles superavam os limites do simples texto comercial, explorando com criatividade a crônica e o

conto, construindo enredos e personagens, sem fugir ao rigor dos objetivos e resultados práticos (GOMES, 2006, p. 108).

Os almanaques cumpriram em seu tempo um papel social muito importante na tarefa de transformar o dia a dia de muitas cidades e levar para as casas de muitos brasileiros e brasileiras informações sobre educação, saúde, cultura, lazer e conhecimentos científicos.

3.3 OS ALMANAQUES EM EXPOSIÇÕES E OS VESTÍGIOS DOCUMENTAIS

Conforme destaquei anteriormente, conheço os almanaques desde criança, quando morava no interior da Bahia e ainda nem sabia escrever o meu próprio nome. Contudo, apesar de minha casa não estar localizada no centro urbano (morávamos na periferia da cidade), eles chegaram até as minhas mãos e me marcaram por toda a minha vida. Os primeiros livretos que tive contato foram os de farmácia, especialmente o Almanaque *Renascim Sadol* e, logo depois, o Almanaque *Biotônico Fontoura* e recordo com muita exatidão como eram as suas capas e de alguns dos conteúdos que naquelas edições ambos traziam.

Por carências de diversas naturezas, não me tornei um colecionador desse objeto como desejei assim que os conheci ou de como na minha imaginação acelerada eu alimentava essa vontade, mas por algum período possui alguns deles que, infelizmente, por conta de uma enchente, foram extraviados e tragados pelas águas que quase tudo nos levaram. E por razões diversas, não consegui adquirir outros exemplares - uma das grandes dificuldades, sempre foi a sua raridade e a pouca evidência que infelizmente começou a ocorrer com esses livretos. Entretanto, nunca fiquei alheio aos acontecimentos que de alguma maneira os envolviam ou os relacionava, cheguei a adquirir há poucos anos atrás três exemplares deles que encontrei num sebo da cidade (*Almanaque dos Símbolos*, *Almanaque Biotônico Fontoura* e *Almanaque Renascim Sadol*) que, de vez em quando, releio-os e os guardo como se fossem um tesouro, num compartimento seguro de meu guarda-roupa, onde apenas eu tenho acesso.

Para um apreciador de almanaques como eu e que se graduou no curso de Museologia, vê-los um dia reunidos tematicamente em uma exposição seria o equivalente a realização de um grande projeto. Durante a graduação em Museologia, cogitei muitas vezes ser eu um estudante a realizar essa exposição, mas detive-me a contragosto, ante a escassez desses objetos que hoje em dia quase são como aqueles itens que fazem parte apenas do nosso imaginário. A maioria das raríssimas coleções de almanaques está em outros estados para minha decepção. Então, nunca vi ou presenciei de perto uma exposição sobre esses livros. Nunca estive perto de

mais de uma dezena deles. Tudo que sei são informações por terceiros e por minhas pesquisas na internet.

As exposições representadas pelos livros-catálogos *Do Almanak aos Almanagues* de 2001, organizado por Marlyse Meyer, e *Tempo de almanaque* de 2012, organizado pelo SESC, mobilizaram meus afetos. Ambas as exposições produziram catálogos, narram a trajetória dos almanagues, suas origens, seus percursos e como esses livretos foram objetos importantes para a vida de muitos de seus leitores e leitoras.

Exposições são narrativas capazes de nos transportar e nos levar para o tempo e para o espaço dos objetos. O professor e pesquisador Marcelo Bernardo da Cunha (2010) enfatiza que:

Expor é revelar, comungar, evidenciar elementos que se desejam explicitar, e este desejo pode estar relacionado a um momento histórico, uma descoberta científica, uma produção estética, um ideal político. Neste sentido, as exposições nos colocam diante de concepções, de abordagens do mundo, portanto, expor é também propor. (CUNHA, 2010, p. 110).

Como é informativo ter ciência do quanto objetos dispostos numa exposição podem nos revelar sobre nós mesmos e como podemos, a partir dessa comunicação, modificar o olhar sobre o nosso próprio mundo. Os livros-catálogos sobre os almanagues foram a minha primeira experiência com uma exposição desses livrinhos mediadores de mundos. Catálogos de exposições podem ser considerados um inventário sistemático que resultem num registro minucioso e mais duradouro de eventos expositivos, já que estes são efêmeros e condicionados aos locais onde são realizados. De acordo com a professora Joana Baião (2016), eles são iniciativas que podem tornar uma exposição em algo visualmente mais acessível:

Uma vez que as exposições são eventos efêmeros, cuja memória se desmultiplica por diversos registros, e sendo a publicação de catálogos daí resultante um testemunho apenas parcial da sua realização, coloca-se a questão de como preservar e, sobretudo, tornar acessível a sua história, os seus conteúdos, o seu impacto artístico e cultural e, finalmente, o seu valor patrimonial (BAIÃO, 2016, p. 9).

As bibliografias, as coleções e os repertórios representados aqui pelos livros-catálogos, na minha compreensão, ilustram muito bem como a manutenção da memória e do valor documental dos almanagues e de outros impressos populares são importantes como registro de seu papel como mediadores de saberes e de informações. Além disso, os evidenciam como dispositivos mediadores de relações interpessoais e de como - ao nos darmos conta de suas práticas de escrita e leitura -, representaram redes de coletivos híbridos de autorias, editores, impressores, colecionadores e, principalmente, leitores.

O catálogo parece apenas ser um cadastro ou inventário em que são listados os itens de um determinado acervo. Entretanto, creio que devemos levar em conta os critérios que determinam o seu planejamento e a execução. Gabriela Bazan Pedrão (2019), em sua tese de doutorado *A construção do Catálogo de Panizzi: uma análise documental*, enfatiza a importância dos catálogos:

Os catálogos são as ferramentas mais paradigmáticas e importantes no que diz respeito à guarda e permanência de algo para o futuro, principalmente em bibliotecas. Eles são o maior instrumento de guarda que pode haver em uma biblioteca, contemplando todo um acervo, tanto nas questões de conteúdo e descrição de obras, quanto nas questões de organização física. É o catálogo, então, que controla tudo. Falar sobre catálogos é mais do que falar apenas sobre organização, é discutir o cerne de uma biblioteca (PEDRÃO, 2019, p. 14).

Reflete sobre os catálogos como instrumentos que, além de exercerem a função de registrar, também disponibilizam e informam conhecimentos. Portanto, é possível entender que, além da função de organizar e salvaguardar indicadores de memórias, os catálogos comunicam e se relacionam com as passagens do tempo. O catálogo de uma coleção ou exposição é fonte fecunda de apresentação de informações, de conhecimentos pela viabilidade de conexões que são estabelecidas entre o teor catalogado e o seu leitor. A doutora em semiótica Plácida L. V. Amorim da Costa Santos (2018), destaca a importância do catálogo e da catalogação, quando destaca:

Nesse contexto e na busca por estruturas que suportem a gestão de recursos e atendam às demandas informacionais daqueles que se utilizam dos ambientes informacionais, a catalogação se vê inserida num ambiente definido pela triangulação: marcadores de memórias dos usuários – registros descritivos – possibilidades do sistema informacional (SANTOS, 2018, p. 2).

Os catálogos apresentam e representam, tornando-se pontes entre o objeto e o leitor. Formas de ordenação sistemática de conhecimentos e informações que se preservam e comunicam. Do mesmo modo, podem ser visualizados como “vestígios documentais” das exposições museológicas, nos termos apresentados por Thanity Andrade (2002) quando analisou o catálogo da exposição “Presença negra em Bogotá: 1940-1960”: “O meu objeto de estudo estava, de certa forma, fragmentado em diversos vestígios materiais e imateriais, porém, dentre eles, demos destaque ao Catálogo da exposição” (p. 38). Destaca, ainda, que “por meio da materialidade das fotografias, que compõem coleções pessoais, podemos acessar os vestígios materiais do passado” (p. 91).

Como gênero textual, possui uma estrutura que visa a compreensão do todo a partir das partes, ou seja, entende-se o catálogo, na miríade (ainda que finita) de informações que pode conter, a partir da natureza que rege sua organização. Os catálogos de exposição, por sua vez, são reflexo e decorrência do espaço expositivo e do que nele está exposto. Em suas páginas se encontram reproduções do acervo disponibilizado, associado a apreciações institucionalizadas, permitindo uma aproximação do observador com a obra, dentro das escolhas feitas para a produção do enunciado no contexto enunciativo da exposição. [...] Reconhecemos que a natureza da exposição, seja permanente ou temporária, em função de suas características de (relativa) permanência e eventualidade, dão origem a catálogos de natureza relativamente diferentes. Ambos os catálogos visam a apresentação das obras presentes na instituição, respeitando os recortes temáticos em função dos interesses institucionais: o catálogo da exposição permanente, de um lado, visa a apresentação do acervo exposto e justifica a importância do museu; o catálogo de exposição temporária, de outro lado, justifica a importância das obras no evento de curta duração em que se encontram. Com tais catálogos, visa-se mediar a relação entre o visitante e o evento, direcionando sua atenção a determinados pontos da exposição, com o intuito de educar o olhar do leitor a partir da contextualização da obra (SANTOS, 2017, p. 4-5).

Os indivíduos em que esses livretos atravessaram as trajetórias de vida e promoveram significações no tempo e no espaço de suas existências e o valor que os almanaques expressam e representam na realidade destes sujeitos, demonstram aspectos históricos, sociais, e desta forma, como um patrimônio que agencia a sociedade que o produziu, leva-me a pensar que a empreitada de produção e preservação desse objeto, mediador na vida de muitas pessoas e nas realidades nas quais ele foi inserido. Portanto, é possível evidenciar uma perspectiva metapoética, ao reconhecer os catálogos como livros, ou vestígios das exposições, que se remetem a outros livros, no caso, os almanaques.

Não seria desrazoável esperar que se comprove que as diferentes apropriações e usos feitos pelos colecionadores, leitores e guardadores dos almanaques (e dos catálogos das exposições e dos catálogos das exposições sobre almanaques) dão a estes livretos um sentido documental ou de fonte de informação e comunicação, perspectiva explícita nas exposições.

3.3.1 “Tempo de Almanagues”

Em 2012, depois de percorrer vários estados como o São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Mato Grosso e ser apresentada na Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), foi produzido um catálogo da exposição “Tempo de Almanaque”. A exposição mostrou uma importante etapa da história no Brasil, apresentando parte das informações contidas nos almanaques que foram de grande valor para muitas famílias que os compartilhavam nos momentos de lazer e de convívio e que são celebradas através das lembranças de seus leitores.

De acordo com Antônio Oliveira Santos, Presidente do Conselho Nacional do SESC, em seu texto de apresentação no catálogo, a exposição consistiu em “oportunidade [...] de mostrar o registro de uma época por meio das publicações” (p. 3).

“Tempo de Almanaque” é uma exposição que registra, por meio dos almanaques, aspectos da história cultural e social do Brasil desde a década de 1930. Os almanaques de farmácia, que compõem a mostra, cumpriram em seu tempo um importante papel de levar às famílias brasileiras informações sobre cultura, educação, saúde e lazer.

Evidencia, por exemplo, o *Almanaque do Biotônico* (depois *Almanaque Fontoura*) criado, redigido e ilustrado em 1920 por Monteiro Lobato e que nele introduziu o personagem *Jeca Tatu* (posteriormente chamado de *Jeca Tatuzinho*), um caipira bronco e mal nutrido, com tanto sucesso que posteriormente integrou as páginas dos livros do escritor. Monteiro Lobato era amigo do farmacêutico Cândido Fontoura, o que explica a iniciativa de sua criação: o laboratório trazia em seu catálogo o fortificante Biotônico, entre outros medicamentos, combatia a lassidão e as verminoses, espalhadas pelos quatro cantos do país, e Jeca era um portador do “amarelão” curado com a *Ankilostomina Fontoura*.

O *Almanaque Biotônico Fontoura* foi dosado de ideais educacionais, científicos e de saúde. De acordo com Meyer (2001), “[...] caracterizam condutas a serem seguidas a bem da reprodução física da ‘raça’ e da sociedade” (p. 133), ideais acrescentados ao produto que estava encarregado de divulgar o elixir Biotônico Fontoura. Nesse contexto, várias iniciativas foram executadas com o objetivo de ordenar e regular a vida cotidiana das pessoas que se enquadravam no perfil de brasileiro considerado “atrasado” e “indolente”. Para Casa Nova (1996), o *Almanaque do Biotônico Fontoura* foi uma dessas tentativas:

O progresso era o outro nome do espírito científico, de que o almanaque recebe também alguns respingos. Uma mentalidade científica generalizadora faz aparecer aí a importância do desenvolvimento científico. [...] Por outro lado, no almanaque, forja-se uma ideia de ciência, do papel que ela tem e deve desempenhar na marcha da sociedade industrial (CASA NOVA, 1996, p. 138).

O *Almanaque Biotônico Fontoura* idealizou uma representação dos homens e mulheres do campo como quem viviam aquém do ideário que estava sendo forjado, corroborando para canonizar um arquétipo de brasileiro, como um indivíduo “atrasado”, muito distante da modernização.

“Tempo de Almanaque” também apresentou a trajetória dos livretos que já incentivaram a venda de perfumes e remédios, divulgaram hábitos de higiene, colaboraram com a prevenção de doenças e com o saneamento urbano, além de servirem como passatempo e material de

leitura. A exposição foi itinerante e percorreu diversos estados do Brasil e ficou no Paraná até o ano de 2015. Contou com um rico acervo com publicações de várias regiões e, segundo Silvana Karazoki, funcionária do setor de *marketing* do SESC, a exposição foi produzida a partir da coleção de almanaques de farmácia da escritora e pesquisadora Yasmin Nadaf (2011), que desde pequena, coleciona gibis, periódicos, livros e almanaques diversos: “lidas e relidas por milhões de brasileiros, carregam identidade e memória, traços que não caem no esquecimento, e que no caso em questão, acumulam saber e se enriquecem com o passar dos anos” (p. 10).

Nadaf (2011) também destaca que a mulher foi o principal público leitor dos almanaques e a elas e ao universo feminino foram dedicadas muitas das capas das publicações. Para ela, estes livretos acompanharam também as mudanças da sociedade: as conquistas femininas, o direito ao voto e o fato da mulher começar a trabalhar fora de casa são retratados nos livretos da década de 1930. Já nos anos de 1940, na era de ouro do cinema americano, as capas mostravam os corpos femininos delineados e, a partir de 1950, a mulher “moderna” era entendida como aquela que acumulava funções dentro e fora de casa: “é a imagem da esposa bonita, bem-sucedida e delicada”, e ainda acrescenta que “os almanaques também eram recheados de informações, curiosidades ou até mesmo dicas para facilitar a vida das donas de casa, entre elas: como tirar manchas de roupas e dobrar as camisas do marido, noções de primeiros socorros e receitas culinárias” (NADAF, 2011, p. 21).

O catálogo da exposição é integrado por almanaques produzidos pelos laboratórios de medicamentos entre os séculos XIX e XX, período em que esses livretos se tornaram mais populares. Prefaciado por Yasmin Nadaf (2001), pesquisadora e colecionadora de almanaques de farmácia que cedeu parte de seu acervo pessoal, apresenta as prováveis origens dos almanaques e da etimologia e grafia de nome, narrando as mudanças no comportamento social e cultural do país a partir do conteúdo desses periódicos. O catálogo divide-se em diversas seções em que são sintetizadas as histórias por trás de cada edição dos livretos, ilustrados pelas capas dos almanaques que mais representaram a temática apresentada. O catálogo *Tempo de Almanaque* encerra com uma farta coleção de imagens de capas de almanaques de farmácia, com legendas de seus respectivos nomes, datas de publicação e formatos.

A exposição apresentou almanaques publicados desde os anos de 1930 e um dos fatores a ser destacado foi a oportunidade do seu público, através desses objetos expostos, conhecer os contextos comportamentais de diversos momentos do Brasil, que comodidades tecnológicas tão comuns hoje em dia, não estavam presentes no nosso dia a dia e também o quanto era difícil

fazer publicar e circular as informações escritas, quando contrapomos com a nossa facilidade atual e à quantidade de publicações.

Esta exposição reportou-se a uma parte da história da difusão da informação, leitura e literatura que chegava até o público através dos almanaques de farmácia. A exposição foi estruturada em painéis, exibindo capas e páginas de almanaques, bem como reproduções na íntegra. A figura 5 é um painel que exhibe exemplares de almanaques da exposição na cidade de Curitiba, no Paraná, em 2015:

Figura 5 - Exposição Tempo de Almanaque – Curitiba-PR, 2015



Fonte: Site Unicentro (<https://www.sites.unicentro.br>)

A exposição percorreu várias cidades brasileiras entre 2011 e 2015. No catálogo *Tempo de Almanaque*, além de apresentar almanaques que durante décadas divulgaram a existência de produtos como o Dinamagenol, o Elixir Nogueira, o Petrolovo e o Sabonete Orgel, os leitores e leitoras conheceram as “revistinhas de farmácia” que compõem a coleção e que foram publicadas entre o período de 1902 até 2009. O diferencial da mostra é o extenso período histórico e a diversidade de marcas laboratoriais, já que os almanaques eram distribuídos por mais de 30 laboratórios diferentes, alguns inclusive com edições americanas ou francesas. *Tempo de Almanaque*, como sugere em sua capa ilustrada (Figura 6), apresenta um cuidadoso trabalho editorial:

Figura 6 – Catálogo *Tempo de Almanaque*, 2012.



Foto: Josenilto Barbosa, 2021.

Uma das características do catálogo reside em seu acabamento gráfico que se apresenta com imagens de almanaques e de como elas simbolizavam concepções e comportamentos de um determinado período, quando alguns aspectos tecnológicos não se faziam presentes, quando era difícil a publicação e circulação da palavra escrita, se comparada a hoje com a proliferação de impressos. O catálogo remonta parte da história da difusão da informação, leitura e literatura que chegava até o público através dos almanaques de farmácia. As fotografias exibem capas e páginas de almanaques, bem como reproduções de parte deles, distribuídas no seguinte sumário:

- 1- A palavra da colecionadora – Prefácio de Yasmin Nadaff.
- 2- Brevíssima história dos almanaques de farmácia – Percurso dos livretos de farmácia.
- 3- A mulher nas capas dos almanaques – O universo feminino nos almanaques.
- 4- Utilidades – A ciência no dia a dia – A popularização da ciência.
- 5- O tempo e o espaço – Calendário, datas comemorativas e horóscopo– Marcação de tempo.
- 6- Publicidade pharmaceutica – Os anunciantes patrocinadores – Agentes publicitários.
- 7- Lazer no almanaque – humor, passatempos e jogos – Entretenimentos.
- 8- A coleção – Imagens com a coleção de capas dos almanaques em exposição.

Coroando a exposição itinerante de mesmo nome, este catálogo culminou o projeto expositivo do SESC com a história dos livretos. Disposto em forma cronológica de apresentação

dos livrinhos, o leitor é transportado ao universo lúdico e abundante dos impressos, através de suas histórias, suas peculiaridades e suas imagens hierarquizadas por ano de publicação, tornando-se um dos vestígios documentais da exposição.

3.3.2 “Do Almanak aos Almanques”

O catálogo organizado por Marlyse Meyer no ano de 2001, publicado com o título *Do Almanak aos Almanques*, é estruturado entre almanques gerais e almanques de farmácia e integrado com textos escritos pelos estudiosos e estudiosas Jean-François Botrel, Jerusa Pires Ferreira, Maria Coleta Oliveira, Vera Casa Nova e Margareth Brandini Park, especialistas que teceram reflexões sobre os almanques de farmácia.

Meyer (2001) organizou o livro-catálogo como resultado da exposição de almanques brasileiros na Fundação Memorial da América Latina que ocorreu durante o Colóquio Internacional “Os almanques populares: da Europa à América – gênero, circulação e relações interculturais”, realizado em 1999, em São Paulo-SP. Neste catálogo estão contidos diversos textos que abordam informações gerais sobre os almanques, sua história, sua reprodução e os almanques como fontes de pesquisa. Traz também um estudo mais apurado sobre os almanques de farmácia, apontando estes como uma das primeiras formas de propaganda. O livro se constitui como uma fonte de referência que compreende o almanaque como veículo de comunicação popular.

Ainda presentes no Brasil e em vários países da América e da Europa, os almanques fazem parte de nosso cotidiano. Esses objetos não são apenas guias da vida prática – eles constituem, segundo Marlyse Meyer (2001), uma “semiologia do tempo” (p. 13). A autora e organizadora aborda o caráter educacional do almanaque de farmácia, ao afirmar que este “desempenhou grande papel político e pedagógico no Brasil” (p. 127). Para ela, lazer e utilidade são características dos almanques de farmácia enquanto leitura popular, que ensina por meio de brincadeiras, adultos e crianças. Meyer afirma que “o almanaque de farmácia utiliza como estratégia para a inserção do anúncio a ser vendido, uma aproximação amigável com o leitor, onde sua leitura exaltaria a esperança de um ano renovado com prosperidade e saúde” (p. 129).

Segundo Meyer (2001), “as ilustrações e a tipografia transformavam textos em desenhos e auxiliavam na leitura através da compreensão do conjunto, os fragmentos de palavras, imagens e ideias que formavam uma unidade” (p. 128). E como bem demonstra a figura 7, os almanques apresentavam diferentes formatos e acabamentos, desde edições requintadas às

mais populares. Inclusive alguns almanaques de farmácia, editados por laboratórios e distribuídos gratuitamente, eram impressos nas gráficas dos rótulos de medicamentos.

Figura 7 – Catálogo *Do Almanak aos Almanagues*, 2001.

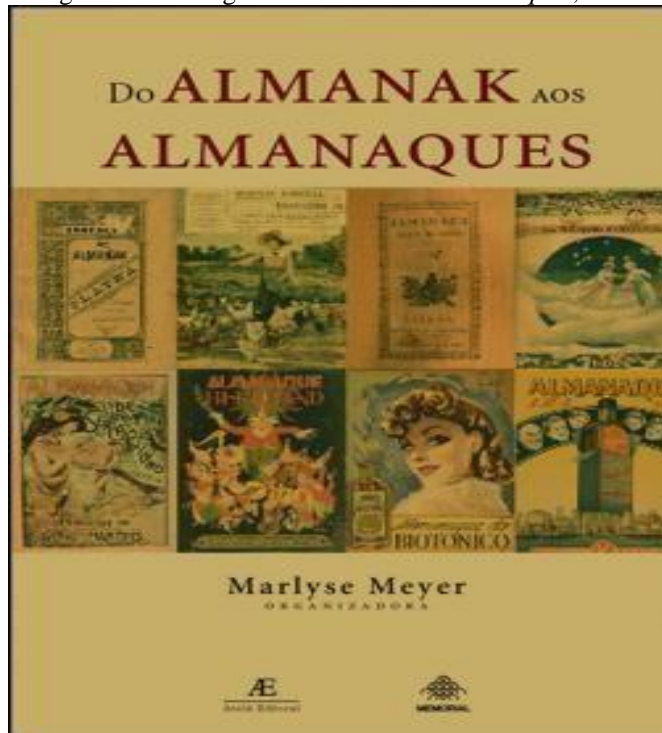


Foto: Josenilto Barbosa, 2021.

Os custos de produção poderiam ser financiados por anúncios publicitários, pela venda direta e assinaturas ou, ainda, através da publicidade dos produtos dos próprios editores, muitas vezes destinados à infância. O lançamento desse livro-catálogo ocorreu dois anos após a exposição e do colóquio internacional realizados na Universidade Estadual de Campinas e no Memorial da América Latina, reunindo especialistas do Brasil e da França para discutir o assunto.

O catálogo apresenta o conto “Como se inventaram os almanaques”, do escritor Machado de Assis, contribuições de especialistas e estudiosos sobre o tema. Mais visual do que ensaístico, o livro reúne reproduções de capas, folhas de rostos e páginas dos mais diversos almanaques garimpados de museus e coleções particulares, principalmente a coleção do bibliófilo José Mindlin.

Informa que, embora praticamente desconhecido das novas gerações, esse gênero teve o seu apogeu entre os séculos XVII e XIX e ainda resiste como veículo de comunicação e manifestação popular. Destaca que no Nordeste brasileiro ainda é difundido pelos autores de cordel. Nas bancas de revistas está representado pelo *Almanaque do Pensamento*, cuja capa traz

o subtítulo “O mais completo guia astrológico”. Ocasionalmente, surgem publicações nitidamente inspiradas nos modelos desses livretos, *O Almanaque do Amor*, um projeto da Secretaria Municipal de Cultura de Londrina no final da década de 1980.

A ênfase na saúde física e nos tópicos morais da família é evidenciada, por exemplo, nas indicações de nutrição, data de vacinação, receitas de comidas, indicação de fortificantes e conselhos de como educar os filhos e ser “uma boa mulher”:

Até os anos da década de 1970, as capas dos almanaques causavam certa polêmica e o motivo era a utilização da nudez feminina, que provocava uma chuva de cartas de protestos enviadas principalmente das cidades do interior. Muitas atrizes e manequins famosas enfeitaram as capas de diversos almanaques, entre elas, Vera Fischer, Elisabeth Savala, Maitê Proença, Natália do Vale, Rose di Primo (MEYER, 2001, p. 194).

Os vários especialistas no catálogo organizado por Meyer (2001) fazem reflexões instigantes. Jean-François Botrel (2001) insere o almanaque entre aqueles fenômenos cuja trivialidade de seus usos os tornam esquecidos, ignorados e até desprezados:

Os almanaques, como vários outros objetos da cultura material ou impressa, estão ainda hoje e há muito tempo, presentes no Brasil como em vários outros países da América ou da Europa sem que se dê por isso, porque fazem parte do cenário cotidiano tanto quanto os outdoors publicitários ou jornal televisivo (BOTREL, 2001, p. 17).

Jerusa Pires Ferreira (2001) destaca os impactos dos almanaques, quer nas cidades, tanto quanto nos povoados mais afastados, e sua função de “conselheiro e guia” (p. 20). Essa característica marca particularmente os almanaques farmacêuticos, distribuídos gratuitamente em final de ano, por ocasião das festas de Natal e Ano Novo:

Há muitos anos – e já nem sei a partir de quando – me acompanha e fascina a ideia de almanaque, em corpo, letra e imagem. Objeto fetiche, o almanaque da infância no qual e a partir de que tantas certezas e informações eram retiradas e transmitidas. Minha avó materna se ligava nos de Bristol. Já de outra parte, do lado de meu pai, e aí de modo diferente, o almanaque representava algo muito importante (FERREIRA, 2001, p. 19).

Já a socióloga e pesquisadora Maria Coleta Oliveira (2001) enxerga os almanaques como uma preciosa fonte para pesquisas sociais. Para esta autora, os almanaques se propõem a informar sobre as características da vida social e econômica das localidades, registrando, muitas vezes, com indisfarçável tom ufanista, o cotidiano das cidades do interior. Além de apontar o que de novo acontecia no município, reconhece que fazia “parte do estilo dessas publicações, um inventário de quem é quem no cenário social e econômico das localidades” (p. 23).

Vera Casa Nova (2001), pesquisadora e autora de dois livros sobre almanaques, reflete em um texto do catálogo de Meyer e aponta algumas das intenções dos almanaques, como as de caráter religioso ou místico: “[...] no almanaque de farmácia, a dimensão mítica do cristianismo pode ser sentida mais de perto. Temos no almanaque o tempo atual, presente, mas também o tempo em que se efetuou a existência história de Cristo, santificado pelo seu nascimento, paixão, morte e ressurreição” (p. 129).

O almanaque despertou um valor sentimental em muitos dos seus leitores e leitoras. Em alguns depoimentos contidos no trabalho de Meyer (2001), destaca-se o texto do escritor Ignácio de Loyola Brandão, quando relembra, saudoso, a expectativa da chegada dos almanaques:

A espera dos almanaques começava nos primeiros dias de dezembro. Passávamos todos os dias na farmácia, perguntando: “já chegou?” Principalmente nós, os mais pobres, que não tínhamos dinheiro para os gibis. Os almanaques supriram a ausência. Quase todos os grandes laboratórios editavam os seus [...]. Eu, que desde a minha infância tenho contato com ele, sei o quanto ele é importante, pois chega onde os Best-sellers nunca chegaram [...]. Esta simples revistinha é para muitas pessoas humildes do interior, o único meio de literatura [...]. Ele é esperado o ano todo, e com que alegria as pessoas o recebem nas farmácias e quando chegam em casa reúnem toda a família e vão lendo para eles, dicas culinárias, curiosidades etc. [...] Ignácio Loyola Brandão, *O Estado de São Paulo*, 28 de agosto de 1994 (apud MEYER, 2001, p. 127).

As duas exposições e seus respectivos catálogos evidenciam e enfatizam a função de mediadores informacionais que tinham os almanaques. Testemunhos de uma época, chegavam até os lugares mais distantes do país, como um veículo de publicidade de medicamentos produzidos por laboratórios farmacêuticos, prometiam saúde e beleza e eram também uma fonte de notícias e informações para a população rural e urbana:

As promessas de cura em soluções rápidas e baratas vinham acompanhadas de sedutoras possibilidades de realização pessoal. Convencidos pela argumentação dos textos, leitores e leitoras experimentavam o xarope, a pílula ou o elixir, na esperança da gratificação física, material e sentimental. 'Saúde é beleza' era o *slogan* preferido dos propagandistas. Insistentemente veiculado, instigava a vaidade e a fantasia feminina ao acenar com os (supostos) efeitos embelezadores obtidos mediante o uso de determinados medicamentos. Grande parte dos anúncios, principalmente sobre laxantes e reguladores, reafirmava esses pressupostos, colocando em plano privilegiado aquilo que supostamente reverteria em bons resultados exteriores. Explorado na maioria das publicações, tornou-se um clássico e uma das idéias centrais da publicidade nos almanaques. A tarefa de implantar novos hábitos de higiene, saúde e beleza coube em boa parte aos profissionais publicistas. Seus textos e imagens (especialmente a partir da década de 1930) vão introduzir não só as novas drogas científicas, mas novos padrões de comportamento,

usos e costumes. Em busca de mercado para seus produtos industriais, a propaganda dos laboratórios arremete contra o modo de vida passado, sobrepondo-se às práticas artesanais de medicina caseira e desqualificando-as. Redatores e ilustradores passam a reproduzir o clima dinâmico de uma sociedade que se transforma rapidamente. Velocidade, agilidade, a vertigem e a força de aeroplanos e automóveis são temas e símbolos que sintetizam o clima desse momento, e que sugestivamente se apresentarão cada vez mais em seus trabalhos (GOMES, 2006, p. 1010-1011).

Com formatos ágeis, cuidadosamente ilustrados e com uma grande diversidade tipográfica, em geral apresentando edições anuais, essas revistinhas cumpriram durante décadas a função de informar e entreter. Inicialmente estampavam impressões com uma única cor, até ganharem versões mais caprichadas com duas e com quatro cores. Alguns exemplares vinham ainda acompanhados por cordinhas, para serem pendurados na parede ou na porta, ao alcance da família, ocupando um lugar de destaque nas casas e nas memórias das pessoas:

Quanto mais bem produzido o almanaque, maiores as suas possibilidades de aceitação e de retorno público. Investir na colaboração de escritores, poetas, humoristas e ilustradores de destaque resultou em momentos de alto nível de comunicação escrita e ilustrada. [...] A ilustração nos almanaques guarda registros de alguns dos mais reconhecidos artistas do gênero. Nomes como Belmonte, Kohout, Raul, J. U. Campos e J. Carlos, ao lado do traço não menos famoso de Kalixto, Max Yantock, Seth e Luiz Sá, foram os responsáveis pela graça e beleza que tornavam prazerosa e divertida sua leitura (GOMES, 2006, p. 1011-1014).

Os almanaques, se considerados pela perspectiva do afeto, são patrimônios que acionam memórias, derivadas das relações de múltiplos sentidos com o indivíduo ou com a coletividade, na qual ele esteve relacionado, como bem aponta Lopes (2010): “trata-se de uma forma de extrair o objeto de seu contexto e de aproximá-lo de um contexto pessoal, metamorfoseando suas propriedades a partir do sentido de familiaridade, o que, acrescido de uma perspectiva de duração, adquire valoração” (p. 386).

Os livros-catálogos *Tempo de Almanaque* e *Do Almanak aos Almanagues* são vestígios das exposições, fontes de informações que expõem com textos e imagens, dimensões sociais e culturais, atravessadas pelos almanaques que entremearam diversas trajetórias de vida. Os catálogos nos mostram as miríades de conexões sentimentais entre os livretos e os seus leitores, e de como esse relacionamento, imbricado nas trajetórias de vida, ecoou-se no âmbito das memórias coletivas e/ou individuais.

Os catálogos aqui descritos foram construídos a partir de uma sistemática que norteou não apenas as suas exposições, mas também a elaboração posterior de seu material impresso e editado. Os almanaques nestas exposições extrapolam um ajuntamento aleatório de coisas e, de

acordo com premissas do colecionismo, estão sob motivações que extrapolam as funções primárias de seus usos.

Ao defrontar-me com os catálogos das exposições *Do Almanack aos Almanques* organizado por Meyer (2001) e com *Tempo de Almanaque* organizado pelo SESC (2012), foi inevitável transportar-me para o tempo de minha infância e adolescência e sob o prisma de saudosas recordações, revivi a exposição improvisada dos almanques que Seu Nôza realizava todos os dias em sua casa de comércio, em Santa Inês. As dezenas de livrinhos eram pendurados aleatoriamente e esticados com pregadores de roupa à espera de seus ávidos leitores e leitoras que os manuseavam e os liam ali mesmo, num canto disputado daquele espaço pouco adequado para uma leitura, mas nem por isso menos aprazível, o espaço e o tempo daquela exposição cotidiana eram despreziosos, mas acionavam afetos compartilhados.

4 ALMANAQUE COMO PATRIMÔNIO AFETIVO: TRAJETÓRIAS AUTOBIOGRÁFICAS EM SANTA INÊS

[...] É precisamente na medida em que ele, almanaque, toca, alcança todos os sujeitos, que vai dessacralizar, romper os gêneros, afastar todos os limites e colocar os seus leitores mais diretamente em relação com a vida, a atualidade, a informação, compondo, autor do real no que ele se faz interessar. Divertir, provocando através dele, a reflexão e a crítica.

Bollème (*In: PARK, 1999, p. 52*).

Neste capítulo meu intuito é aproximar das percepções dos almanaques como um patrimônio afetivo evidenciando a sua circulação na Bahia, com destaque para os caminhos que percorreram até Santa Inês, minha cidade natal. Entrecruzando narrativas e depoimentos sobre os impactos dos almanaques, destacarei como os almanaques se transformaram em patrimônios afetivos evidenciados nas lembranças de alguns leitores e leitoras.

Atualmente, as novas formas de comunicação e interatividade tecnológicas ocupam com predominância em nossa maneira de nos relacionar uns com os outros e de como verbalizamos nossa corporeidade. Os meios eletrônicos, cada dia mais abrangentes, conquistam paulatinamente um público cada vez maior e cada vez mais ávido por novidades, o que torna difícil nos comunicarmos sem a utilização dessas ferramentas ou sem os recursos que elas nos oferecem.

Diante dessa constatação, muitas das relações com as práticas de leitura e de produção de escrita se aderiram forçosamente aos suportes eletrônicos como o e-mail, os jornais e as revistas digitais, as conversas via plataformas eletrônicas, o uso contínuo dos novos aparelhos (*notebook, tablet, smartphone* etc.), colocando no limbo da dúvida, o futuro dos livros impressos como os almanaques e a sua sobrevivência nos moldes em que foram criados e do modo com seus leitores e leitoras se relacionavam com esses impressos.

Os almanaques se tornaram suportes importantes para o registro e divulgação de diversos conhecimentos, também foram vitrines de manifestações da cultura popular e objetos que atravessaram trajetórias da vida de muitos de seus leitores e leitoras, imprimindo-lhes marcas, atribuindo-lhes significados às suas existências. Para além de uma relação puramente tátil e intelectual com esses livretos, a relação com seus leitores foi estabelecida pela afetividade evidenciada pelos sentimentos que eles acionam em diferentes recordações. Em um dos depoimentos coletados para este trabalho, solicitei ao Sr. Carlos Magno Augusto Sampaio que ele discorresse sobre o significado dos almanaques em sua vida:

[...] Foram responsáveis por momentos de muito divertimento e alegrias de meu tempo de infância e de adolescência. Acompanharam de certa forma meu crescimento e amadurecimento. Fiz uso de suas dicas e de alguns de seus ensinamentos e, portanto, eles foram um pouco meus professores e possibilitaram que eu conhecesse outros textos e outras culturas. Tenho para com os almanaques uma eterna gratidão, por eles terem sido na minha vida não apenas livros, mas companheiros de solidão e meu lugar de refúgio preferido. Eles são parte importante de minha vida porque representam um tempo em que ler tinha um significado não só de conhecimento, mas de evolução de humanidade. Acho que me tornei uma pessoa melhor depois dos almanaques, porque eles não ensinavam apenas coisas práticas e do dia a dia, eles orientavam a gente pra todas as coisas da vida.

Minha aproximação com Carlos Magno Augusto Sampaio é relativamente recente e deu-se em função da amizade dele com meu irmão Josmar Rodrigues Barbosa. Fomos apresentados a mais ou menos oito anos atrás, quando eu passava férias em Santa Inês. Logo nos identificamos e nos descobrimos cúmplices pelo hábito da leitura, desde então, nos falamos sempre que é possível.

Veio da cidade de Santarém no Paraná porque passou num concurso público na Bahia, onde tem parentes e há dez anos é funcionário da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER/BA), órgão que auxilia e presta suporte a produtores rurais em Santa Inês e região. Carlos Magno também vivenciou à sua maneira as influências que os almanaques lhe causaram como, por exemplo, o gosto pela leitura que reafirma vez ou outra ter sido enfatizado pelos livretos e concordamos sobre a saudade que sentimos dos velhos almanaques que nos instruíamos diferente de uma enciclopédia tradicional, embora tenhamos consciência do pouco aprofundamento dos almanaques sobre as temáticas que abordam. Carlos Magno fez sempre questão de enfatizar que as leituras dos almanaques são preâmbulos para textos que exigem um repertório mais aprofundado.

Como muitos leitores de almanaques, Carlos Magno diz ter por estes livretos uma gratidão imensurável, por terem sido companheiros de infância e de adolescência e o ter estimulado a gostar de livros. Em praticamente todas as nossas conversas, não me recordo de nenhuma delas em que em algum momento não apareça um assunto que tenha alguma ligação com os almanaques, embora ambos não sejamos colecionadores. Carlos Magno diz ter apenas um exemplar de um livreto *Almanaque Capivarol* de 1979, que ele ganhou de um amigo conterrâneo quando visitou seus pais no Paraná oito anos atrás.

A relação estabelecida entre os almanaques e muitos de seus leitores se abriga e se processa sob um estímulo que escapa aos ritos objetivos de interatividade, subverte e extrapola a lógica que os aproxima. As afinidades entre muitos leitores e os almanaques são constituídas

por sentimentos que começam a regular e mediar o seu relacionamento. A partir da reflexão de Baudrillard (1993), quando se refere a um objeto colecionado, é possível classificar os almanaques na dimensão afetiva quando:

[...] a posse jamais é a de um utensílio, pois este me devolve ao mundo, é sempre a de um objeto abstraído de sua função e relacionado ao indivíduo. Neste nível todos os objetos possuídos participam da mesma abstração e remetem uns aos outros na medida em que somente remetem ao indivíduo. Constituem-se, pois em um sistema graças ao qual o indivíduo tenta reconstituir um mundo, uma totalidade privada (BAUDRILLARD, 1993, p. 94).

Para entender a trajetória dos almanaques e para contextualizá-la como algo que se instalou sob parâmetros de sentimentos com muitos de seus leitores e leitoras, é necessário considerar os significados por eles provocados nas trajetórias de vida, como evidencia mais um trecho de depoimento de Carlos Magno Sampaio sobre esses objetos:

Reviver minha infância e meu convívio com minha família, meus irmãos e as brincadeiras, o meu isolamento por ser mais novo e por isso com menos assuntos em comum com os irmãos mais velhos. Era o meu lugar de refúgio, onde eu fazia de conta do que aprendia nos almanaques, uma espécie de poder, para me destacar entre os outros garotos da rua e da escola, como diz o ditado, conhecimento é poder, eu fazia um bom uso disso, porque eu impressionava os amigos e colegas e também as meninas que queria namorar, às vezes, funcionava muito bem. Os almanaques eram sinônimos de conhecimento para mim.

Apesar das diferentes tipologias dos livretos e da época, das circunstâncias em que eles foram publicados, o ponto em comum entre todos, além da relação com o tempo, era o vínculo direto com seus leitores, para além de sua utilidade com as querelas cotidianas ou com as informações e saberes variados. Na maioria das vezes, eles estabeleceram uma conexão de sentimentos impulsionados a cada nova leitura, depois de cada novo contato:

A tradicional técnica dos testemunhos representou uma das formas promocionais mais utilizadas nos almanaques. Consistia na participação direta dos consumidores através de cartas enviadas aos laboratórios. Os depoimentos de cunho pessoal narravam – geralmente em linguagem exageradamente dramática – os percalços em busca do remédio ideal, terminando por enaltecer os efeitos alcançados com o uso (enfim) daquele determinado produto. Repassado página a página, o forte conteúdo emocional dos discursos incentivava os leitores identificados com a situação a tentarem também a mesma experiência. O volume recebido (e sempre citado) desses atestados funcionava como mais um elemento de estímulo agregado à sua propaganda. Percebidas como força considerável de persuasão, as palavras de médicos, artistas populares e representantes da Igreja católica compartilhavam estrategicamente os espaços publicitários nos almanaques. Reforçando as manifestações espontâneas do usuário comum, o prestígio e a credibilidade

dessas fontes exerceriam influência decisiva no ato da escolha (GOMES, 2006, p. 1011).

As pessoas que apresentaram depoimentos para este trabalho, direta ou indiretamente, tiveram suas vidas marcadas por estes periódicos e unanimemente os relacionaram como patrimônios no âmbito afetivo. Conforme destaquei na introdução desta dissertação, foram articulados a autobiografia e o método bola de neve para definir a amostra. Nos relatos selecionados para o trabalho, em sua maior parte, há sempre uma relação dos almanaques com os depoentes em que a escola aparece quase sempre como um dos lugares mais citados para o elo que se estabeleceu entre leitores e os livretos. Quando a escola não aparece como lugar desse encontro, ela está inscrita como um importante cenário que possibilitou ou evidenciou essa ligação.

Em Santa Inês, na década de 1970 até o início dos anos de 1980, a escola mais frequentada era o Grupo Escolar Papa João XXIII. Mantida pela prefeitura da cidade (era uma escola municipal), “O Papa”, como a chamavam, oferecia o curso primário até a 4ª série e recebeu quase todos os santeneenses que conseguiam estudar. Os depoentes e as depoentes, com exceção de dois deles que nasceram fora de Santa Inês, estudaram no Papa João XXIII e no ambiente interno de seus muros e em suas salas presenciaram muitos encontros entre leitores e almanaques, muitos desses encontros atravessaram vidas. A figura 8 é do Grupo Escolar Papa João XXIII que, na década de 2000, por questões políticas locais, mudou de nome para Escola Municipalizada Papa João XXIII. Para este trabalho não foi possível encontrar uma fotografia que constasse o seu nome original.

Figura 8 - Escola Municipalizada Papa João XXIII, 2021.



Fonte: Acervo Maria das Graças Aquino.

Cátia Cilene Farago é natural de Santo Antônio de Jesus, mas foi morar em Santa Inês ainda muito menina e sempre se refere à cidade como a sua “cidade do coração”. Cátia desde adolescente andava com alguma fotonovela embaixo do braço. Quase sempre estava em grupo de três ou quatro amigas que confabulavam pelos cantos e exaltando alguma história de amor lida em alguma revista ou fotonovela. Meu contato com ela deu-se quando lhe emprestei um almanaque que falava justamente das origens do amor romântico. Não era um almanaque “de marca”, como dizíamos e me foi emprestado por alguém que também não consigo me lembrar. Lembro que o almanaque avulso trazia em suas páginas a genealogia do amor romântico através da literatura universal. Muito afeiçãoada à leitura, Cátia devorava livros enormes e sempre que nos encontrávamos, narrava toda a epopeia das histórias que lia. Aprendi muito com suas narrativas e lhe sou deveras grato por sua generosidade, sua discrição e sua cumplicidade com as minhas dificuldades de letramento.

Com seus “óculos de fundo de garrafa” por uma agressiva miopia, Cátia Farago sempre teve problemas muito sérios de visão, mas isso nunca a impediu ou limitou seu interesse pela leitura. Amava os bichos, as árvores e os livros – era o que Cátia sempre ressaltava. O seu depoimento revela de forma comovente a sua relação afetiva com os almanaques:

Sou apaixonada por esses livrinhos. Eles me trazem muitas lembranças boas. É impossível lembrar dos almanaques e não lembra da infância, da adolescência, das amigas dessa época. Alguns anos atrás, por exemplo, estava em casa num sábado sozinha. Pus um cd de Maria Bethânia para ouvir, abri um vinho e comecei a me lembrar das amigas da adolescência e logo a lembrança dos almanaques vieram à tona. Eu peguei o celular liguei para mãe de uma dessas amigas e perguntei pela filha, ela me deu notícias e também o telefone dela. Liguei para ela, falamos durante horas e ela me disse que outro dia estava com um almanaque sobre o amor nas mãos. Lendo, a primeira pessoa que ela lembrou, foi de mim. Ou seja, o almanaque de alguma forma ainda está muito ligado à minha vida, parece com aqueles elos que nos unem a um tempo ou a pessoas que nunca acabam.

Preservados ou guardados em gavetas ou em compartimentos da memória, por si só, isto parece ser uma evidência de que os almanaques adquiriram um valor simbólico que lhes atribui outra funcionalidade diferente e distinta de sua utilidade primária, ordenada sob os parâmetros do afeto. Pelo depoimento de Cátia, constata-se a ligação sentimental que os almanaques representam em sua trajetória de vida evocada por suas lembranças e o quanto esses objetos acionam afetos relacionados à sua infância e adolescência em Santa Inês na década de 1980. Lopes (2010), quando reflete sobre a relação de afetividade entre o colecionador e o objeto colecionado enfatiza:

[...] as pessoas projetam um sentimento de afetividade às suas coleções, no sentido de preservação. Na medida em que se separam certos objetos do seu contexto “natural”, se transforma esses objetos, atribuindo-lhes uma seqüência que os distancia de outros objetos, com propriedades distintas; atribuindo-lhes sentido [...]. Esse processo cria uma familiaridade com eles. Trata-se de uma forma de extrair o objeto de seu contexto e de aproximá-lo de um contexto pessoal, metamorfoseando suas propriedades a partir do sentido de familiaridade [...]. Esse afeto é uma forma de valorização decorrente da familiaridade que se estabelece (LOPES, 2010, p. 386).

As narrativas dos depoentes para este trabalho evidenciam que os almanaques propiciaram relações singulares com muitos de seus leitores e leitoras, pautadas no âmbito dos sentimentos, evidenciando, assim, a sua permanência nos espaços demarcados de memórias, como demonstra o depoimento de Valdília Maria Brito dos Reis, ao descrever o significado dos almanaques em sua vida:

Os almanaques eram a fonte de informação e de diversão. Até hoje me lembro muito de suas anedotas e remédios. Eles foram uma espécie de amigos que estavam sempre à minha disposição. Aprendi com esses livros coisas triviais como receitas culinárias, dicas sobre coisas domésticas e informações sobre horóscopo, fases da lua. Mas também eles me aproximaram de conhecimentos mais complexos como astronomia (assunto que eu adoro), política, literatura e acontecimentos pelo mundo, além de nossa aldeia. A importância dos almanaques na minha própria vida, pode ser medida até pela escolha dos nomes de meus dois filhos que se chamam Sofia e Rafael, depois de saber pelos almanaques os significados de seus nomes. Gostaria muito que meus filhos tivessem a oportunidade, embora eu saiba que o tempo é outro, de conhecerem mais sobre o quanto os almanaques foram decisivos sobre vários aspectos em minha vida, que não apenas influenciou a escolha de seus nomes, quanto também me influenciou ao gosto pela leitura e pelo conhecimento dos livros. Os almanaques ocupam um lugar muito especial dentro de minhas lembranças, desde a menina insegura e temerosa que fui à mulher mais confiante que me tornei. Os almanaques sempre terão em meu coração um lugar de destaque.

Quando atribuímos um novo sentido para evidenciar os aspectos dos objetos que não estão explícitos em sua materialidade, quando estes circulam em torno de nossa vida e quando fazem parte de nossa rotina, o fazemos – os enfoques aqui demonstram - a partir de um outro fundamento que extrapola o sentido primário de seu uso, agregando novos significados. São os afetos que incorporados à relação entre indivíduos e objetos, passam a conduzir e a regular os seus vínculos.

Conheço Valdília Maria Brito dos Reis desde menino, quando eu já por volta dos doze anos entregava as roupas que minha mãe costurava para quase toda a família dela. Os pais de Valdília, Seu Valdemar Reis e sua esposa Dona Lilia Reis, eram muito amigos de meus pais.

Seu Valdemar possuía uma pequena granja onde eram vendidos frangos abatidos na hora e Dona Lilia era uma contumaz freguesa de costura de minha mãe, juntamente com suas cinco filhas, incluindo Valdília que regularmente frequentava a minha casa para as provas das roupas.

Algumas de suas irmãs eram contemporâneas de minhas duas irmãs que ao final das provas das roupas, ficavam horas conversando e uma vez ou outra Valdília trocava algumas palavras comigo, pois de suas irmãs ela era a mais nova e com idade mais próxima da minha. Chegamos a conversar algumas vezes sobre os almanaques, mas foram diálogos muito rápidos e durante a minha infância e adolescência nunca conversamos mais profundamente, isso só veio a ocorrer quando já morando em Salvador, nos encontramos em uma de minhas viagens à Santa Inês e sedimentamos uma amizade. Portanto, quando pensei nos depoentes para este trabalho, o nome de Valdília me veio à mente porque tenho dela um dos mais marcantes imagens sobre os almanaques que é a de um “companheiro de viagem”.

Como outras meninas de Santa Inês, Valdília já me disse que aprendeu nos almanaques informações sobre a higiene feminina e sobre os mitos que envolviam a menstruação das mulheres. Até em minha casa, nós os meninos, notávamos quando nossas irmãs estavam menstruadas pelo fato de ficarem de resguardo (não saíam, não comiam frango ou qualquer comida remosa e vestiam roupas fechadas como se estivessem na estação de frio). E muitos dos mitos do corpo feminino, segundo Valdília, foram desmascarados nas leituras feitas nos almanaques que, segundo ela, era um tipo de “médico da família”. Todavia, é importante sublinhar que os almanaques também produziram mitos, com promessas de cura e soluções rápidas e baratas.

Como já foi dito, objetos que circulam as nossas vidas e começam a fazer parte de nossa rotina podem delatar nuances sobre os indivíduos que passam a colecioná-los, dotá-los de valores que extrapolam as suas necessidades originais, e podem ter uma importância significativa no contexto dos afetos.

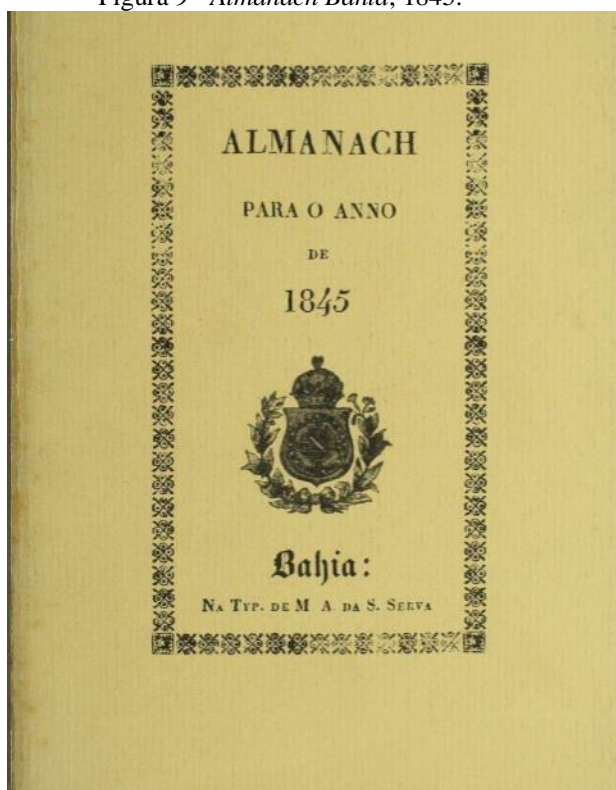
4.1 ALMANAQUES E SUA CIRCULAÇÃO NA BAHIA: O CASO DE SANTA INÊS

Repetindo os estilos gráficos das publicações produzidas na Europa a partir dos séculos XVII e XVIII, desde a vinda da família real ao Brasil os almanaques reproduziram aqui a mesma fórmula editorial que os consagraram: livreto portátil com informações diversas sobre vários assuntos e com utilidades para o cotidiano. Desde então, esses impressos acompanharam muitas

gerações e chegaram, por causa do público que o propagava e que cada vez mais se multiplicava pelo Brasil, em regiões de difíceis acessos, apesar dos escassos meios transportes e das poucas vias terrestres ou fluviais.

O *Almanach para a cidade da Bahia* lançado em 1812 na tipografia de Antônio Silva Serva é considerado pela pesquisadora Margareth Brandini Park (1999) como o primeiro exemplar do gênero produzido em solo brasileiro. O pesquisador Carlos Roberto Saraiva da Costa Leite (2016) afirma que “os almanaques chegam ao Brasil através de importações contrabandeadas da Europa, porque a Coroa Portuguesa proibiu a circulação de periódicos na Colônia” (p. 59), mas com a chegada da família real e a instalação da Imprensa Régia, em 1808, surge uma imprensa nacional com o lançamento dos primeiros periódicos. Na figura 9 é possível visualizar a capa de um dos almanaques editados na Bahia em 1845:

Figura 9 - *Almanach Bahia*, 1845.



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Em terras baianas, o *Almanach para a cidade da Bahia*, impresso pela Tipografia de Manoel Antônio da Silva Serva (1761-1819), foi pioneiro no Brasil e, muito embora tivesse sido impresso em solo brasileiro, não escapou de seguir o mesmo modelo europeu, tendo, principalmente, a função de calendário, informando os feriados e dias comemorativos. Esse impresso, de acordo com os pesquisadores Manuel Viegas Guerreiro e J. David Correia (1986),

trazia em suas páginas a relação de cargos administrativos, como os de “vice-reis, além de informações sobre corpo militar, forças de primeira linha e milícias, grandes latifundiários baianos, secretaria do governo, firmas de grande capital, negociantes e outros profissionais liberais” (p. 8). Entretanto, o gênero mais popular, dado o aspecto não só informativo, mas utilitário e que também era distribuído gratuitamente, foi o dos almanaques de farmácia, distribuídos maciçamente nas farmácias e em alguns estabelecimentos comerciais, tornaram-se em pouco tempo um importante veículo publicitário da indústria dos laboratórios.

Ao longo do século XIX a maior parte dos almanaques produzidos no estado da Bahia era publicada em Salvador. Em uma reedição em 1998, no governo de Paulo Souto, foi publicado o *Almanaque Civil Político e Comercial da Cidade da Bahia* para o ano de 1845 em fac-símile pela Fundação Cultural do Estado com tiragem de mil exemplares.

Nele, a apresentação dos doze primeiros almanaques produzidos na Bahia é feita por Renato Berber de Castro (1998), que os elenca cronologicamente e os comenta contextualizando cada publicação dos periódicos todos eles de natureza governamental com suas rotinas administrativas: *Almanach para a Cidade da Bahia, anno 1812*; *Almanach Civil, Político e Commercial da Cidade da Bahia para o anno de 1845*, impresso na tipografia de M. A. da Silva Serva, em 1844; *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Bahia para o anno de 1855*, organizado por Camilo de Lellis Masson; *Almanak para o ano de 1856*; *Almanak para o ano de 1857*; *Almanak para o ano de 1858*; *Almanak para o ano de 1859*; *Almanak para o ano de 1860*; *Almanak para o ano de 1861*; *Almanak para o ano de 1862*; *Almanak para o ano de 1863*; *Almanak Administrativo, Commercial e Industrial da Província da Bahia para o anno de 1873*, compilado por Altino Rodrigues Pimenta.

Em determinada época, o estado brasileiro que produzisse seu próprio almanaque era destacado por essa iniciativa perante os outros estados. Os doze almanaques produzidos na Bahia a partir de 1845 traziam em suas páginas informações administrativas, políticas, comerciais etc. Tinham muita utilidade para quem chegasse de fora e quisesse ter conhecimento sobre o funcionamento, horários e rotinas dos órgãos governamentais. Nos almanaques de cidades, constavam instruções sobre datas cívicas, festas religiosas, calendário agrícola, conhecimentos gerais, fenômenos meteorológicos, rotinas administrativas, biografias, funcionamento de órgãos públicos etc.

Os almanaques das cidades exerciam um papel de guia dos acontecimentos administrativos que envolviam cada lugar de sua produção, ao mesmo tempo em que eram o registro documental de diversos eventos que ocorriam em suas respectivas cidades. Não me

recordo de um almanaque produzido em Santa Inês, mas certamente muitos desses impressos produzidos anualmente em Salvador e em outras localidades do país, circulavam na primeira metade do século XX em minha cidade natal.

Santa Inês nas décadas de 1970 e 1980 era muito mal servida de transporte para nos deslocarmos para outros municípios e para a capital. Existiam caminhonetes e automóveis particulares que eram fretados para dar conta do fluxo de pessoas que chegavam ou precisavam sair da cidade. A única empresa de ônibus que interligava Santa Inês às demais cidades e à Salvador era a Viazul, que disponibilizava dois ônibus que saíam em dias alternados para a capital: uma linha fazia Santa Inês/Salvador via Santo Antônio de Jesus e a outra linha fazia Santa Inês/Salvador via Feira de Santana e, assim, acontecia igualmente na sua viagem de volta. O horário da partida por muitos anos era às seis horas da manhã e o percurso inteiro até Salvador durava em média oito horas e quase toda a estrada ainda não era asfaltada.

Havia muita dificuldade em que se chegassem jornais, revistas e outros periódicos em Santa Inês pela distância grande da capital, pela escassez de transporte e estradas ainda de terra. Quase todas as pessoas que precisavam resolver algo mais complexo, consultar médicos, realizar exames, fazer documentos, ter acesso a bancos, dirigiam-se para as cidades de Santo Antônio de Jesus ou Jequié porque eram as cidades mais próximas que ofereciam algum acesso a diversos serviços dessa natureza. Os jornais, as revistas, os livros e quase tudo relacionado à leitura chegavam à Santa Inês via ônibus que desembarcavam por volta das dezessete horas todos os dias.

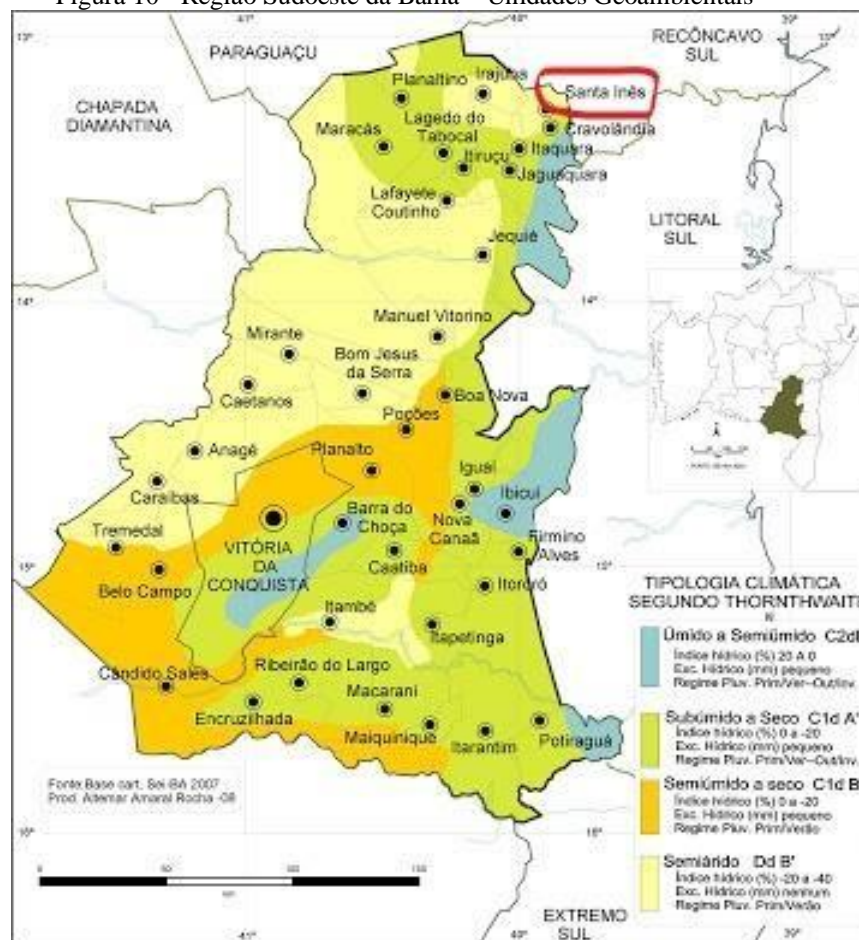
No que diz respeito aos almanaques que eram distribuídos na farmácia, eram levados por divulgadores/vendedores dos respectivos laboratórios que iam de ônibus com suas enormes mochilas e malas marrons, abarrotadas de produtos e de livretos. Não era raro que, às vezes, conseguia-se um exemplar de um almanaque diretamente com o seu divulgador que ia de casa em casa (isso na área rural) para vender o seu elixir e oferecer como brinde um exemplar do seu almanaque. Entretanto, a forma mais usual de se adquirir um livreto era indo direto à farmácia.

Como frisei anteriormente, a partir dos séculos XVIII e XIX os almanaques circularam amplamente em quase todo nacional. Ao longo dos anos, eles ganharam novas formas, que os transformavam em impressos mais bem elaborados, com mais páginas e novos conteúdos, além de manterem o papel de serem veículos de propagandas e guias de instruções diversas. As mudanças pelas quais os almanaques passaram não foram sem razão. A sua função social se modificou e agigantou-se em detrimento de vários interesses e essas transformações

possibilitaram a sua expansão e maior alcance territorial, saindo dos espaços urbanos e mais elitistas, para atingir as áreas rurais, nas regiões de difícil acesso, como evidencia a pesquisadora Stella Moreira Dourado (2018): “devido às dificuldades de locomoção, mídias impressas não chegavam ao interior do país e, com exceção do almanaque, que se torna um dos únicos meios de informação da zona rural, devido às suas grandes tiragens e distribuição gratuita por meio das farmácias” (p. 17).

A cidade de Santa Inês na Bahia não ficou isenta da presença dos almanaques. Situada no semiárido baiano, sob o relevo das serras que a circundam, Santa Inês é uma cidade interiorana do sertão nordestino: faltam-lhe recursos básicos para que as condições sociais e econômicas tenham índices menos estratosféricos de desigualdade e de pobreza. Situada no sudoeste baiano, no território do Vale do Jequiçá (Figura 11), minha cidade natal foi fundada e tornada um município em 1924. Segundo estimativas do IBGE de 2010, o município de Santa Inês ocupa uma área de 315, 656 km² e possui uma vegetação formada de caatingas e campos de pastagens, tendo como temperatura mínima de 12 e máxima de 30 graus. Seu clima é o semiárido e o município encontra-se incluído no “Polígono das secas”, com população de 10.363 (dez mil, trezentos e sessenta e três) habitantes. Santa Inês acomoda constantes desafios sociais, além da escassez de chuvas e a ausência de políticas públicas que mitiguem as suas desigualdades.

Figura 10 - Região Sudoeste da Bahia – Unidades Geoambientais



No início do século XX, Santa Inês e outras cidades vizinhas foram beneficiadas com a implantação da Estação Ferroviária que ligava os municípios da região e por onde escoava a produção de café, sisal, fumo e transporte de passageiros. Com a implantação da ferrovia, o sistema de transporte de passageiros e de produtos agropecuários foi integralizado. Pelos trens que interligavam a região do Vale do Jequiriá eram transportado todo tipo de mercadoria que as cidades produziam e se tornaram o meio de transporte de massa mais utilizado naquele momento. Segundo relatos, as cabines para passageiros obedeciam uma ordem de classe, sendo a de 1ª classe mais requintada, destinada aos passageiros mais abonados por conta de seu alto custo e as cabines de 2ª e 3ª classes para passageiros com menor poder aquisitivo.

A estação ferroviária de Santa Inês (Figuras 11 e 12) foi inaugurada em 1908 e por lá desembargavam toda espécie de produtos vindos de outros lugares, como livros, revistas, jornais e almanaques. Ralph Mennucci Giesbrecht (2016), comenta:

A estação de *Santa Inês* foi inaugurada em 1908, mas com o nome de *José Marcelino*. Este nome vigorou até 1943, quando passou a ser chamado com o

nome atual. Por sua vez, o nome de *José Marcelino* foi colocado na estação de *Serra*, na mesma ferrovia, mas mais próxima de *Nazaré*. O motivo para esta confusão me é desconhecido. Já o arraial, que já existia antes da estação, foi elevado a município em 1924. A estação foi desativada, teve outros usos e foi finalmente transformada, com muitas descaracterizações, no fórum da cidade, em 1980. O prédio da estação ainda existe: a sua frente de "esquina" era arredondada e assim o é até hoje (GIESBRECHT, 2016, p. 1).

Nos anos de 1960 todas as estações foram desativadas e impactaram drasticamente a economia dos municípios que se beneficiavam com ela. O prédio onde ficava a estação de Santa Inês transformou-se no fórum da cidade.

Figura 11 – Vagão do trem em Santa Inês, 1950



Fonte: Imagens Históricas (<http://sites.com.google.com>)

Figura 12 - Antiga estação do trem e hoje fórum da cidade



Fonte: Imagens Históricas (<http://sites.com.google.com>)

As dificuldades que grande parte dos moradores e moradoras de Santa Inês enfrenta traduzem-se na evasão de grande número de habitantes que são forçados a procurar outras cidades para se estabelecerem em busca de condições mais dignas de emprego, educação, saúde, lazer etc. Em sua dissertação *Diagnóstico Socioambiental da Cidade de Santa Inês - Bahia*, Nilton de Santana dos Santos (2008) evidencia alguns desses aspectos:

A situação da pobreza no município de Santa Inês apresenta um perfil muito acentuado, já que o padrão de renda é muito baixo e com pouca tendência a modificar-se no curto médio prazo. A cidade é bastante desprovida de unidades de produção que absorvam em parte a força de trabalho local. As causas desse fraco dinamismo municipal se devem a alguns fatores facilmente identificáveis, tais como, o despreparo dos indivíduos, para atuarem nas atividades que exigem diferentes padrões de conhecimentos quando lhes for exigido (SANTOS, 2008, p. 41).

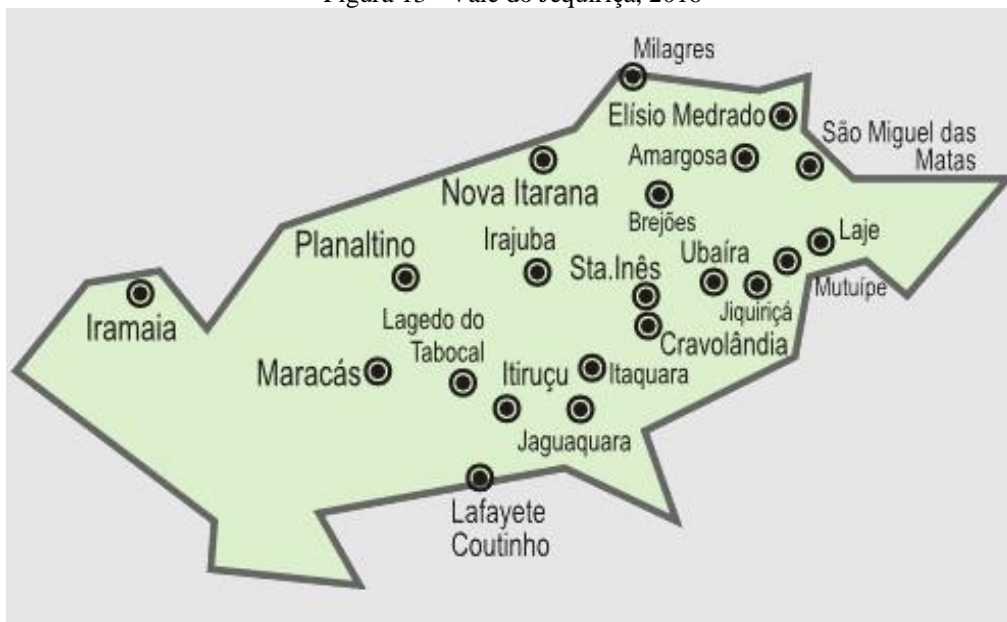
Para Nilson de Santana dos Santos (2008), Santa Inês “vive esta realidade bem próxima, em função de oferecer poucas alternativas que pudessem amenizar o desemprego local” (p. 42). São diversos os fatores que poderiam justificar ou explicar essa realidade desigual, se compararmos a cidade de Santa Inês a outras cidades próximas na mesma região que vivenciam uma realidade muito diferente em termos de acesso à educação e à saúde, por exemplo.

Até o início dos anos de 1980, na cidade não havia livrarias, bibliotecas ou algum arquivo público onde os moradores e moradoras pudessem consultar livros, jornais ou outros informativos. Lembro-me do jornal *A Tarde* que chegava no ônibus que vinha de Salvador às 18 horas e eram separados assim que chegavam, com um exemplar para a prefeitura, um para a delegacia e alguns exemplares para um comerciante que os revendia.

Apenas nos anos intermediários da década de 1980 foi fundada uma biblioteca municipal e, concomitantemente, o Colégio Estadual Antônio Carlos Magalhães inaugurou sua própria biblioteca, lugar onde posteriormente passaria as minhas folgas de recreio. Antes dessas bibliotecas houve uma tentativa frustrada de um comerciante que inaugurou uma banca de revistas, mas que não chegou a um mês de existência para falir. Creio que financeiramente, naquele tempo, era difícil em Santa Inês sustentar aquele tipo de comércio, faltavam coisas básicas para boa parte de seus moradores e moradoras, como água encanada e luz elétrica, como era a situação em minha casa.

O acesso a livros, a revistas e outros impressos acontecia por meio de empréstimos. Sempre tinha alguém com mais condição financeira que viajava e trazia livros ou os possuía em sua casa. No meu tempo de criança, eram o rádio e os almanaques os grandes propagadores dos conhecimentos e de tudo que acontecia além de Santa Inês.

Figura 13 - Vale do Jequiçá, 2016



Fonte: Identidade Vale do Jequiçá, Bahia, 2016 (<https://images.ap.goo.gl/cMUSMpn>)

Santa Inês faz parte de um grupo de cidades que formam o Vale do Jequiçá (Figura 13), por causa do rio Jequiçá que atravessa as cidades que constam no mapa. A realidade do analfabetismo em Santa Inês quase sempre levava os seus moradores a exercerem trabalhos na área rural da cidade, que tinha uma produção de café e nas épocas de sua colheita necessitava de mão de obra, tornando-se uma das fontes de trabalho que mais exigiam trabalhadores.

Era muito comum encontrar famílias inteiras e muito numerosas em que praticamente todos os seus membros não eram alfabetizados. Objetos como livros tinham presença rara nas casas de Santa Inês. Vivíamos à margem de tudo que estivesse relacionado ao mundo das letras e seus desdobramentos. É evidente que para alguns dos poucos privilegiados que tinham acesso às benesses da escola e do letramento, a realidade dura de quem vivenciava as mazelas que excluía a maioria dos habitantes de Santa Inês não era um problema.

Quase todos os meninos e meninas, quando não trabalhavam nas roças de café ou de mandioca, estavam destinados a ser futuros adultos sem letramento e, na maioria das vezes, exerciam trabalhos em condições precárias, quando não eram seduzidos pelo sonho de ir trabalhar em Salvador ou São Paulo, exercendo as funções de ajudantes de pedreiro, no caso dos meninos, ou empregadas domésticas, no caso das meninas. As perspectivas que o analfabetismo oferecia pareciam condenar a nós todos a uma realidade que repetiria a histórias de nossos pais.

Nos anos de 1980, os almanques eram disputados arduamente pelos seus leitores, eram alvo predileto de aquisição e motivo de disputas para quem tinha maior quantidade de

exemplares. No seio das famílias santeneenses havia disputas internas que consistiam em quem detinha mais informações sobre os seus assuntos ou jogos anedóticos. Os almanaques se tornaram uma “febre” durante muitos anos e, o que é mais curioso, era o fato de “um livro”, um objeto tão extemporâneo às muitas realidades de moradores, com tamanha evidência de iletramento, exercer essa atração.

Era muito comum presenciar reuniões entre famílias inteiras, entre amigos nas calçadas da cidade e nos recreios da escola, discutindo, comentando, rindo e celebrando assuntos ou anedotas publicados pela mais recente edição de algum almanaque. E mesmo para aqueles moradores de Santa Inês que eram pouco escolarizados ou vivam totalmente sem domínio do letramento, não se excluía das rodas de conversas e nem das disputas de conhecimento: não era raro que algum membro escolarizado das famílias ou entre os amigos em Santa Inês lesse em voz alta os textos dos almanaques, de modo que mesmo não lendo por si, os chamados iletrados não ficavam alheios às mensagens e também pareciam ser seduzidos pelas imagens abundantes contidas nos impressos.

No depoimento de Álvaro Luís de Almeida, colhido para este trabalho, é possível avaliar como a realidade das pessoas pouco letradas de Santa Inês em décadas passadas estava tão distante das benesses de um projeto de educação que pelo menos minimizasse tantas desigualdades. Há em minhas lembranças situações corriqueiras de embaraços constrangedores de amigos e parentes que sequer conseguiam ler uma carta fluidamente, bulas de remédio eram os mais famosos engasgos na hora da leitura. E os almanaques com sua linguagem mais acessível e as suas ilustrações foram para algumas pessoas um grande facilitador de entendimento de suas mensagens:

Eles eram uma alegria pra a gente quando chegavam às farmácias no mês de dezembro. A gente disputava quem ia conseguir pegar primeiro. Era um tempo muito bom, aquele tempo dos almanaques. Quando ainda era mais novo e tinha mais saúde, tinha uma rocinha que a plantação de mandioca era feita de acordo com as luas informadas no almanaque. Ele foi o meu guia de plantação e minha distração preferida. Eles têm a importância de serem livros que eu conseguia ler e entender sem tropeços e sem muita dificuldade. Suas informações eram escritas de uma forma que eu entendia. Os almanaques foram os meus livros de cabeceira, porque eu lia eles quando acordava e ainda na cama e quando ia dormir. Ria muito das piadas e me esquecia um pouco das coisas ruins da vida. Como sou uma pessoa que tem algumas dificuldades em ler livros mais sérios, os almanaques eram a leitura que eu conseguia acompanhar sem precisar me descabelar para entender o que eles queriam dizer. Sinto muita falta deles, é uma pena que praticamente eles deixaram de existir, tem uns por aí mas que nem chegam aos pés dos almanaques que conheci, esses de hoje não parecem almanaques, pegaram apenas o nome e nada mais.

“Alvino” é a alcunha de Álvaro Luís de Almeida e como ele prefere ser chamado. Funcionário da Empresa Baiana de Abastecimento de Água (EMBASA), ele é responsável pela leitura dos relógios que medem o consumo de água das residências e casas de comércio de Santa Inês e também tem uma pequena roça com plantação de abacaxi nos arredores da cidade.

Cursou até a 4ª série primária e ingressou no serviço público no tempo em que isso era feito por meio de nomeação que o efetivou definitivamente depois de muitos anos de serviços prestados. Dotado com pouca leitura, Alvino é um desses exemplos que o almanaque conseguia ser acessado por ele, devido à sua linguagem e sua ludicidade na comunicação. O exemplo de Alvino com o apego com os almanaques não era uma exceção, muitas pessoas sem alfabetização e sem letramento eram seduzidas pelos apelos lúdicos que o conteúdo dos livretos trazia em seu bojo, como já foi evidenciado, muitas mensagens dos almanaques eram transmitidas oralmente.

Alvino é muito comunicativo e apesar de sua voz rouca e muitas vezes inaudível, ele conseguia se relacionar de forma muito tranquila, o que o torna uma pessoa muito querida na cidade. Dono de uma peculiaridade famosa em Santa Inês, Alvino, nos anos de 1980 possuía uma pitoresca lista: ele tinha uma agenda com todas as datas e casas onde eram ofertados os carurus a Cosme e Damião no mês de setembro. Naquela época em Santa Inês acontecia quase uma centena dessas comemorações em que eram servidos essa iguaria e quando nós queríamos saber onde aconteceria determinado caruru, Alvino era o nosso informante.

O afeto desse leitor pelos almanaques sempre me soou comovente: solitário e sem parentes, Alvino dizia encontrar nos livretos a sua grande companhia. Uma imagem de Alvino consta no início desse trabalho em que segura uma foto com um almanaque que ele depois de alugar no comércio de Seu Nôza, levou para casa e esqueceu de devolver. Alvino é uma dessas pessoas marcadas pela presença dos almanaques.

Conforme destaquei anteriormente, em uma realidade tão desigual de educação a falta de letramento era um fato muito corriqueiro em Santa Inês no meu tempo de criança e de adolescência. Era muito comum, em uma roda de oito amigos que brincavam ou conversavam, cinco ou seis deles não conseguirem nem assinar o próprio nome, ler algum livro e, geralmente, as conversas giravam em torno de assuntos como futebol, agricultura e brincadeiras que não tivessem as questões relacionadas aos livros. Em outro trecho de seu depoimento, Alvino discorreu sobre suas lembranças dos almanaques e ratificou as dificuldades que a “pouca leitura” lhe causou:

Sou uma pessoa de pouco estudo, só estudei até 4º ano primário, então não lia muitos livros porque não entendia, era muito difícil para mim. Quando conheci o almanaque Capivarol, que me foi mostrado e emprestado por um rapaz de Juiz de Fora, Minas Gerais, que estava visitando uns parentes aqui, gostei muito. Eu conseguia acompanhar a leitura sem muita dificuldade. Tinha piadas, receitas culinárias, palavra cruzada e xaropes para gripe. A partir dali, fui procurando pela cidade quem tinha mais daqueles livrinhos.

Era muito comum que pessoas frequentassem as escolas apenas por causa da merenda escolar que era servida na hora do recreio. Era a oportunidade de se alimentar com algo de “sustança”, como se costumava dizer. Por conta disso, muitos terminavam o ano letivo e muitas vezes nem sabiam ler, o foco era a alimentação.

José Pereira dos Santos, o “Zequinha”, como é mais conhecido, não teve uma realidade muito diferente dos outros depoentes. Lê e escreve com certa dificuldade e também tem pelos almanaques uma gratidão pela mediação que eles fizeram em sua vida, assim me confessou:

Eles eram uma leitura que trazia muitas informações sobre muitos assuntos, principalmente medicamentos, sobre utilidades de casa. Eles então têm um significado para mim de um livro que me orientava sobre algumas coisas do dia a dia, como receitas de comida, dicas de saúde, cuidados com a casa e ainda continham anedotas e histórias engraçadas que ajudava a passar o tempo os almanaques eram como um auxílio para muitas coisas.

Esse depoente enfatiza as funções dos almanaques como difusores de vários conhecimentos e que tinham utilidade prática no seu dia a dia, além da diversão com suas anedotas. Zequinha sempre foi muito risonho e uma pessoa muito divertida. Trabalhava desde muito novo no açougue do Sr. Otácilio Costa no centro de Santa Inês e cantarolava músicas sertanejas quase o tempo todo em que despachava os fregueses que iam para aquele comércio. Creio que foi do seu trabalho nesse açougue que passou a ser conhecido por quase todos nós da cidade. Alcinhado com o apelido de “Gato mestre”, Zequinha se enfurecia quando escutava alguém o chamar assim. “Gato mestre” é uma denominação pejorativa para aquelas pessoas que acham que sabem “tudo de tudo”, mas que apenas têm uma noção superficial das coisas, ou seja, Zequinha era como se dizia em Santa Inês, “um metido a entendedor”. Contudo, Zequinha é um homem cordial, simpático e que adorava ler livros de bolso de faroeste e almanaques.

Presenciei diversas vezes ele, no intervalo de seu trabalho, discutindo algo novo que aprendeu com os almanaques que lia e uma vez ele me disse: “você sabia que os meses do ano eram só nove meses e que os outros meses foram acrescentados depois?”. E continuou a me perguntar: “já parou para pensar porque setembro é sete, mas é o mês nove, outubro é oito, mas o mês é dez, novembro é nove, mas o mês é onze, dezembro é dez, mas o mês é doze. Já pensou nisso?” Dizia ele. “Aprendi agorinha mesmo isso nesse almanaque do *Biotônico Fontoura*”.

Assim teve início o nosso interesse mútuo pelos almanaques. Zequinha e eu não tivemos um contato muito mais próximo porque ele era de uma geração anterior à minha e com a exceção dos almanaques, não tínhamos quase nada em comum, mas sempre tivemos (até hoje) uma relação muito amistosa e, vez por outra, quando ele conseguia um novo exemplar dos livretos, quando me encontrava, perguntava se eu já tinha visto.

De acordo com o depoimento de Zequinha, os almanaques difundiam assuntos e tornavam-se a pauta de reuniões na cidade:

Foi uma boa experiência. Eles informavam muitas coisas novas. Alguns de nós nos reuníamos nos passeios da cidade para discutir algum assunto que foi trazido pelo almanaque e a gente ficava, às vezes, até a madrugada falando sobre tal assunto e dando cada um sua opinião. Os almanaques faziam com que a gente estreitasse mais os nossos laços de amizade e na minha casa, muitas vezes, depois do almoço, todos se reuniam na sala para falar sobre algum assunto que estava no almanaque daquele ano. Ele é pra mim como um livro que conseguia fazer com que nossa família conversasse mais uns com os outros, como se eles fossem um juiz de paz. [...] Eles foram uma forma de leitura que ajudava a gente a se divertir e informavam muitas novidades. Eles foram livros que conseguiam unir a minha família depois do almoço de cada dia para falar de algum assunto que estava no almanaque. Se eu fosse classificar os almanaques agora, eu diria que eles eram quase um livro religioso que tinha a capacidade de reunir amigos, famílias e divertir a todos com seus textos fáceis de serem entendidos, mas que eram muito úteis para nosso cotidiano. Eles simbolizam dentro de meu coração uma saudade de um tempo que eu nunca esqueço. Os almanaques não deveriam ser esquecidos, acho que cada cidade deveria ter o seu almanaque com suas particularidades. Mesmo nesse tempo de internet, não vi nada ainda parecido com os almanaques, acho que eles sempre serão insubstituíveis, porque a internet pode oferecer muitas possibilidades de acessar muitas informações, mas essas informações estão cada dia mais deixando os nossos filhos, netos, sobrinhos, amigos, a cada dia mais sozinhos, enquanto os almanaques ofereciam muitos conhecimentos que eram partilhados entre famílias, amigos, a internet espalha solidão e pessoas individualistas.

Esses livretos relatavam acontecimentos que extrapolavam as realidades baiana e brasileira: o frio da Antártida, o homem que pisou na lua, a vida maravilhosa das celebridades, os remédios que curavam tantas doenças, os contos fantásticos da literatura e outros fatos que estavam muito distantes da vida nas cidades interioranas. Os almanaques estimularam a curiosidade pelos mundos além das limitações de muitos de seus leitores e despertaram em alguns deles o interesse por literatura, ciências aplicadas, astrologia e por diversos outros conhecimentos.

Por causa dos livretos, não era mais raro escutar de um menino a vontade o ou sonho de se tornar um escritor ou astronauta. As mediações e interlocuções perpetradas pelos almanaques surtiram efeitos, muitas vezes, foram divisores de águas: adotados algumas vezes e não

oficialmente por algumas escolas, eles foram como agentes coadjuvantes nos processos didáticos e funcionaram como uma ferramenta pedagógica muito utilizada.

No final da década de 1970, na Rua do Campo, onde nós morávamos um pouco afastados do centro de Santa Inês, existia uma escola chamada ABC que era gerida por Dona Lêda, uma professora que, depois de aposentada, lecionava de forma particular e sem nenhum vínculo com a prefeitura ou governo estadual. Nessa escola, aprendia-se apenas a conhecer as letras do alfabeto e as duas operações matemáticas (somar e diminuir). Os pais que podiam, matriculavam seus filhos e filhas nessa escola para que fossem para a escola oficial sabendo os ensinamentos básicos perpassados pela professora Lêda. Minha irmã mais velha frequentou essa escola, mediante o pagamento da mensalidade ser cobrada por costuras que minha fazia para a professora. E num determinado período, a professora adotou um almanaque para auxiliar na pré-alfabetização de seus alunos e alunas. Como os almanaques difundiam um vasto repertório, ouvia-se falar de outras escolas rurais que também o adotaram com um auxiliar na alfabetização.

Os almanaques, ao mesmo tempo em que instruíam os seus leitores, também os divertiam e é provável que esta característica tenha sido um dos mais decisivos motivos para a popularidade, mesmo entre aqueles e aquelas que o absorviam de forma oral, sem o contato com a decodificação direta com sua escrita. Além disso, em virtude das mediações operadas pelos almanaques, conforme indicam alguns dos depoimentos colhidos para este trabalho, muitos de seus consumidores se firmaram como leitores compulsivos de outros gêneros e alguns dos consumidores ditos analfabetos, se “letraram”. Eles exerceram, em muitos momentos, a função de instrumentos pedagógicos e mediadores de mundos.

4.2 UM PATRIMÔNIO AFETIVO ENTRE LEMBRANÇAS E ESQUECIMENTOS

Há na instância dos valores subjetivos, objetos que foram significados pela dinâmica dos sentimentos e, por isso, eles extrapolaram as suas funcionalidades primárias de utilização tornando-se centro de nosso afeto. Tratam-se daqueles artefatos que atravessaram a nossa trajetória de vida, testemunharam as nossas transformações e sustentam as nossas narrativas. Fazem parte de nossas posses afetivas. São aquelas expressões que se tornaram referências para nossas vidas, transformando-se em referências, em patrimônios afetivos.

Os almanaques são objetos que estão fincados nos espaços de memórias coletivas e individuais e, por isso, remetem à particularidades do passado e do presente quando evocados pelas narrativas de vida:

[...] os objetos nesse sentido são, fora da prática que deles temos, num dado momento, algo diverso, profundamente relacionado com o indivíduo, não unicamente um corpo material que resiste, mas uma cerca mental onde reino, algo de que sou o sentido, uma propriedade, uma paixão (BAUDRILLARD, 1993, p. 94).

Há uma outra forma para evidenciar os almanaques como um patrimônio do afeto. Esses objetos podem ser constituídos como algo que escapa ao enrijecimento ou ao esvaziamento do tempo pelo esquecimento, porque acionam diversas significações e interpretações dos conceitos sobre patrimônio. A partir da análise dos depoimentos com moradores de Santa Inês de minha geração é possível visualizar os almanaques como um patrimônio afetivo. As narrativas demonstram como eles foram mais que testemunhas porque influenciaram e acompanharam várias gerações, portaram diversos conhecimentos, mediaram encontros familiares e entre amigos, apresentaram novas literaturas, registraram acontecimentos, celebraram festas cívicas e religiosas, prescreveram modos e se tornaram referências culturais.

Essas referências culturais são acionadas por memórias individuais e coletivas intrinsecamente envolvidas ao processo no qual elas operam, preservando, selecionando, atualizando as informações do passado e reinterpretando-as no tempo presente. Como diria Santo Agostinho (1980), em *Confissões, Livro XI*, “O passado não existe mais, o futuro ainda não chegou e o presente torna-se pretérito a cada instante. O que seria próprio do tempo é o não ser. Os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das coisas futuras e presente das coisas presentes” (p. 26).

Para este pensador, o passado e o futuro são tempos que nós acessamos no tempo presente ou, como aponta Michael Pollak (1992), a memória pode ser classificada como seletiva em virtude do momento em que ela está sendo criada. Podemos depreender desses dois pensadores que as memórias estão assentadas e estruturadas por lembranças e esquecimentos operacionalizados no nosso tempo presente, que se reconecta com o tempo passado e com as experiências vivenciadas. Nessa argumentação, as narrativas podem ser um auxílio importante para a compreensão das trajetórias de vida, as referências culturais que traduzem o patrimônio afetivo de uma comunidade, a partir de sua relação com um determinado objeto biográfico, como os almanaques.

A partir de uma perspectiva que compreende a noção de patrimônio afetivo como um significado ou um enquadramento de algo que se estabelece pelo intermédio da emoção ou um sentimento que acionam referências culturais, os almanaques foram, sem dúvida, significativos para grande parte de uma geração de moradores e moradoras de Santa Inês. Como se fosse uma pequena enciclopédia (ou “enciclopédia dos pobres”, como se dizia em Santa Inês), os almanaques trouxeram consigo uma multiplicidade de temas que não eram comuns à maioria das cidades interioranas e também se tornaram uma grande vitrine que atraía um público carente dos conteúdos que esses impressos vinculavam.

A circulação dos almanaques em Santa Inês contribuiu para acionar memórias entrelaçadas com diferentes narrativas de vida de seus leitores e leitoras. Os testemunhos vinculados às narrativas dos meus conterrâneos, evocadas pelas lembranças da presença dos almanaques nas trajetórias, encaminham para compreender esses objetos como pertencentes ao universo do patrimônio afetivo:

Por um lado, a fragmentação, por outro a memória reativada. A concepção de almanaque cobre e recupera prática e saberes dos mais antigos aos mais imediatos. A noção de *assemblage*, de composto de saberes, o afloramento de saberes recalçados que emergem, as receitas para o dia a dia, as relações cosmológicas, astrológicas etc. (FERREIRA, 2001, p. 20).

Os almanaques, nesse aspecto, conectaram pessoas, mediarão conhecimentos através de suas bulas. A partir de suas leituras, “a olhos vistos”, muitos de seus consumidores ampliaram o seu léxico gramatical e em rodas de conversas, discutia-se sobre assuntos como Linguística, Astronomia, Literatura estrangeira, temas dos quais sequer antes se ouvia falar. Exercendo uma função de intermediação entre a realidade de Santa Inês e as realidades diversas, os almanaques foram portais de acesso a dimensões antes nunca vistas e nem percebidas.

Esses livretos fizeram a alegria do dia a dia da pequena Santa Inês, provocaram discussões, disputas, foram alvos de coleções, estiveram no centro de várias conversas, foram muitas vezes o mote para uma reconciliação entre amigos ou famílias, conforme me relatou Rita de Cássia Ramos Fonseca.

Conheço Rita desde minha adolescência, quando ela namorou algum tempo com um vizinho meu de rua. Sempre muito simpática e também muito calada, Rita era uma moça tranquila e de poucas amizades. Ficou órfã de mãe muito cedo, filha única vivia entre a casa e a escola. Um pouco mais velha que eu (uns dez anos de diferença), ela nunca me tratou com indiferença, sempre foi muito solícita. Pelo fato de seu tio trabalhar na única farmácia de Santa

Inês (na década de 1980), algumas pessoas a procuravam para que conseguisse algum exemplar de almanaque, coisa que ela fazia de bom grado, quando era possível.

A Pharmacia Santa Inês, que está destacada em amarelo (Figura 14), era propriedade do Sr. Valdo Alcântara Andrade, foi a primeira e a única farmácia de Santa Inês até o início dos anos de 1980. Foi fechada com o falecimento do Sr. Valdo, em 1982. Neste espaço se fizeram algumas filas para aguardar a chegada dos almanaques nos meses de dezembro de cada ano. Filas que muitas vezes eram formadas antes mesmo da abertura da farmácia que ocorria às 8 horas. A partir da distribuição dos almanaques, ali doados, eram presenciados momentos de euforia e também de decepção pelos felizardos leitores ou pelos azarados que não conseguiam o seu exemplar. Eram distribuídos uma média de 50 ou 60 exemplares de almanaques de farmácia, alvos de ferrenhas disputas e gritarias.

Figura 14 - Pharmacia Santa Inês, 1976.



Fonte: Acervo de Maria das Graças Aquino.

Na mesma década de 1980 surgiu uma segunda farmácia, a Santa Rosa de Lima (Figura 15), que tem como proprietário Luís Rosa de Lima, médico peruano, e esta farmácia também distribuía almanaques.

Figura 15 - Farmácia Santa Rosa de Lima, 2020.



Fonte: Acervo de Maria das Graças Aquino.

Rita de Cássia Ramos Fonseca foi a primeira pessoa de quem me lembrei para falar sobre a circulação dos almanaques e sua possível configuração como um patrimônio afetivo em minha cidade natal. Seus relatos me comoveram em vários momentos, recuperando diversas memórias relacionadas aos almanaques no tempo em que trabalhava na farmácia do seu tio Jorge Santos Fonseca. Desse modo, os almanaques, que ela se refere como “livrinhos”, também acionavam uma memória familiar. Em suas memórias recuperou a centralidade dos almanaques de farmácia e sua relação com a saúde da população local:

Os livrinhos que mais chegavam até às minhas mãos, eram os de farmácia, porque eram distribuídos na farmácia que meu tio trabalhava e ele sempre guardava um para mim. Mas, já li um almanaque antigo chamado Luso brasileiro que tinha muitas poesias e também o Almanaque do Pensamento que tinha os signos do zodíaco. Os almanaques que chegavam na farmácia de Santa Inês, que eu me lembro, eram os da Sadol, Renascim e Biotônico Fontoura que tinha a história de Jeca Tatu que era um tabaréu, doente, cheio de verminose e muito preguiçoso que virava outro homem quando bebia o Biotônico. Ele fica forte, sadio, bonito e trabalhador. Lembro muito desse Jeca Tatu, porque a gente acabava apelidando os meninos que a gente achava chatos de Jeca Tatu. Era como se fosse um sinônimo de ofensa mesmo. Claro que isso era coisa de juventude, eu não penso mais assim. O que eu acho hoje, depois de ter mais experiência de vida e mais acesso às informações do que antes, é que muitas pessoas em Santa Inês eram portadoras de verminoses, por isso eram magras, sem ânimo e acho que os almanaques instruíam essas pessoas a se cuidarem melhor e tomar remédios. Às vezes, os remédios que estavam nos almanaques eram até feitos de chá ou de ingredientes que a gente encontrava fácil, até no quintal de casa. Mesmo assim, foi nos almanaques que muita gente descobriu como tratar de verminose e outras doenças não muito sérias, mas que atingiam a muitas pessoas, por conta da falta de coisas muito simples, como, por exemplo, andar calçado, não tomar banho no rio

que tinha schistosoma e outros vermes. [...] Então, com a leitura dos almanaques, eu acho que as pessoas se informaram mais sobre cuidados básicos de higiene, como lavar as mãos, andar calçado, lavar bem as verduras, frutas e legumes e principalmente ferver a água que era para se beber ou tomar banho.

Através do depoimento de Rita é possível evidenciar o papel que os almanaques desempenharam com agentes educadores de saúde e de cuidados higiênicos e da força que teve o personagem Jeca Tatu, criado pelo escritor Monteiro Lobato, confirmando a influência que os almanaques de farmácia na saúde em Santa Inês. Problemas relacionados aos cuidados básicos de saúde foram responsáveis por muitas doenças na cidade nas décadas de 1970 e 1980, muitos deles relacionados a verminoses. O acesso aos postos de saúde não era uma rotina comum e os almanaques serviam como “médicos do povo”, como eram também conhecidos. Em outro momento de seu depoimento, Rita enfatiza as mazelas relacionadas à saúde e confirma a importância que os almanaques tiveram nessa área:

[...] Eu vi um dia um menino de um seis anos vomitando vermes, foi horrível, nunca esqueci isso, ele era filho de uma lavadeira [...] e o remédio que ela aprendeu a usar contra a verminose nos seus filhos foi com o uso de mastruz com leite, em jejum. Ela aprendeu isso nos almanaques. Quer dizer, os livrinhos não só faziam a propaganda de seus próprios remédios, como também ensinavam receitas naturais contra várias doenças. Os almanaques eram os “médicos dos pobres e desassistidos” de Santa Inês. Só pra esclarecer que schistosoma é conhecida também como tênia. É um verme que dizem que vem do caracol. Ela se instala no intestino da pessoa e cresce se alimentando de tudo que a pessoa come. Meu pai me disse um dia que no tempo que ele era criança, a schistosoma era tratada assim: à noite, antes de dormir, fervia um litro de leite, colocava numa bacia e a pessoa agachava e ficava com a boca aberta pra que a schistosoma saísse atraída pelo cheiro do leite e morria quando mergulhava na bacia porque o leite ainda estava fervendo. Eu não sei se isso é verdade mesmo, mas meu pai dizia que era assim. Veja como a população sem acesso a médico sofria. Por isso os mais velhos diziam que o almanaque era o “médico dos pobres”.

Cátia Cilene Farago é outra depoente que conviveu com os almanaques. Colega de minha geração, sua família não era rica, mas não tinha as mesmas carências financeiras que a maioria de nós tinha. Sempre estudou em boas escolas e se destacava nas conversas como uma menina muito inteligente e “estudada”. E, ao contrário da maioria de nós que encontrava nos almanaques os conhecimentos ausentes de nossa realidade, Cátia lia outros livros e tinha acesso a diversos impressos. Ainda assim, adorava os almanaques e algumas vezes os lia para mim e dividia comigo os lampejos de sua euforia. Desde quando a conheci, ainda adolescente, Cátia gostava dos “livros sérios” de literatura, que era como ela os mencionava.

As conversas com Cátia sempre me deixavam um pouco triste. Via nela a cultura sobre tantos assuntos literários que, naquele tempo, jamais pensei que alcançaria. Sentia o abismo de nossas diferenças quando ela lia para mim algum trecho de almanaques e como comentava os textos e os comparava com os “livros sérios de literatura”, dos quais ela sempre se referia:

O almanaque para mim é uma reunião de vários assuntos que serviam para informar a todos que liam. Pensando hoje, eu tenho a consciência de que o almanaque representava uma coisa incrível: ele era um livro pequeno, fácil de ser lido, barato quando era comprado, grátis quando era de farmácia e muito acessível por causa da simplicidade de seus textos. Imagina explicar para um capiau lá do meio do mato, que mal lia e escrevia com fluidez, a teoria da relatividade de Einstein com uma linguagem que ao mesmo tempo em que contempla o que esse gênio quis dizer, também consiga fazer com que o homem simplório entenda. Acho isso fantástico! Um livro tão simples que falava de quase tudo e com uma linguagem que podia ser entendida tanto pela pessoa escolada como pelo semi-analfabeto, isso não é fantástico? Não concorda? Pôxa, pensa bem. Eu, hoje, realmente acho que os almanaques fazem parte daquelas coisas inclassificáveis que conseguiam informar o doutor e o peão, o universitário e o analfabeto. Almanaque significa isso pra mim: uma poderosa ferramenta didática de ensinamentos que alcançava as pessoas de recursos e as pessoas menos articuladas.

Outro aspecto dos almanaques é evidenciado no depoimento de Cátia: a sua capacidade de transitar entre diversos nichos de conhecimento e alcançar várias pessoas. Além disso, Cátia sublinha em suas memórias o almanaque como um patrimônio ao recuperar suas relações afetivas, enquanto referência que traduz momentos de sua adolescência em Santa Inês:

São fonte de muitas saudades de minha adolescência e de algumas amigas que nunca mais encontrei. É incrível como esses livros estão ainda de alguma forma, conectados comigo. Até a própria palavra almanaque, quando ouço ou pronuncio, vem imediatamente lembranças do meu passado. Lembranças de pessoas que nunca mais verei, de tempos que nunca mais voltarão. Os aprendizados que tirei e absorvi dos almanaques estarão sempre comigo, meu gosto pela leitura, pelo cinema, são certamente reflexos de sementes que foram plantadas pelos almanaques que li sobre estes assuntos. Eram livros divertidos, leves, que enchiam de graça a nossa vida parada de cidade de interior. Almanaque eram a passagem para além do que nós não tínhamos e representam uma fase da vida em que os nossos problemas eram tão simples, pelos menos vistos hoje e de longe. De qualquer forma ler almanaques foi meu passaporte para ler Machado de Assis e outros grandes autores.

Muitos dos meus conterrâneos que tiveram contato com os almanaques ainda hoje evidenciam uma relação afetiva. Almanaque marcou vidas, acompanharam histórias, testemunharam mudanças e, para muitos leitores e leitoras, foram o único recurso literário. São objetos que enquadraram memórias e se instalaram no universo dos afetos de muitos moradores de Santa Inês.

As memórias evocadas através dos diversos depoimentos e minha própria experiência com os almanaques, depreendem que estes livretos não foram apenas veículos de divulgação de medicamentos ou guias contendo bulas instrutivas para o dia a dia ou, ainda, apenas agendas diárias para serem consumidas e descartadas. Os periódicos transpuseram os muros das escolas, transformaram-se em instrumentos de apoio de leitura para muitas pessoas, circularam como um suporte didático de algumas escolas rurais, foram objeto de coleção e, principalmente, tornaram-se um patrimônio afetivo dos santeneenses.

De acordo com Park (1999), havia nas intenções dos almanaques, especialmente o *Almanaque Biotônico Fontoura*, a ideia de constituí-los como um suporte científico para que eles adentrassem nas escolas, já que era uma atividade corriqueira escolar a realização de palestras que tratavam cientificamente de temas relacionados à saúde e instrução de cuidados higiênicos. Depoimentos coletados na pesquisa de Park (1999), evidenciam diversas referências às palestras dessa natureza e à distribuição de exemplares de almanaques durante esses eventos:

Quando eu estava no segundo ano da Escola de Aparecido Bonito, que fica em Santa Fé do Sul, houve uma epidemia de amarelo. A prefeitura fez um programa de prevenção, principalmente nas escolas rurais. Como a maioria das crianças andava descalço, eram barrigudos, fracos e com vermes, uma senhora da cidade que era “metida” a médica, examinava os olhos, boca e ouvidos das crianças, distribuindo um vidro de Biotônico para cada criança, por me. Quando os médicos foram na escola chamaram os pais para dar uma palestra sobre a doença. Distribuíram o Biotônico e o livrinho. A partir daí, na minha casa, sempre se consultava este livrinho para tudo. O único irmão que lia, lia para nós todos (PARK, 1999, p. 103).

Valendo-se de um repertório sortido e acessível, com uma comunicação relacionada diretamente ao apelo lúdico de ilustrações, os periódicos eram assimilados tanto por aqueles leitores que estavam em processo de alfabetização quanto por aqueles sem letramento. Há que se contextualizar que o Brasil de décadas atrás possuía um número expressivo de pessoas sem letramento e a associação de um texto acessível e direto à imagem ou vice-versa pode se configurar num recurso de assimilação de uma mensagem que pretende ser internalizada.

Ainda que dentre os depoimentos coletados para este trabalho não constem de depoentes alfabetizados com o suporte pedagógico dos almanaques, em praticamente todos os relatos ele aparece direta ou indiretamente como um incentivador de leitura. Para algumas pessoas os almanaques foram a única fonte de instrução não só para as peijas diárias domésticas, como também para sanar dúvidas e oferecerem informações valiosas a respeito de assuntos relacionados a cuidados básicos sobre higiene ou sobre saúde, como ressaltou Rita de Cássia Fonseca:

[...] Esses livrinhos funcionavam como se fossem a única fonte de instrução para coisas muito básicas sobre saúde, sobre educação.

Esses livretos também proporcionaram a diversos leitores e leitoras que tinham dificuldades em decifrar textos mais elaborados, apresentando uma linguagem simplificada, como se verifica na fala de Álvaro Luiz de Almeida:

[...] eles foram os livros que eu conseguia ler sem dificuldade, pois eram simples e diretos sem aquelas palavras difíceis de entender.

São diversas as circunstâncias que proporcionaram o acesso às mensagens dos almanaques por muitas pessoas. Os depoimentos sobre esses impressos se relacionam com o tempo passado, marcado indelevelmente pela presença destacada desses periódicos que ajudaram a desenvolver práticas de leituras de si e do mundo, transformando-se patrimônios afetivos.

5 ALMANAQUE COMO OBJETO BIOGRÁFICO: AUTOBIOGRAFIA, LETRAMENTO E COLECIONISMO

[...] mas como esse esquecimento é, contudo, possível? Porventura a utilidade dessas ações teria deixado de existir algum dia? Mas é o contrário que se verifica: esta utilidade na verdade constituiu desde sempre a experiência cotidiana, portanto, algo que não deixou de ser constantemente sublinhado e, por conseguinte, em vez de se apagar da consciência, em vez de cair no esquecimento, devia gravar-se na consciência sempre com maior nitidez. [...] Somente aquilo que não cessa de doer permanece na memória.

Nietzsche (2013, p. 38).

Os objetos que rodeiam e atravessam trajetórias de vidas, também possuem suas próprias histórias, desde a sua criação ao seu aparecimento, por causa das suas utilidades ou pelas funções que lhes foram atribuídas, por conta de seu percurso, como artefatos constituídos pelas implicâncias sentimentais, que são associadas às pessoas que os incorporaram em suas histórias de vida. Trajetórias humanas são cotidianamente entrelaçadas e marcadas pela relação afetiva e/ou utilitária com objetos, seja pela imposição do acaso, seja pelo convívio com a sua presença. O pesquisador Ulpiano Meneses (1998), enfatiza a representação subjetiva dessa ligação, quando reflete sobre a relação entre um colecionador e os objetos:

[...] mais que representações de trajetórias pessoais, os objetos funcionam como vetores de construção da subjetividade e, para seu entendimento, impõem, já se viu, a necessidade de se levar em conta seu contexto performático. Na coleção fica patente esse caráter de interlocução, de ato em que está em jogo a subjetividade em diálogo (MENESES, 1997, p. 96).

É possível concluir, que de acordo com este autor, esses aspectos subjetivos que são evidenciados entre o ser humano e os objetos que o acompanham cotidianamente, torna ainda mais enfático esse diálogo íntimo entre colecionador e objeto. Na tentativa de contextualizar a reflexão de Meneses (1997), sobre os elementos de ordem sentimental, que às vezes se relacionam com determinados objetos, é possível observá-lo através de minha própria experiência, pela perspectiva de que os objetos são elementos constitutivos de subjetividades, porque estão imbricados sentimentalmente e utilitariamente nos percursos de vida de pessoas com quem eles se relacionam e, portanto, atravessam trajetórias e compõem histórias de vida: como elementos que produzem e que nutrem memórias ou que transportam histórias de vida, através das narrativas biográficas evocadas pelas lembranças, podem ser a chave de entendimento para se constatar as ligações afetivas que eles acionam ou mediam. Reflexões que

atravessam as problematizações de Joseania Miranda Freitas e Marcelo Cunha (2018), quando investigaram os mapas individuais e coletivos de memórias e identidades:

[...] para que a preservação de patrimônios seja eficiente e afete o máximo de indivíduos é necessário que haja empatia entre aquilo que se deseja preservar e os sujeitos envolvidos e implicados no processo de seleção e preservação. [...] Vale refletir também que, efetivamente, não preservamos memórias, o que preservamos são os seus indicadores, já que a mesma é fluida, em permanente estado de construção e desconstrução. [...] Este é o principal desafio da preservação, provocar sensibilidades e empatias. Mas, ainda assim, ultrapassada essa barreira, é necessário que se reflita não apenas sobre o que é preservado, mas, sobretudo, porque e para que se preserva (p. 557-559).

Desse modo, os almanaques tornam-se um importante indicador de memórias, acionador de sensibilidades e empatias. De maneira geral, os objetos que circundaram e que acompanharam a minha infância e grande parte de minha adolescência, não repercutiam em mim como algo sacralizado na instância do meu sentimento, ou como coisa que ultrapassasse os limites das suas finalidades primárias. Suas utilizações, apenas proviam as necessidades práticas das exigências do meu dia a dia de menino que trabalhava numa plantação de mandioca, em uma roça de meia¹⁷ que meu pai possuía e, que todos os dias, me ocupava integralmente. A enxada, a picareta e o velho carrinho de mão, apenas cumpriam as suas funcionalidades para que foram destinados. Eu não os tinha em meus pensamentos ou no campo sentimental, como objetos dotados com outras medidas de valor, que não fossem as dos seus usos de ordem prática.

Mesmo as peladas de futebol que aconteciam aos domingos, no campinho atrás de minha casa, não se revelavam ou simbolizavam alguma ligação afetiva com a bola ou com o esporte: eu queria ser jogador de futebol apenas para mudar a minha realidade de carências e, por isso, não conseguia perceber qualquer espécie de vínculo sentimental naquela atividade.

Passou a ser diária, a presença dos almanaques em meus mapas individuais de memórias (FREITAS; CUNHA, 2018), desde que os conheci quando tinha 12 anos. Esse momento de nosso encontro continua sendo muito significativo para mim e, com minha perspectiva de hoje, eu não o vejo mais como um acontecimento concebido apenas pela obra do acaso: acredito que os almanaques me afetaram porque possuía condições que permitiram esse impacto. Os almanaques me muniram de falas, as ânsias intelectivas que requeriam voz e ouvidos para se expressarem e darem nomes aos oceanos de imagens que eu carregava e alimentava dentro de minha confusão interna. Fui um menino e adolescente que passava muitas horas do dia,

¹⁷ Uma roça de meia é quando o proprietário de um terreno o cede para um agricultor plantar e cultivar determinada cultura agrícola. O lucro obtido com a venda dos produtos cultivados é dividido em partes iguais entre o agricultor e o dono do terreno.

ensimesmado em imensos silêncios sem nomes, como um prisioneiro trancado alegoricamente, dentro de uma “bola de sabão”.¹⁸

A banalidade do meu dia a dia foi atingida e atravessada pelos espinhos imaginários dos textos e pelas viagens produzidas pelos almanaques. A polissemia dos usos desses impressos, os tornaram, em minha vida, ora objetos para a prática e o exercício da leitura, ora elementos que nutriram meus sentimentos. Isto fez com que eu os classificasse, posteriormente, como dispositivos que afetaram e que alteraram a minha subjetividade e me trouxeram novos desassossegos.

Foi pelo intermédio dos encontros entre o “meu mundo” e os “mundos” que os almanaques me apresentaram, que me deparei com realidades que nem eu mesmo sabia que desejava experimentar. Os almanaques foram como uma espécie de “coleção de novidades” que eu queria conhecer. Os seus textos acessíveis e as suas imagens lúdicas, me afetaram profundamente e o meu sentimento por esses impressos, floresceu nos territórios peculiares dos meus afetos, onde permanecem até hoje.

Indubitavelmente, os almanaques, desde quando comecei a lê-los e a consumi-los como um leitor voraz e insaciável, tornaram-se para o meu letramento, um tipo de leitura que passou a pertencer ao âmbito de predileção dos “livros de cabeceira” – leituras obrigatórias antes do sono e primeira atividade depois de acordar.

Muito mais que deleite para o meu entretenimento e para a minha diversão, esses impressos converteram-se em objetos/testemunhos de minha trajetória de vida e de letramento e artefatos inspiradores, que me estimularam a enfrentar as minhas dificuldades cognitivas de leitura e de escrita e perseguir minha pretensão em tornar-me um leitor empoderado e com habilidade crítica. Os processos de meu de letramento e minha de vida se conectam a esta literatura de modo físico e imaterial e sua influência em minhas transformações foram desencadeadas, a partir de meu primeiro encontro com esses livretos.

De objetos que atendiam às demandas de minhas atividades e práticas cotidianas – quando resolvia dificuldades domésticas -, à dispositivos que supriam anseios instrutivos – quando publicava textos literários -, eles foram os meus aportes de vários aprendizados e foram contributos providenciais, para que o menino iletrado que existia em mim, cobiçasse o letramento e passasse a desvendar e nomear as imagens das palavras escritas.

¹⁸ Bola de sabão é uma metáfora que utilizo para representar uma prisão que a qualquer momento será explodida.

O caráter descomplicado e o estilo textual de fácil assimilação das mensagens com as quais os almanaques se comunicavam, os transformava, à medida que os lia, nos clamores atendidos de minhas vozes internas, que queriam se exteriorizar para se expressarem – eu era um ser afastado do mundo letrado e, portanto, apartado do ensino regular da escola tradicional. Minhas ânsias interiores queriam se tornar expressão de autoafirmação, pois já não cabiam nos horizontes estreitos de minha realidade.

Por isso, o meu empenho em conseguir exemplares de almanaques foi imenso. Por conta de diversas dificuldades, como as poucas farmácias que existiam em Santa Inês, que os distribuía de forma gratuita e a própria escassez dos impressos que a cidade recebia, tornava a procura e a aquisição dos livrinhos em algo difícil. Os almanaques de outros gêneros, como os da cidade e almanaques promocionais, custavam um valor alto e esses gêneros de impressos só nos eram acessíveis via empréstimo ou alguma doação. O que resolvia as nossas dificuldades em adquiri-los eram os empréstimos ou as barganhas de exemplares entre os leitores e o aluguel dos livrinhos na casa comercial de Seu Nôza.

No meu caso, empenho e dificuldades tão grandes quanto conseguir ter acesso aos exemplares de almanaques, foi também lê-los. Ainda “engatinhando” na prática da leitura, eu não a dominava confortavelmente e a minha dificuldade delatava as deficiências do deciframento das palavras e do seu entendimento. Por isso, minhas leituras de um livreto, duravam muitos dias, repetindo-se, persistentemente, até compreendê-los de modo satisfatório.

Concomitantemente, em que me aprimorava como um leitor, o teor informativo e instrutivo dos impressos, acionou uma nova ambição: me tornar um intelectual, embora não soubesse muito bem o que isso queria dizer. Aos poucos lia com grande desenvoltura, que até impressionava meus irmãos e meus pais. Os vínculos que me conectavam a esses objetos afetivos, influenciaram determinadamente o modo como eu também me relacionava com as pessoas, com o meu ambiente e comigo mesmo. As relações com a minha realidade se transformaram, abrigando em minha percepção inquietações que afetaram a minha leitura de mundo: assim, é quase impossível eu não associar os almanaques à minha vida, como objetos elencados nos juízos da afetividade que foi constituída ao longo do tempo. Tornei-me um leitor de todos os gêneros literários, por causa das possibilidades apresentadas pelos exemplares de almanaques que me chegaram às mãos.

Graças aos almanaques pude ler outros livros. Recordo o quanto foi uma experiência muito confortadora e emotiva, ter lido, já como um leitor mais hábil, *A Importância do ato de ler* de Paulo Freire (2011), e sentir-me familiarizado e até representado em várias reflexões.

Dessa reunião de observações tão pungentes e tão necessárias que Freire (2011) desenvolve, destaco algo que me fez sentir retratado e representado:

Os meus temores noturnos terminaram por me aguçar, manhãs abertas, a percepção de um sem-número de ruídos que se perdiam na claridade e na algazarra dos dias e que eram misteriosamente sublinhados no silêncio fundo das noites. Na medida, porém, em que me fui tomando íntimo do meu mundo, em que melhor o percebia e o entendia na "leitura" que dele ia fazendo, os meus temores iam diminuindo. Mas, é importante dizer, a "leitura" do meu mundo, que me foi sempre fundamental, não fez de mim um menino antecipado em homem, um racionalista de calças curtas [...] (FREIRE, 2011, p. 23).

Esta reflexão de Paulo Freire (2011), vaticina algo que eu intuía e desconfiava em silêncio, antes de meu letramento: a educação é uma prática criadora e à medida que proporciona ao indivíduo mais autonomia, proporciona também mais consciência do mundo que o cerca, e mais saber de si mesmo, e, portanto, capacita-o como sujeito.

Com uma combinação eficiente de vários ingredientes, que circulavam temas de interesses diversos - desde práticas higiênicas à análises de textos literários -, os almanaques foram aos poucos se incorporando ao cotidiano de nós leitores. Evocados pelas minhas lembranças mais pujantes, estes impressos se sobrepunham às suas funcionalidades primárias de uso como artefato de utilidades domésticas ou livreto de entretenimento, para se tornarem objetos colecionáveis por alguns leitores e leituras, indicadores de memórias e patrimônio afetivo. Foi através desses livretos que as imagens que eu produzia e alimentava durante as minhas vigílias de madrugadas insones, ganharam corpo e sentido.

De leitura prazerosa pela sua já descrita ludicidade textual, esses impressos eram a ponte entre um público pouco letrado e que não tinha acesso aos outros tipos de literatura. Minhas lembranças ressuscitam constantemente alegrias que eu sentia, quando algo novo me era informado ou revelado por um conhecimento adquirido quando lia algum almanaque. Uma nova informação apreendida através deles, soava como um regozijo da alma e, com o passar do tempo, comecei a fazer anotações de tudo que lia nos almanaques e que me causava alguma estranheza ou me impressionava por diversas razões.

Foram os livros e as leituras noturnas à luz de candeeiros, que trouxeram para o meu espírito, alentos, dúvidas e novas inquietações sobre o meu universo interno, que se expandia a cada novo conhecimento adquirido. Muito mais que um panfleto de propaganda ou entretenimento corriqueiro, os almanaques tornaram-se objeto/testemunho de grande parte de minha trajetória e ocupam em importância, um *status* de objetos significativos que me inspiraram e me orientaram de várias maneiras: um patrimônio afetivo e um objeto biográfico.

Posteriormente, alfabetizado e com alguma familiaridade com livros literários e com outros textos de qualquer gênero (lia tudo que me chegava às mãos), ainda assim, o leitor que surgia em mim e que foi se forjando à custa de muitas dificuldades em compreender textos mais complexos, também foi se sofisticando e, embora, à medida que me tornava um ser mais crítico e mais exigente, a minha instrução não fez com que eu deixasse de apreciar os almanaques ou leituras afins.

Se não pude ler o meu primeiro almanaque pelas vias convencionais da decifração de letras e de palavras que desenhavam os sentidos de suas mensagens, eu o fiz me utilizando de minha imaginação, com a criatividade fantasiosa de menino solitário, que brincava durante as madrugadas com imagens desenhados no teto. Os almanaques foram a minha primeira experiência de prática de leitura com e sem a dominação e a decodificação das letras: eu inventava com a minha fantasia as palavras escritas que meus pensamentos queriam enxergar, como se “lesse de verdade”. A minha imaginação foi contaminada pela interferência dos almanaques e isso ocorreu de modo muito significativo. Eles foram meus primeiros livros de instrução e também de prática de leitura, antes até que eu começasse a frequentar uma escola regular. Para a minha história, eles foram os portais de acesso para novas perspectivas que surgiram e me apresentaram novos panoramas para além de meu tempo, do meu espaço e de mim mesmo. Por essas razões, os considero como objetos biográficos, porque acompanharam e testemunharam o itinerário de minha vida e intermediaram pontes de meus territórios com outros territórios que eu não conhecia:

O processo de investigação sobre objetos biográficos tem vindo a implicar uma reflexão sobre o sujeito implicado nas narrativas; seja do investigador sobre o seu objeto de investigação ou seja do narrador de si mesmo como implicado na construção duma memória de si, que se constitui como um processo de formação da consciência de si e das suas ações. [...] Os objetos biográficos transportam a densidade de significados que compõem as diferentes experiências dos sujeitos, as suas expectativas de ação e a natureza relacional onde a interação se processualiza. Esta riqueza pode ser apropriada pelo olhar museológico para construir uma prática de relacionamento entre o individual e o social ou vice-versa, na medida em que para além da sua natureza reflexiva, como forma de consciência do real a interação biográfica assume-se como uma prática de integração de dados e com uma prática transformacional (LEITE, 2012, p. 21-23).

Por possuírem uma linguagem acessível e auxiliarem os processos pedagógicos, os almanaques tornaram-se objetos atravessados em minha biografia em virtude de terem sido utilizados em várias oportunidades, como um suporte didático na primeira escola que eu frequentei. Embora, a utilização dos almanaques não fosse uma prática referendada pela

pedagogia oficial da cidade de Santa Inês, era frequentemente utilizada na minha primeira escola, a Sede¹⁹, fruto das iniciativas de D. Nêda²⁰, uma funcionária pública municipal aposentada, que ensinava crianças e jovens a aprender o ABC²¹ e a tabuada básica de soma e subtração.

A Sede tinha, para os parâmetro de hoje, um aspecto de escola particular, mas que se restringia apenas no ensino de memorização do alfabeto e da tabuada – era uma iniciação para a alfabetização. Em geral, os alunos e alunas passavam um ano decorando o nome das letras em maiúsculo e minúsculo e a internalização da tabuada básica. D. Nêda no final de cada aula e depois do exercício oral sobre o alfabeto, nos brindava com a leitura de texto de algum almanaque, com alguma mensagem de cunho moral ou com alguma brincadeira de adivinhação, que os impressos em geral traziam.

Em minhas recordações sobre a Sede e sobre D. Nêda, há inúmeras lembranças de quando essa “professora avulsa” (D. Nêda não era professora contratada do município) se utilizava de bulas instrutivas contidas nos almanaques para nos ensinar algo sobre cuidados básicos higiênicos ou algum ensinamento moral sobre a vida. Talvez, pedagogicamente, os almanaques não tenham sido a ferramenta mais adequada ou mais indicada para serem utilizadas como suportes didáticos eficientes, entretanto, eles foram os recursos possíveis, porque eram instrumentos acessíveis e fáceis de se comunicarem com uma parcela daquela sociedade, ignorada pelos meios tradicionais da educação e absorvida pela iniciativa altruísta de D. Nêda.

A figura 16 é a imagem do local onde funcionava a Sede, escola de D. Nêda e primeiro estabelecimento de ensino onde estudei e aprendi ler e escrever a cartilha do ABC e da Tabuada. Há muitos anos que este lugar se transformou numa casa residencial.

¹⁹ A Sede era uma casa que pertencia ao município de Santa Inês e local onde eram guardados os jogos de camisas e equipamentos do Real Madrid, time de futebol da cidade, fundado por um padre espanhol apaixonado por futebol e que durante muitos anos fora pároco na igreja matriz.

²⁰ D. Nêda era uma antiga funcionária aposentada do município. Viúva e sem filhos, resolveu se dedicar os últimos anos de sua vida, ensinando crianças, jovens e adultos a decorar as letras do alfabeto e a tabuada de soma e subtração. Não se tratava de uma escola oficial e o valor cobrado por D. Nêda era uma quantia apenas simbólica.

²¹ O ABC era um tipo de cartilha que continhas as letras do alfabeto em maiúsculo e minúsculo para serem decoradas e continha alguns exercícios em que as letras eram pontilhadas para serem completadas pelos estudantes.

Figura 16 - Casa onde funcionava a Sede.



Foto: Josenilto R. Barbosa, 2022.

Com sua pluralidade, os almanaques nos orientavam de forma lúdica, sem a sisudez dos livros didáticos tradicionais. Fazer contas, conscientizar-se de cuidados básicos higiênicos, adivinhar a sequência das letras do alfabeto e ouvir fábulas com propósitos morais, eram atividades prazerosas e inesquecíveis, e talvez num livro tradicional ou no uso dos recursos didáticos normativos, não conseguisse marcar indelevelmente ou imprimir lembranças tão significativas. Situação evidenciada em diferentes localidades no país:

É possível afirmar que a circulação desse livreto, como muitos o chamavam, esteve presente na prática cotidiana escolar. O Almanaque adentrou os muros da escola e também os lares, configurando-se em um “livro” de leitura, guardado e passado de geração a geração. [...] Nestes termos, no espaço escolar, ele se configurou como um instrumento de leitura e aprendizagem não apenas do conteúdo de educação sanitária por ele veiculado, mas também pelo aprendizado da leitura e escrita. Transformado em livro de leitura, o almanaque figurou na cultura escolar, nas primeiras décadas do século XX, como material de apoio didático (MACHADO; ROSA; RODRIGUES, 2013, p. 159-162).

Em suas fases mais populares na cidade de Santa Inês, os almanaques atuaram sobre mim de modo mais vigoroso quando foram vinculados ao meu processo de letramento. Ao lado da escola regular, que posteriormente passei a frequentar em fase adulta, os almanaques permaneceram perenes em minha trajetória.

5.1 O ALMANAQUE NAS MEMÓRIAS E AFETOS FAMILIARES

Até aqui apresentei como os almanaques representaram algo significativo na minha vida de vida de muitas pessoas. Com imensas tiragens de exemplares, chegando às mais distantes regiões do país, tornaram-se uma mania em muitas pequenas cidades e artigos de um consumo intenso, disseminados também em minha cidade natal. Adentraram nos lares de muitas famílias e esse nicho de seu público multiforme, tornou-se um bem-sucedido ambiente de propagação desses impressos, com uma progressiva produção de livretos que abordavam temáticas relacionadas a este núcleo de leitores, principalmente, pela fidelização da leitora dona de casa, membro da família que costumeiramente mais os consultava para as utilidades cotidianas e demandas domésticas. Beatriz Oliveira Santos e Idilva Maria Pires Germano (2019) enfatizam algumas razões pelas quais esses livretos eram mobilizados predominantemente pelo público feminino:

Nos almanaques, a função pedagógica e de controle das mulheres pode ser observada de forma abrangente, desde os anúncios dos medicamentos, até os horóscopos de cada mês – os chamados “prognósticos”, que descreviam o “belo sexo” e os padrões esperados de vida feminina. [...] Tais publicações exibem um discurso pedagógico dirigido principalmente para as mulheres, que, como boas mães e esposas, deveriam ser responsáveis pelos cuidados físicos e morais de seu lar [...]. (SANTOS; GERMANO, 2019, p. 5 e 11).

O Almanaque da Família, O Almanaque Saúde da Mulher e O Almanaque da Família, por exemplo, eram livretos produzidos com temáticas que abordavam assuntos corriqueiros relacionados às questões cotidianas familiares, como etiqueta para se comportar às refeições, recomendações das virtudes de uma “boa esposa”, publicações de orações religiosas, indicações de vestuário adequado etc. As imagens das figuras 17 e 18 são de livretos com foco em temáticas do público feminino, especialmente destinado às donas de casa.

Figura 17 - *Almanaque da Família*, 1947.



Fonte: Bndigital (<http://www.bndigital.bn.br>)

Figura 18 - *Almanaque A Saúde da Mulher*, 1971



Fonte: Vxbrasil (<http://www.vixbrasil.com>)

De acordo com Park (1999), a conquista e a fidelização das leitoras donas de casa, tinha um objetivo muito definido que intencionava a conquista desse público alvo:

[...] Embora o editorial conclame o ‘estimado amigo, leitor e consumidor’ são constantes os chamamentos à leitora: ‘Para a mulher e o lar’, ‘Respeitosos cumprimentos às nossas distintas leitoras’, ‘Receitas para você, leitora’, ‘Conselhos para a mãe’ (PARK, 1999, p. 95).

Como em outros gêneros de almanques, os livretos direcionados às famílias, prescreviam soluções para dificuldades corriqueiras. Muitas famílias de Santa Inês reuniam-se em torno dos almanques e praticavam jogos de adivinhação e brincadeiras diversas. Esses almanques, geralmente apresentavam passagens ou trechos de livros sagrados de alguma religião ou a reprodução de fábulas de cunho moral. Como acentua Park (1999), “o tom religioso perpassa todo o almanaque [...] em tom direto: ‘Que Deus nos abençoe’” (p. 87). Em

minha cidade, no meu tempo de infância, era uma cena comum, famílias inteiras e de modo coletivo, em noites de lua cheia ou por queda de energia elétrica, reunirem-se em frente aos passeios de suas casas, para cantarem canções da moda, contarem histórias antigas e lerem fábulas ou trechos significativos dos almanaques.

Não foram poucas as famílias santeneenses que acolheram e se utilizaram destes livrinhos como objetos estimados do dia a dia, e minha família também não escapou incólume aos almanaques. Meus irmãos, já alfabetizados, os reintroduzem em nossa casa. Descrever a história de objetos, como os almanaques, que acionam recordações familiares, tem me posto novamente em contato com memórias delicadas de minha vida, evidenciando o quanto a ressonância incômoda de alguns acontecimentos ainda reverbera em minhas lembranças. Como arremata o jornalista Daniel Vilela (2019), no seu artigo “A memória das coisas”, sobre os objetos que nos acompanham:

[...] os objetos que carregamos por toda a vida nos ajudam a contar a história de quem somos, a formar nossa identidade e a moldar como nos apresentamos ao mundo. E o melhor: isso pouco tem a ver com os seus valores em dinheiro, mas com os laços que nos atam a eles. Isso vale tanto para aquela cristaleira de jacarandá, escondida no antiquário, para o chaveiro que carrego no meu bolso [...] (VILELA, 2019, p. 2).

Crescer num ambiente dissociado da escola regular e da companhia diária de livros, não me incomodava em boa parte de minha infância, até o dia em que me dei conta dos desassossegos causados pelas junções de letras. Eu trabalhava na roça a semana inteira e aos sábados, na feira da cidade, ganhava alguns “trocados”, levando compras nas residências das pessoas que me pagavam pela minha assistência. E era assim com quase todos os meus amigos e vizinhos de rua: éramos todos meninos carentes e sem letramento, sem consciência de nossa privação da instrução escolar. Meus irmãos, muitos mais velhos que eu, frequentaram a escola tardiamente, mas pela nossa diferença de idade, em minha casa, eu era o único que ainda não tinha frequentado uma escola. Era comum que isso ocorresse próximo à minha maioridade, quando seria preciso saber assinar o meu próprio nome e ler o essencial, para procurar um trabalho que me desse mais ganhos e, assim, pudesse viver sob às minhas próprias custas.

Os poucos livros que presenciei em minha casa na velha estante de meu pai, eram lidos e relidos quase diariamente por ele, de forma desordenada, geralmente após o almoço ou depois do jantar (isso quando havia almoço ou jantar), e essa “biblioteca” era composta por uma Bíblia, um livro de autoajuda e alguns poucos almanaques, levados por uma grande enchente, como mencionei anteriormente. Foram os meus irmãos e minhas irmãs que começaram a povoar novamente a nossa estante, com livros e revistas de vários gêneros: minhas irmãs liam revistas

de fotonovelas, livros de romances populares e meus irmãos liam livretos de *bang-bang* e revistas de super-heróis de quadrinhos.

Com a maior circulação dos almanaques em Santa Inês, minha casa foi também impactada por aquela nova mania e esses livretos começaram a fazer parte de nossas vidas. Aparecem em minha casa muitos desses livretos e de vários gêneros: almanaques literários, almanaques das cidades, almanaques de farmácia etc. Empréstados, doados, ganhos em apostas e brincadeiras, barganhados, os livrinhos se avolumavam em nossa estante e formavam a nossa biblioteca particular dessas minienciclopédias. Todos em casa gostavam de lê-los para mim, fruto do arrebatamento provocado pouco tempo antes, quando um divulgador/vendedor do *Tônico Biotônico Fontoura* me presenteou com um exemplar do almanaque de mesmo nome.

Alvo de disputas, passatempo preferido, instrutor de vários saberes, os almanaques se tornaram o objeto das disputas de minha família. Ensinando coisas, prescrevendo remédios, eximindo dúvidas e divertindo, passaram a incrementar as horas vazias de nossos dias, em nossa casa e em nossa lida, eles se tornaram o nosso calendário de agricultura e nosso momento de descanso preferido: os almanaques eram os livros que nos apresentavam a vida além da nossa vida.

Mas foram também eles, os primeiros livros que me trouxeram meu primeiro desassossego religioso: já alfabetizado, mas ainda lendo com muita dificuldade, um de meus irmãos fez-me a revelação de que Eva não fora a primeira mulher criada por Deus. Antes dela, havia sido criada outra mulher e esta, como era desobediente a Deus, fora expulsa do paraíso. Só depois foi criada Eva, nascida da costela de Adão. Perguntei-lhe como ele tinha descoberto isso e me disse com um ar orgulhoso: “li num almanaque literário que meu amigo me emprestou”. Calado e divagando dentro de minha própria perplexidade, fiquei alguns dias pensando naquilo que me disse meu irmão. Os almanaques me pareceram, naquele momento, livros muito perigosos e, ao invés de distanciamento, paradoxalmente, despertou em mim uma curiosidade que inundou meus dias seguintes e que reforçou a minha necessidade interna e crescente de letramento:

A retomada da infância distante, buscando a compreensão do meu ato de “ler” o mundo particular em que me movia – e até onde não sou traído pela memória –, me é absolutamente significativa. Neste esforço a que vou me entregando, re-crio, e re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra (FREIRE, 2011, p. 20).

Muito antes de dominar a decodificação das letras, eu lia o mundo com as ferramentas que me eram possíveis: com todos os meus sentidos e com a minha imaginação, eu dotava as

coisas do meu mundo e do mundo que eu não conhecia, com nomes inventados. Entretanto, mesmo lendo as coisas do mundo à minha maneira, minha vontade sempre precisou das fagulhas da curiosidade e dos incômodos indigestos.

As refeições em minha casa aconteciam invariavelmente nos mesmos horários: às 7 horas da manhã, ao meio dia e às 19 horas. Eram eventos sempre precedidos por nossas orações silenciosas de agradecimento a Deus, pela graça do alimento em nossa mesa. Todos sentávamos em lugares pré-estabelecidos e nos alimentávamos em quase completo silêncio e, apesar do número enorme de filhos, nossas refeições eram momentos de muita comunhão e troca de palavras curtas, entremeadas por risos contidos. Entretanto, depois da presença rotineira dos almanaques, as refeições transformaram-se em momentos mais divertidos e também mais barulhentos (para um certo incômodo de meu pai, que primava pela ordem e paz rigorosas à mesa). Por conta de algum provérbio, de alguma piada ou por uma curiosidade que eram descobertos e compartilhados de algum livreto recém adquirido, os momentos solenes de nossas refeições deram lugar às gargalhadas soltas, às brincadeiras agitadas e à euforia de cada novo conhecimento compartilhado.

Lembro-me que foi em um almoço de domingo que descobrimos comovidos, num *Almanaque Iza*, que minha irmã havia ganho, a famosa oração de São Francisco de Assis. Contagiados pela leitura comovida em voz alta de minha irmã mais velha, sob o nosso completo silêncio, escutamos aquelas palavras como quem comungava. Este dia se tornou um dos momentos mais significativos de minha infância: éramos muito pobres, tínhamos muitas privações e carências financeiras, mas tínhamos saúde, tínhamos um lar e tínhamos uns aos outros. Até aquele momento, minha família ainda estava completa e sem as faltas ou perdas posteriores que iriam nos abalar.

Paulatinamente e de maneira muito espontânea, os almanaques foram a nossa bula corriqueira e o nosso instrutor para quase todos os tipos de assuntos. Das instruções domésticas às curiosidades filosóficas, dos passatempos às orientações higiênicas, nos informavam com diversos conhecimentos que não encontrávamos em outras publicações. Éramos uma família, como muitas daquela época, numerosa em filhos e com pouquíssimas condições econômicas: todavia, se tínhamos carências materiais, também tínhamos as abundâncias de afetos. A figura 18 é a imagem atual da casa onde nasci e cresci.

Figura 19 – Residência onde vivi com minha família.



Foto: Josenilto R. Barbosa, 2022.

Minha mãe, que lia muito pouco e assinava seu nome com muita dificuldade, também foi influenciada pelos livretos e, em várias vezes, mudou alguns de seus hábitos. De receitas culinárias e remédios preparados com ervas à práticas higiênicas, minha mãe consultava os almanaques, à medida que surgia alguma dúvida doméstica ou higiênica. Entre alguns mitos que ela acreditava e que foram demolidos pelos saberes dos livretos, foi o que ela denominava de “estuporar ao vento”, mal que ocorreria logo depois de ter bebido café quente e ser exposta à brisa fresca da rua. De acordo com a crença de minha mãe, devia-se resguardar-se por duas horas, no mínimo, longe do vento da rua e não beber água fria depois de ter bebido café quente ou então, nosso corpo teria um “curtipiu”²² e ficaria torto como num ataque de congestão alimentar.

Cada um de nós de minha família, de um modo inconsciente, se valia da simbologia de um objeto tão presente quanto foram os almanaques em nossas vidas e que tantas vezes nos assistiu, para exteriorizar o vínculo afetivo que tínhamos uns pelos outros. O sentimento de estima que mediava a nossa relação com estes objetos, a partir da premissa subjetiva, também atribuía outros significados às nossas existências.

Consta num almanaque literário, o qual não me lembro o nome, uma oração sobre a Morte, texto creditado a Santo Agostinho que foi lida por um amigo de meu pai, no velório de Jussara, minha irmã do meio, que morrera aos 14 anos de idade, repentinamente. A morte

²² A grafia correta é *custipiu*. Significava para todos nós, um mal estar súbito.

prematura de minha irmã foi nossa primeira perda e até desse momento tão sofrido, o almanaque serviu como consolo e testemunha de nossa perda, como evidencia Park (1999):

A relação de leitura estabelecida é diária, tal qual o movimento em relação à agenda. É um material sempre à mão, manuseado cotidianamente, ficando gasto no final do ano, mas muito importante enquanto memória dos eventos ocorridos, das marcas, das alegrias a serem lembradas e das perdas a serem esquecidas, porém registradas. Do material/documento que resiste para as comparações, de colheitas, de compras, de doenças, de um ano a outro. Igual e diferente (PARK, 1999, p. 100).

Como sua presença constate em nosso dia a dia, como assinala a reflexão de Park (1999), esses impressos tornaram-se objetos presentes nas mais diversas circunstâncias de nosso cotidiano, nos instruindo, nos deleitando, nos comovendo e sendo presentes até nos momentos mais amargos e mais dramáticos. Eles são objetos importantes na construção de memórias individuais e coletivas e colaboram na construção de leituras de nosso passado, da evidência de nossos vínculos familiares e de nossa relação com o mundo externo ou, segundo Paulo Freire (2011), “como linguagem e realidade que se prendem dinamicamente” (p. 20).

5.2 ENTRE A LEITURA DE MUNDO E A LEITURA DA PALAVRA

A genealogia do leitor em mim, precede a história de minha alfabetização e de meu letramento, quando ainda, mesmo não dominando a leitura e a escrita como práticas legitimadas nas convenções instrutivas, os conceitos das coisas que existiam no meu mundo, não me eram de todo concepções vazias ou um repositório de informações inomináveis. Meu mundo tinha formas, nomes e tonalidades, como eu queria que assim o fosse, e os significados das coisas eram contemplados na minha ótica, pelos sentidos de minha fisiologia, pela minha abstração e pela minha imaginação. Antes do domínio da leitura e da escrita das palavras, eu lia o meu mundo com as ferramentas que eu possuía, assim como Paulo Freire (2011) destacou que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” (p. 19), ou quando afirmou:

De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescreve-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. Este movimento dinâmico é um dos aspectos centrais, para mim, do processo de alfabetização. Daí que sempre tenha insistido em que as palavras com que organizar o programa da alfabetização deveriam vir do universo vocabular dos grupos populares, expressando a sua

real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus sonhos. Deveriam vir carregadas da significação de sua experiência existencial e não da experiência do educador. A pesquisa do que chamava universo vocabular nos dava assim as palavras do Povo, grávidas de mundo. Elas nos vinham através da leitura do mundo que os grupos populares faziam. Depois, voltavam a eles, inseridas no que chamava e chamo de codificações, que são representações da realidade (FREIRE, 2011, p. 13).

Inspirado pelo livro *A importância do ato de ler* de Paulo Freire (2011), viajo ao tempo e “re-vivo” a minha realidade que antecede a decodificação de meu mundo pelo domínio formalizado da decodificação das letras.

De modo prematuro, nasci com seis meses e meio e, contrariando os prognósticos de meus pais, da parteira da cidade e do médico que atendia ocasionalmente na região, emergi e chorei como qualquer recém-nascido, ao meio-dia de uma quinta-feira. Dona Maria Rondon, parteira afamada da cidade, que ajudou a colocar no mundo centenas de santeneenses, depois de facilitar a minha antecipada saída do ventre de minha mãe, profetizou uma sentença: “Esse menino não vingará dois dias, minha comadre²³, melhor nem colocar nome nele, para não se apegar, porque ele é muito mirrado e logo vai virar um anjo” – continuei vivo, à revelia daquela infausta previsão.

Chamado por meu pai, alguns dias depois de meu nascimento, Dr. Camargo Menezes, médico que atendia naquela ocasião pelo município, foi prestar assistência domiciliar a mim e a minha mãe: “essa criança não deve viver mais que uma semana, é muito prematura e não se tem muito o que fazer”. Aplicou-me, balançando compungidamente a cabeça, segundo meu pai, uma injeção com um líquido gelatinoso, um medicamento que nunca soubemos dizer o nome, na parte de trás de minha cabeça – De acordo com meu pai, não tinha como aplicar em outro local de meu corpo, porque até própria seringa da injeção, era um objeto bem maior que eu, ultrapassando assim, o meu diminuto tamanho. Vivi mais que uma semana e contrariando também os veredictos posteriores do mesmo médico e as previsões sinistras da parteira, que anteviam, para minha vida - ainda que eu sobrevivesse -, uma existência de menino entrevado, predestinado às limitações de fala, de locomoção e até de alguma “anomalia mental” que impediria o meu desenvolvimento para coisas primárias de cognição, por exemplo.

Com o passar dos anos, o meu desenvolvimento foi lento e ocasionado por alguns pequenos retardos de locomoção e por insignificantes acidentes domésticos: a anatomia de meus pés não foi totalmente desenvolvida e isso até hoje me acarreta torções, com relativa frequência. Minha fala se desenvolveu sem atrasos, embora eu fosse muito quieto e “chegado

²³ Era comum em Santa Inês, as parteiras serem tratadas de comadres depois que auxiliavam nos partos.

aos silêncios” (palavras de minha mãe). Só viria dar os meus primeiros passos e andar sem ajuda de alguém, aos 7 anos de idade (evento que me provocou um choro desmedido pela minha euforia) mas, enquanto isso não ocorria, eu vivia enganchado à cintura de minha irmã mais velha ou me locomovia arrastando-me pelos cômodos de nossa casa ou posto por longos períodos, sentado numa cadeira e protegido com travesseiros.

Brincar para mim era uma atividade que eu exercia solitariamente deitado e envolto aos meus pensamentos, que me aguçavam, enquanto eu me concentrava absorto, no mundo que ocorria à minha volta e que me fazia observar com acuidade reveladora, os microcosmos dos acontecimentos que se realizavam dentro de minha casa. Tornou-se para mim uma rotina diária, ficar entregue às viagens de minha mente, imaginando uma realidade antagônica, onde, além de ter o poder de andar e de correr, também voava para além daquele cenário que me limitava – em quase todos os meus sonhos quando menino, voar era uma ocorrência onírica indefectível.

As poucas condições econômicas de meus pais, não permitiam que eu tivesse algum suporte mecânico (cadeira de rodas) que auxiliassem a minha locomoção, portanto, minha irmã mais velha era quem me transportava de um canto para o outro, em canga²⁴, pendurado como uma carga em sua cintura. Em épocas chuvosas em Santa Inês, o nosso quintal se transformava em campo improvisado de futebol pelos meus irmãos. Como eu não podia correr para perseguir a bola de meia, confeccionada por eles, me arrastava trôpego e desengonçado, pela lama volumosa atrás da bola e por causa dos declives do terreno, muitas vezes, ficava inteiramente submerso e atolado, sendo socorrido e resgatado por minha irmã. Ganhei o apelido de “Atolado”, pelos meus irmãos, alcunha que foi se transformando ao longo do tempo em “Tola”, como ainda hoje, de vez em quando ainda me chamam - Dona Alaíde, uma antiga vizinha de rua de minha mãe, de vez em quando, ainda hoje pergunta a alguém por mim, assim: “e Tola? Como vai ele? Ainda é vivo?”. Ao contrário de todos os meus irmãos, que contraíram catapora, sarampo, caxumba e outras doenças viróticas, eu jamais fiquei doente, nem sequer me lembro de ter ficado gripado algum dia em minha vida, a boa saúde sempre me acompanhou.

Eu me sentia uma criança muito paparicada por todos da casa e os longos momentos de solidão que eu ficava (porque todos tinham obrigações para fazer), me entregava aos pensamentos mirabolantes e às minhas viagens imaginárias por lugares que eu criava, mesmo durante as madrugadas - acho que a solidão e a insônia de alguma forma me favoreciam, porque eu podia estar em pensamento em qualquer lugar que eu desejasse. Percebi que eu tinha a

²⁴ Canga é uma posição em que as crianças eram carregadas presas na cintura e suas pernas formavam um arco em torno do tronco de quem as carregava.

habilidade de entender como cada membro da família era e com o tempo, fui me tornando o ponto de ligação entre todos eles e aquele que servia como o elemento de elo, quando surgia algum confronto. Insone, desde que me lembro, depois que todos os candeeiros da casa serem apagados às 22 horas (com a exceção do que ficava perto de mim) e a família se recolher, eu estava ainda mais aceso. Eram as madrugadas o meus momentos preferidos do dia e o meu passatempo predileto era mirar o telhado encardido pela fumaça do fogão à lenha e inventar realidades desenhadas no meu pensamento, pelas falhas do telhado, por onde a luz da lua atravessava e desenhava mundos imaginários.

Mesmo depois de andar e demonstrar a todos de que teria uma vida como de qualquer outro menino, vez ou outra, sentia-me sendo observado pelo meu pai ou por minha mãe, preocupados, como quem quisesse ter mesmo certeza de que, além de escapar dos vereditos que me foram destinados, não tinha mesmo eu, alguma limitação física ou mental.

Com a minha casa novamente sendo povoada por livros, revistas e publicações diversas que meus irmãos traziam, à medida em que se instruíam, fui também me beneficiando com a presença desses novos “brinquedos” que eram lidos parcialmente para mim, despertando aos poucos o meu gosto e *hobby* posterior pelas palavras e pelo seu colecionismo²⁵.

Desde que fui presenteado com um *Almanaque Biotônico Fontoura* por um divulgador/vendedor²⁶, e ter me sentido maravilhado com aquela experiência, a ânsia para aprender a ler foi sendo alimentada progressivamente pela agitação que os almanaques provocaram em minha casa e na minha cidade. Conforme destaquei no primeiro capítulo, a corrida para a farmácia em busca desses livrinhos que eram distribuídos gratuitamente, às vezes provocava filas imensas de pessoas que disputavam esses impressos. Mesmo ainda não dominando a leitura da palavra, eu folheava todos os almanaques que chegavam em minha casa, lendo-os através das figuras ou das imagens que eles traziam embutidas e me deleitava solitariamente com as histórias que eu mesmo inventava na minha imaginação. Às vezes, eu ficava durante horas contando histórias imaginárias para mim mesmo, para que o meu mundo tivesse uma justificação.

De acordo com as pesquisadoras Ana Elizabete Emídio Santos Silva, Antônia das Graças de Jesus Guimarães, Liziane Batista da Conceição e Tanielly Dayana Pereira Farias (2011), o processo de leitura envolve questões mais abrangentes, além do próprio ato de ler:

²⁵ Tenho diversos cadernos com muitas palavras que vou registrando, como quem coleciona. Os critérios variam, são palavras que gosto pelo significado, pela grafia e pelo som.

²⁶ Este fato está detalhado em meu trabalho de conclusão de curso em Museologia (BARBOSA, 2019).

A leitura é uma experiência pessoal, a qual não depende somente da decodificação de símbolos gráficos, mas de todo o contexto ligado à história de vida de cada indivíduo. A prática da leitura se faz presente em nossas vidas desde o momento em que começamos a "compreender" o mundo à nossa volta. No constante desejo de decifrar e interpretar o sentido das coisas que nos cercam, de perceber o mundo sob diversas perspectivas, de relacionar o fictício com a realidade que vivemos através do acesso a leitura (SILVA; GUIMARÃES; CONCEIÇÃO; FARIAS, 2016, p. 3).

No depoimento de João Batista de Jesus para este trabalho, destaco o que me parece corroborar com estas autoras:

[...] O número de pessoas que não sabiam ler era muito grande, eu mesmo conhecia muita gente que nem o nome sabia escrever. Agora você imagina como era que essas pessoa iria comprar ou ter acesso a livros, a revistas, a jornais se malmente elas comiam. Aí veio os almanaques, leitura fácil, eram doados de graça, tinha figuras, as pessoas que sabiam ler um pouco liam para outras que não sabiam. Os pequenos roceiros daqui conseguiam muita informação sobre colheita através dos almanaques. Sinceramente, acho que os almanaques fizeram o papel de um livro fácil de ter e ler que ajudou muita gente. Inclusive ajudou muita gente a ler e escrever, eu mesmo via pessoas soletrando palavras nos almanaques e com isso aprendendo a ler melhor.

Cumprindo uma promessa que me fez, minha irmã mais velha iniciou a minha alfabetização e, aos 17 anos, comecei a decorar o ABC e fazer exercícios de pontinhos que formavam as letras maiúsculas e minúsculas. Alguns meses mais tarde, já soletrava mesmo com tropeços, o primeiro livro que li sozinho: *Ou isto ou Aquilo* de Cecília Meireles (1901-1964). Não compreendi muito bem o que lia, mas ele foi o momento de leitura mais comemorado de minha vida, até então. À noite, depois de chegar da lida na roça de mandioca em que eu trabalhava, continuava treinando a memorização das letras do alfabeto e melhorando a olhos vistos a minha articulação.

No entanto, só viria frequentar a escola de Dona Nêda, para decorar o ABC e a Tabuada aos 20 anos de idade e o meu primeiro dia de aula foi uma das experiências mais desanimadoras. Já adulto, entre crianças que frequentavam a escola de Dona Nêda, fui recepcionado por ela com muita resistência: “o que você veio fazer aqui? Não acha que tá muito velho para aprender ler? Já viu papagaio velho aprender a falar? Por que não esquece isso e vai trabalhar? está perdendo tempo, porque é tarde para você aprender ler”. Desolado e decepcionado com aquelas palavras, fui pra casa e me escondi em cima do pé de araçá e lá chorei por alguns momentos solitariamente: o mundo das letras não parecia ser um lugar digno para mim. Contei aos meus pais o que houve e minha irmã me puxou e me acompanhou no dia seguinte à escola. Ela

conversou com Dona Nêda que apesar de certa contrariedade me aceitou como aluno e não mais me dirigiu palavras hostis²⁷.

Era muito nítida a diferença entre eu e meus pequenos colegas de classe. Depois de quase um mês, fui transferido, a pedido de Dona Nêda, para o Grupo Escolar Papa João XXIII, escola do município e fui matriculado no 1º ano escolar, porque nas palavras de Dona Nêda, eu ultrapassara a fase inicial do ABC e já estava pronto para desenvolver a leitura. Aconteceu a mesma coisa no 1º ano e fui transferido no mesmo ano para o 1º ano forte, depois 2º ano, 3º ano e num mesmo período, eu já estava cursando o 4º ano primário e finalizando como o aluno com as melhores notas da classe.

As figuras 17 e 18, são representações das cartilhas utilizadas pela escola “Sede” de Dona Nêda e também por muitas outras escolas ao redor do país. Ambas as cartilhas pautavam-se pelo método de memorização: repetia-se exaustivamente todas as letras do alfabeto de forma oral e através da escrita das mesmas, na cartilha do ABC. A mesma didática era empregada com a tabuada, cujos objetivos era a memorização dos números, através de sua soma, subtração, multiplicação e divisão. Havia também exercícios com a mesma finalidade: a internalização do alfabeto e das operações básicas aritméticas. O aluno que não conseguia ser aprovado nas arguições de Dona Nêda, ficava de castigo, ajoelhado no canto da sala, até o final da aula. Era sabido que algumas escolas se utilizavam de palmatórias²⁸, em que o aluno reprovado era castigado com “bolos”.

Figura 20 - Cartilha do ABC, 1983



Fonte: Mecostarte (mecostart.blogspot)

Figura 21 - Cartilha Tabuada, 1983



Fonte: Mecostart (Mecostart.blogspot.com)

²⁷ Eu e Dona Nêda nos encontramos casualmente na feira da cidade e ela me pediu desculpas pela recepção hostil que teve comigo no meu primeiro dia de aula. Nos abraçamos carinhosamente e o episódio ficou no passado. Em 1997, fui informado do seu falecimento.

²⁸ Palmatórias eram instrumentos feitos de madeira, utilizados para aplicar golpes na palma da mão. A esse golpes, davam-se o nome de bolos.

Cursando a 5ª série ginásial, eu já lia qualquer texto sem tropeços e graças as indicações literárias que às vezes apareciam nos almanaques, já tinha lido muitos textos da literatura mundial, que me chegavam às mãos por empréstimo. Em cada almanaque que eu lia, me abastecia de informações e conhecimentos diversos que foram sendo praticados no meu dia a dia e me incentivando ter curiosidade por outros textos, enquanto era instruído. Concomitantemente e aliado às lições e às tarefas pedagógicas que eram trabalhados nas salas de aula, eu encontrava em almanaques diversos, exercícios didáticos de pronúncia, de gramática, de História, de Geografia, de Matemática etc. Os almanaques eram o meu suporte particular de alfabetização e de letramento. A mediação dos livretos com textos de natureza mais complexa e mais bem elaborada, acontecia à medida em que eu encontrava neles referências ou trechos de gêneros literários mais elaborados e que, portanto, exigiam de minha parte mais esforço e mais empenho em compreendê-los, embora essa familiaridade acontecesse de forma prazerosa. A minha alfabetização ocorria de modo simultâneo ao meu letramento, embora, esses dois processos sejam geralmente confundidos como sinônimos, esses processos pertencem a momentos diferentes e são eventos distintos:

Letramento é uma tradução para o português da palavra inglesa “literacy” que pode ser traduzida como a condição de ser letrado. Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado. Alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; letrado é aquele que sabe ler e escrever, mas que responde adequadamente às demandas sociais da leitura e da escrita. Alfabetizar letrando, é ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, assim o educando deve ser alfabetizado e letrado. A linguagem é um fenômeno social, estruturada de forma ativa e grupal do ponto de vista cultural e social. A palavra letramento é utilizada no processo de inserção numa cultura letrada (HAMZE, 2021, p. 1).

Os almanaques me apresentaram outras realidades, foi com eles que aprendi quem eu não era e quem não queria ser. Se para o cantor e compositor baiano Gilberto Gil (1942), na sua canção “eu vim da Bahia”, a Bahia lhe deu régua e o compasso, para mim os almanaques se tornaram a minha Bahia e minha história talvez tivesse se tornado outra, se não fossem os atravessamentos que esses livretos provocaram em minha vida. E foi num almanaque que li algo muito marcante e que aguçou a minha curiosidade por textos além dos próprios almanaques.

O meu gosto pela leitura, a minha estima pelas palavras e o meu letramento, talvez não fossem hoje realidades concretas sem a presença dos almanaques. Ler, para mim, deixou de ser há muito tempo, apenas uma opção de entretenimento ou um lugar de fuga: minha familiaridade com a leitura alimentou a minha vontade de também produzir escritos e me tornar um “fazedor

de escritos”. A minha predileção por textos literários e por textos filosóficos foi se potencializando pelas leituras que os almanaques me proporcionavam.

De muitas formas, a presença dos almanaques em minha vida trouxe-me alterações na visão de horizonte do mundo. Como pontes, possibilitaram transformações e foram protagonistas no meu letramento, foram artefatos que atravessaram minhas memórias, o território do meu afeto e resvalaram em outros universos, de modo similar à reflexão de Paulo Freire (2011), quando se referiu às reverberações das leituras:

Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras. Os "textos", as "palavras", as "letras" daquele contexto - em cuja percepção eu experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber - se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia apreendendo no meu trato com eles nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais (FREIRE, 2011, p. 21).

As referências literárias que os almanaques traziam, tornaram-se, paulatinamente, uma inspiração para meus novos interesses: comecei a ler tudo que continha letras, de bula de remédios a resumos de textos celebrados no campo da literatura. Mas, como muitos conterrâneos, eu não tive acesso imediato a outros livros. Na Santa Inês da minha infância e adolescência, os almanaques tornaram-se, para muitos de nós, um importante itinerário que potencializou nossa leitura de mundo e a leitura da palavra.

5.3 A COLEÇÃO COMO “REFRIGÉRIO DA SAUDADE”

Difusor de vários conhecimentos, os almanaques foram durante muito tempo uma fonte de informações para expedientes cotidianos, passatempo predileto para muitas famílias e objeto temático em rodas de conversas entre amigos que se reuniam nas calçadas das ruas. Muitos momentos vividos em família foram testemunhados pela presença dos almanaques que, diversas vezes, se tornaram no mote que justificava e proporcionava muitos instantes de confraternização familiar, além de serem registros de fatos históricos, culturais e sociais.

Esses livretos foram, por algum tempo, uma das poucas cartilhas instrutivas e objetos de afetos de muitas famílias santeneenses. O pesquisador Ulpiano Bezerra de Meneses (1997), destaca a flexibilidade com que alguns objetos possuem ao serem utilizados para além de suas atribuições utilitárias, tornando-se documentos:

Há, em certas sociedades, como as complexas, uma categoria específica de objetos que são documentos de nascença, são projetados para registrar informação. No entanto, qualquer objeto pode funcionar como documento e mesmo o documento de nascença pode fornecer informações jamais previstas em sua programação. Se, ao invés de usar uma caneta para escrever, lhe são colocadas questões sobre o que seus atributos informam relativamente à sua matéria-prima e respectivo processamento, à tecnologia e condições sociais de fabricação, forma, função, significação etc. -este objeto utilitário está sendo empregado como documento (MENESES, 1997, p. 95).

A reflexão de Meneses (1997), encontra ecos neste trabalho, que relaciona os almanaques como exemplo de objetos que tornaram-se biográficos. Nesse aspecto, é importante destacar o modo como os objetos tornam-se mediadores para as interações sociais e seus impactos nas histórias de vida:

Artefatos [...] não são objetos inertes ou passivos, mas agentes interativos na vida sociocultural e cognitiva. A significação do artefato reside em ambos, tanto no objeto, como fato auto-materializado, e em seus padrões comportamentais "gestualmente" performativos, em relação ao design, espaço, tempo e sociedade. Artefatos simples ajudam a contar histórias de vida, mas a singularidade do seu design ou estilo são fatores que podem transformar mercadorias ou objetos do cotidiano em símbolos ou sistemas de signos portadores de ideias e significados com alto poder evocativo (DOHMANN, 2015, p. 1).

Como livros portadores de instrução e de conhecimentos diversificados, os almanaques ocupam um papel relevante na história da alfabetização e do letramento no Brasil, já que a sua utilização, muitas vezes, proporcionou práticas de leitura e de escrita na educação de muitos de seus leitores, conforme destaquei no caso de Santa Inês. De acordo com Dohmann (2015), é possível visualizar o lugar dos objetos na tessitura de mundos emocionais e na tessitura de biografias:

Os objetos ligam mundos emocionais ao espaço mental dos indivíduos, caracterizando-se, entre funções e simbolismos, como verdadeiros predicados da cultura. Examinar suas biografias significa realçar facetas culturais antes ignoradas nos objetos. A cultura assegura que alguns objetos permaneçam resistentes ao processo de mercantilização, mas é o significado associado à singularidade que funda o valor de heranças culturais [...] (DOHMANN, 2015, p. 1).

Diante da ausência de materiais didáticos e da exclusão de muitos brasileiros do acesso à escolaridade regular e, também, diante das dificuldades econômicas para o acesso aos livros, os almanaques eram a representação da instrução e da educação possíveis, tornando-se a

“cartilha de saberes” que auxiliavam muitos leitores no aprendizado e na prática da leitura e da escrita (MACHADO; ROSSI; RODRIGUES, 2013).

Além da sua natureza funcional como um guia ou um instrumento de consulta diária para as adversidades domésticas e entretenimento ligeiro, eles se assentaram como itens construtivos no universo memorial e identitário de muitos de seus leitores e leitoras:

[...] O almanaque traz uma cultura válida, advinda do cotidiano, da resolução de problemas, da diversão e da utilidade. [...] desprezíveis livrinhos que moldaram comportamentos, e que fizeram/fazem parte da vida de várias gerações. (PARK, 1999, p. 205).

Ao longo da segunda metade do século XX, os almanaques, paulatinamente, se tornaram artigos escassos. Embora, até hoje, ainda resistam às transformações e às concorrências com outros meios de acesso à informação e comunicação, eles se tornaram artefatos conhecidos por nichos ou por uma geração específica de leitores e leitoras. Essas reflexões também se estendem à existência de poucos colecionadores e coleções de almanaques atualmente preservadas, como enfatizou João Batista de Jesus em seu depoimento:

[...] Olha, isso pra mim não me surpreende, o fato de não haver muitos colecionadores, pelo menos aqui na nossa região. Era todo mundo, praticamente muito pobre, como é que iam se preocupar em guardar esses livros se mal as pessoas não tinha nem comida? Pode ser até que essa minha ideia nem se justifique mas acho que explica um pouco, né? Já pensou, o sujeito não se alimenta no café da manhã, nem eles nem os filhos, ainda tem isso. Ele também não sabe se vai comer no almoço e na janta, não tem trabalho, não tem moradia digna, os filhos todos cheio de verminose e sem nenhuma perspectiva. Agora me diga, como esse mesmo sujeito que até gosta de almanaques vai se preocupar em pesquisar, conseguir, guardar, cuidar de almanaques, se nem as coisas mais básicas ele consegue ter? Entendeu? E esse tipo de pessoa era a que mais lidava com esses livros, né? Até pra isso, meu amigo, era preciso, pelo menos antigamente, ser de uma elite.

Por isso é importante também considerar que, para algumas pessoas, os almanaques podem se transformar naquilo que Marcelo Cunha e Joseania Miranda de Freitas (2018) intitularam como “fantasmas de memórias”, relativos ao modo como determinadas percepções são construídas “a partir de saudosismos e melancolias e, geralmente, associados à crença na ‘idade de ouro’, que é a atribuição do passado como um tempo de valores mais importantes” (p. 358).

[...] algumas questões importantes se apresentam: este foi um período de “ouro” para quem? Que fantasmas se escondem por traz das paredes e janelas das casas e vagueiam pelas ruas? Será então que teria ali existido mesmo a

“idade de ouro”? Esta questão é colocada para chamar a atenção sobre a necessidade de se indagar sobre o que se esconde e o que se revela no patrimônio que é preservado em tais territórios, sendo necessário que atentemos para o fato de que os referenciais implícitos e explícitos nas materialidades e imaterialidades das cidades e seus museus são múltiplos e complexos e que o ato de preservar é sempre uma ação política, que tem consequências que ultrapassam o ato de preservar em si. É importante ressaltar, também, que a preservação é uma necessidade e um risco. Necessidade, pois possibilita a construção e manutenção de nexos com as trajetórias históricas de cada povo e território. Risco, pois nas escolhas sobre o que preservar prevalece muito mais exclusão do que inclusão. E ainda, se afirma o discurso e a intenção de quem detém o poder de escolha sobre o que vai ser preservado, e isto pode levar a visões e ações hegemônicas, fazendo com que esses vínculos com o passado possam ser abordados de forma deturpada e reducionista (CUNHA; FREITAS, 2018, p. 368).

Nos depoimentos colhidos para este trabalho, são notórias as tensões em torno das diferenças entre a Santa Inês do passado e as transformações contemporâneas. A explicitação dos almanaques como patrimônios afetivos se insere, mesmo que de modo não explícito, no debate sobre a preservação dos saberes, dos afetos e, também, da cultura material. O depoimento de Dona Luiza Carvalho Soares resume o modo como esses livretos marcaram a trajetória de muitos de seus leitores e leitoras, no seu caso, como conexão de tempos e pessoas, acionadores da lembrança de seu marido:

[...] eu simplesmente adoro esses livros, amo de verdade. Como eu lhe disse, eu não sou e nem nunca fui colecionadora, mas por causa desse hábito de meu marido colecionar, acabei me afeiçoando a esse hábito dele e também passei a gostar muito desses livros maravilhosos. Pra mim eles significam uma forma de ter a presença de meu marido aqui em casa. Eles me trazem muitas lembranças boas. Sou muito sozinha hoje, minha filha mora em Belo Horizonte com meus netos e minha bisneta. Meu filho foi levado por Deus em 2011 e ele ainda morava comigo, então, vivo sozinha aqui e embora hoje eu leia muito pouco por causa das vistas cansadas e eu fiz 84 anos mas, mesmo assim leio os almanaques muitas vezes e isso me conforta porque parece que tô vendo meu marido ali naquela cadeira sentadinho, bem quietinho lendo os seus almanaques e às vezes rindo alto. No final da vida dele, ele ficou praticamente cego por causa da diabete e umas das coisas que ele falava que mais sentia falta era ler os almanaques dele. Pra mim esses livros de certa forma me conectam com meu marido e com a vida feliz que nós tivemos juntos. Morrer não me assusta porque tenho certeza que iremos nos reencontrar e quem sabe se lá no paraíso não tem almanaque, né?

Foi uma casualidade o modo de como tomei conhecimento sobre a existência de Dona Luiza, uma viúva de um apreciador e também colecionador de almanaques, que além possuir ainda diversos exemplares desses livretos, os preserva em excelente estado de conservação. Seria razoavelmente explicável sob à lógica de conjecturas racionais, interpretar esse

acontecimento como uma consequência de um processo que tenha obedecido aos encadeamentos do que se costuma determinar de forma aceitável, como ações que produziram ou determinaram suas consequências e por essa razão, “o encontrar” resultou-se do “buscar”. Ou, não menos razoável do que essa premissa lógica, tudo não passou mesmo de um mero acaso, determinado pela arbitrariedade das coincidências da vida. O fato é que para minha alegria e para o enriquecimento de minha pesquisa, o destino ou as forças empreendidas de minha busca me levaram até Dona Luiza, pessoa mais próxima de quem pude chegar e figura mais próxima que se possa ser adjetivado como uma colecionadora de almanaques.

A pandemia foi o impedimento mais importante durante a minha pesquisa e, a minha rotina, como a de todos os brasileiros, foi por diversas formas afetada por essa realidade que limitou drasticamente todos os meus movimentos para a pesquisa em campo e, portanto, me vi obrigado a “lançar mão” de alternativas que suprissem esta fase de meu trabalho.

Com o recuo da pandemia promovido pela vacinação progressiva que aos poucos avançava e assim me permitiu com alguma segurança, à volta de quase toda a minha rotina anterior, finalmente pude viajar à Santa Inês e ir a campo, para arrematar presencialmente e de forma mais contundente minha pesquisa, com as entrevistas e depoimentos presenciais, preferencialmente com colecionadores de almanaques que eu supunha ainda encontrar.

Fiquei por mais de 20 dias em Santa Inês - tal qual na história mitológica do filósofo Diógenes à procura de um homem honesto²⁹, eu procurava por todos os cantos da cidade por algum colecionador de almanaques e como na história mitológica de Diógenes, infelizmente, também não encontrei qualquer pessoa que fosse assim classificada.

Agarrando-me à única chance de localizar e tentar entrevistar Seu Nôza, personagem capital e anteriormente aqui já descrito e contextualizado, depois de alguns indícios de sua localização, viajei para Ubaíra, cidade próxima à Santa Inês (33 km de distância) e a localização de sua residência, localizada na zona rural daquela cidade e finalmente o encontrei. Residindo numa casa com poucas posses e sob os cuidados contínuos de uma sobrinha-neta (Dona Rosália), as condições desfavoráveis de saúde de Seu Nôza, não permitiram sequer com que eu conseguisse gravar uma entrevista. Acometido por diversas enfermidades derivadas de seus 97 anos, seu estado de debilidade não permitiria. Os raros momentos em que permanece desperto,

²⁹ Há uma história sobre filósofo grego Diógenes andava pelas ruas de Atenas em pleno dia com uma lanterna acesa, perguntaram a razão para tal atitude, este respondeu: que estava à procura de um Homem Honesto. Procura essa que não obteve sucesso. Utilizei esta história com uma representação simbólica do quanto é difícil encontrar um colecionador de almanaques nos dias de hoje.

segundo sua neta, apenas pronuncia palavras ininteligíveis e são raras as vezes em que se lembra de seu próprio nome.

Em minha despedida, enternecido e abalado pelo impacto das condições frágeis da saúde de Seu Nôza, infelizmente, nem Dona Rosália sabia quaisquer informações sobre a coleção de almanaques que seu tio-avô um dia ostentava com tanto orgulho, e informou-me ainda que: “todas coisas de meu avô foram perdidas e seus filhos, espalhados pelo mundo, sequer aparecem aqui ou mandam notícias”.

Enquanto conversávamos, adentrou-se na casa de Dona Rosália uma vizinha que ouvindo parte de nossa conversa, me disse: “trabalhei por um tempo na casa de uma senhora que mora em Salvador, que tinha muitos desses livrinhos que o senhor tá falando”. E com uma presteza providencial, Dona Jucinha Mendes, me deu o telefone da tal senhora, Dona Luiza.

Logo que voltei de Santa Inês, telefonei para Dona Luiza que, para minha sorte, ficou curiosa com a minha pesquisa e se colocou prontamente disposta a conversarmos, gravar uma entrevista e registrar imagens fotográficas, fatos que se confirmaram e que se constituíram em material importantíssimo para minha pesquisa. Dona Luiza mostrou-se, desde o nosso primeiro contato, uma pessoa afável, acessível, simpática e muito disposta a contribuir com meu trabalho, deixando inclusive à minha disposição o empréstimo de coleção composta por 35 almanaques, caso eu necessitasse.

Meu encontro com Dona Luiza rendeu mais do que matéria farta para minha pesquisa. De vez quando, mesmo depois de nossa entrevista, nos falamos por telefone e conversamos sobre diversos temas. Além de seu depoimento contributivo para este trabalho, Dona Luiza se tornou uma presença marcante em minha vida e uma amiga afetuosa.

Figura 22 - Luiza Carvalho Soares com sua coleção.



Foto: Josenilto R. Barbosa, 2022.

Figura 23 – Detalhe da coleção de almanaques.



Foto: Josenilto R. Barbosa, 2022.

De acordo com Dona Luiza, os cuidados que ela dispensa à sua pequena coleção de almanaques, não obedecem nenhum princípio técnico de guarda e de conservação. Segundo ela, os cuidados com seus livretos são básicos e se limitam apenas a uma limpeza com flanela levemente umedecida com vinagre de maçã e depois são colocados durante alguns minutos em cima de papêes sob a janela da sala de sua casa, por entram a luz do sol e depois são guardados

em sacos plásticos individualizados numa pequena estante de sua sala de estar. Tais cuidados, de acordo com ela, são esporádicos e não obedecem a alguma rotina.

Quadro 1 – Coleção de almanaques de Luiza Soares

NOME	ANO DE PUBLICAÇÃO	EDITORA	NÚMERO DE PÁGINAS	LOCAL DE PUBLICAÇÃO
Almanaque Capivarol	1958	Laboratório Capivarol Ltda.	28	Rio de Janeiro/RJ
Almanaque Brasil	1960	Elo Publicidade e Editora Ltda.	32	Rio de Janeiro/RJ
Almanaque Brasil	1961	Elo Publicidade e Editora Ltda.	32	Rio de Janeiro/RJ
Almanaque Brasil	1962	Elo Publicidade e Editora Ltda.	32	Rio de Janeiro/RJ
Almanaque Brasil	1963	Elo Publicidade e Editora Ltda.	32	Rio de Janeiro/RJ
Almanaque Brasil	1963 (2º exemplar)	Elo Publicidade e Editora Ltda.	32	Rio de Janeiro/RJ
Almanaque Brasil	1963 (3º exemplar)	Elo Publicidade e Editora Ltda.	32	Rio de Janeiro/RJ
Almanaque Brasil	1963 (4º exemplar)	Elo Publicidade e Editora Ltda.	32	Rio de Janeiro/RJ
Almanaque Brasil	1963 (5º exemplar)	Elo Publicidade e Editora Ltda.	32	Rio de Janeiro/RJ
Almanaque Brasil	1963 (6º exemplar)	Elo Publicidade e Editora Ltda.	32	Rio de Janeiro/RJ
Almanaque Brasil	1964	Laboratório Bordesina	32	Rio de Janeiro/RJ
Almanaque Renascim	1968	Laboratório Catarinense	32	Joinvile/SC
Almanaque Renascim	1968 (2º exemplar)	Laboratório Catarinense	32	Joinvile/SC
Almanaque Brasil	1969	Elo Publicidade e Editora Ltda.	32	Rio de Janeiro/RJ
Almanaque Renascim	1969	Laboratório Catarinense	32	Joinvile/SC
Almanaque Renascim	1969 (2º exemplar)	Laboratório Catarinense	32	Joinvile/SC
Almanaque Renascim	1970	Laboratório Catarinense	32	Joinvile/SC

Almanaque Renascim	1971	Laboratório Catarinense	32	Joinvile/SC
Almanaque Renascim	1972	Laboratório Catarinense	32	Joinvile/SC
Almanaque Renascim	1973	Laboratório Catarinense	32	Joinvile/SC
Almanaque Renascim	1973 (2º exemplar)	Laboratório Catarinense	32	Joinvile/SC
Almanaque Renascim	1973 (3º exemplar)	Laboratório Catarinense	32	Joinvile/SC
Almanaque Renascim	1974	Laboratório Catarinense	32	Joinvile/SC
Almanaque Renascim	1975	Laboratório Catarinense	32	Joinvile/SC
Almanaque Renascim	1975 (2º exemplar)	Laboratório Catarinense	32	Joinvile/SC
Almanaque Renascim	1975 (3º exemplar)	Laboratório Catarinense	32	Joinvile/SC
Almanaque Renascim	1975 (4º exemplar)	Laboratório Catarinense	32	Joinvile/SC
Almanaque do Pensamento	1976	Editora Pensamento Ltda.	191	São Paulo/SP
Almanaque Renascim	1977	Laboratório Catarinense	32	Joinvile/SC
Almanaque Renascim	1978	Minerva – Comércio Farmacêutico Ltda.	32	São José dos Pinhais/PR
Almanaque Correio do Povo	1980	Cia Jornalística Caldas Júnior	319	Porto Alegre/RS
Almanaque Renascim/Sadol	1981	Laboratório Catarinense	32	Joinvile/SC
Sadol/Almanaque Renascim	1983	Laboratório Catarinense	32	Joinvile/SC
Almanaque do Amor	1988	Editora Busca Vida	188	São Paulo/SP
Almanaque do Pensamento	1989	Editora Pensamento Ltda.	160	São Paulo/SP

Fonte: Elaborado pelo autor.

Se são tão raras coleções ou mesmo um agrupamento desordenado de almanaques nos dias atuais, nas gavetas e nos armários alegóricos de nossas memórias eles ainda resistem incólumes às investidas do tempo e do esquecimento a que aparentemente foram condenados.

O evento do colecionismo de um determinado objeto, poderia nos dizer muito, como aponta a observação de Dohmann (2015), sobre este aspecto:

Os significados atribuídos aos objetos de coleção apresentam-se como um híbrido, por um lado formados por elementos psicológicos e individuais, e por outro, de elementos históricos e culturais, superpostos em múltiplas camadas, pois além dos seus significados individuais há outros provenientes do diálogo entre as peças da coleção, da forma e local onde serão expostos, além do significado da coleção na sua totalidade. Cada coleção se insere em um contexto específico, como resultado de uma tradição social que determina o seu valor e importância, tornando-a uma expressão de poder e inserção social (DOHMANN, 2015, p. 6).

Corroborando com essa reflexão de Dohmann (2015), quando atribui significados aos objetos de coleção, outro trecho do depoimento de Dona Luiza também evidencia a coleção de almanaques herdada como “refrigério da saudade”:

[...] Eles representam na minha vida momentos de muita felicidade quando minha família era completa e nós estávamos todos juntos. Hoje. São a minha companhia e refrigeram a minha saudade de meu marido, de meu filho falecidos e da minha filha que mora tão longe de mim. Os almanaques são uma daquelas ideias maravilhosas que de vez em quando a gente é capaz de criar. Quem dera se no lugar dessa internet viciante e tão sem conteúdo, os jovens de hoje soubessem da importância dos almanaques, seria uma glória. Desde a minha infância, quando conheci os livros almanaques até casar com alguém que colecionava, minha vida ficou eternamente ligada a eles e eu amo isso. Queria que esses poucos exemplares que tenho, que não chegam a 50 unidades, fossem pra alguém que goste tanto deles quanto eu ou pra algum museu, mas parece que esse poucos almanaques que guardo com tanto amor e carinho, vão sumir depois que eu morrer.

Os temores de Dona Luiza em seu depoimento sobre o desaparecimento de sua pequena coleção de almanaques que marcou com sentimentos a sua história de vida, também me sobressaltam frequentemente. Os valores materiais e subjetivos que os almanaques internalizaram às trajetórias de vida de tantas pessoas, incorporaram nuances sociais, culturais e sentimentais na história de muitos leitores e leitoras que foram afetados por esse livretos. Não por acaso Dona Luiza intenciona que sua coleção seja destinada a um museu, espaços destinados à preservação, pesquisa e comunicação de indicadores de memórias coletivas e individuais, ou alguém que continuasse a preservação desse legado, resistindo à possibilidade da perda e mantendo vivo o seu “refrigério da saudade”. De algum modo, a coleção fabricaria a sua imortalidade e de seu esposo, além de acionar memórias daqueles e daquelas que elegeram os almanaques como um patrimônio afetivo (no duplo sentido: de afeto e que afeta).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A museologia que não serve para a vida, não serve para nada;
Guardamos no corpo todas as memórias;
A museologia que praticamos envolve afetos, fraternidade, reciprocidade,
amor, alegria e poesia;
A memória, para todos nós, constitui uma forma deliberada de resistência, de
luta contra a destruição dos modos de vida que não se enquadram em nenhuma
forma de colonialismo, entre as quais se encontram o sistema capitalista, o
patriarcado e outras. A memória é, ao mesmo tempo, a afirmação dos valores
humanos, da dignidade e da coesão social, colocando-se como ação
propositiva de ocupação do presente e invenção de futuros (Declaração de
Córdoba, 2017, p. 1).

As narrativas biográficas e a exposição de depoimentos colhidos dos leitores e leitoras com memórias atravessadas pela presença dos almanaques - além das demais exposições que revestiram o transcurso do trabalho desde o seu princípio - demonstraram como os almanaques se tornaram um patrimônio afetivo para alguns moradores e moradoras de Santa Inês, Bahia. Dialogam com as memórias guardadas nos corpos e com uma Museologia comprometida com a vida e com os afetos, conforme a citação em epígrafe.

Fez parte das aspirações desta dissertação demonstrar a importância do estudo das coleções e do colecionismo, tendo como exemplo as diferentes coleções de almanaques. Esses livretos foram pontes dialógicas que transmitiram, registraram, acompanharam ao longo de muito tempo, manifestações culturais, sociais, históricas e pessoais em minha cidade e em meu lar, o que me permitiu inseri-los como mediadores entre a leitura de mundo e a leitura da palavra (FREIRE, 2011). Do mesmo modo, a metodologia autobiográfica contribuiu para evidenciar os objetivos propostos e compreender como o patrimônio é um conceito polissêmico. Não por acaso, mobilizei o conceito de patrimônio afetivo para compreender distintas trajetórias, unidas pelos encontros com os almanaques.

A análise dos diferentes percursos mediados pelos almanaques, me permitiu compreender suas tipologias, adaptações e ressonâncias. O modo como foram utilizados para o conhecimento, o lazer, o colecionismo e aqui destaquei sua utilização nas práticas de alfabetização e letramento, em muitas escolas rurais de Santa Inês na Bahia e em escolas de muitos outros lugares do Brasil. Eles auxiliaram ludicamente na formação de muitos estudantes (como eu, por exemplo) e ocuparam um lugar de destaque como suporte pedagógico no aprendizado de múltiplos saberes, integrando as trajetórias de muitas pessoas.

Reconhecidos como objetos celebrados no âmbito da afeição, aqui designados como patrimônios afetivos e objetos biográficos (LEITE, 2012), tornaram-se em minha história de vida, matrizes abundantes que estiveram presentes em muitos acontecimentos de meu passado, emergindo em cada lembrança, nos itinerários de minha trajetória.

Este trabalho teve os almanaques como indício, desde as suas supostas origens em reuniões entre comerciantes no deserto, até à sua fase de maior popularidade no século XIX aqui no Brasil e a sua maleabilidade em adaptar-se aos espaços mais variados possíveis em que estiveram inseridos. É uma característica que reafirma a sua integração nos ambientes mais diversos, seja na cidade ou no campo. Demonstrou como é possível, por meio das memórias acionadas por objetos e coleções, recuperar trajetórias de vida e aspectos significativos de um determinado território e período, possibilitando, por exemplo, evidenciar aspectos das trajetórias de Santa Inês e de alguns de seus moradores e moradoras.

Ainda que escassas, coleções particulares de almanaques e suas exposições esporádicas tornaram um mote importante para a compreensão da relevância dos objetos biográficos no âmbito da Museologia. Para os leitores e leitoras deste trabalho que por várias razões não conheceram ou tiveram algum contato com os almanaques, espero que sejam estimulados a conhecer mais sobre suas potencialidades, que foi durante muito tempo a “enciclopédia do pobre”, mobilizando as relações cotidianas de muitas famílias como o centro de rodas de conversas entre amigos ou vizinhos de rua.

Os ensinamentos instrutivos dos almanaques, chegaram a representar para muitas pessoas e para mim, uma companhia que me acompanhou em diferentes fases de vida, entre espaços díspares, mitigando a carência de quem não tinha acesso às bibliotecas, mas desejava ler muitos livros num só e cobiçava ter acesso a mais conhecimentos, privilégio de poucos.

A mobilização da metodologia qualitativa, a partir de revisão de literatura e análise documental, contribuiu para a compreensão dos distintos usos simbólicos dos almanaques, sua difusão no Brasil, em especial em Santa Inês. A autobiografia e a história de vida constituíram perspectivas fundamentais, especialmente quando reconheço minha trajetória profundamente impactada pelas experiências aqui investigadas. Somam-se a essas técnicas a coleta de depoimentos, por meio do método bola de neve, visando compreender o modo como os depoentes resignificaram os almanaques, seu colecionismo e seu impacto nas histórias de vida.

Nas lições que aprendi com os almanaques – esses dispositivos de marcação e de entendimento de tempo – evidencio que somos, em princípio, causas e resultados de memórias que nos alimentam diariamente. Minhas memórias não mais me chegam como antigamente:

elas me reencontram, me alcançam e reverberam com a dor de meu tempo presente e o passado vai sofrendo ressignificações. Por meio dos almanaques foi possível elaborar mapas individuais e coletivos de memórias e identidades (FREITAS; CUNHA, 2018).

Recuperar os almanaques como indicadores de memórias autobiográficas, itens que se tornaram meus patrimônios e que atravessaram de forma tão contundente a minha trajetória, me ensinou a perceber o quanto de frações de minha história puderam ser revolvidas dos escombros de meus esquecimentos. A mudez que me gritava por dentro, ganhou o nome de muitas palavras que aprendi a ler e a escrever, para dar voz aos meus silêncios e me tornar mais sujeito de mim mesmo - ainda que me perca com frequência nos labirintos de minha subjetividade.

O ambiente familiar e social no qual eu estive inserido em grande parte de minha existência, não foi um *locus* de convivência com os livros e nem fui cercado por eles. Por outro lado, os almanaques são indissociáveis da história de minha alfabetização e de meu letramento, nas suas primeiras incursões. Foram os almanaques a minha porta de entrada para textos e livros mais complexos, que viriam a povoar mais abundantemente as minhas estantes e o meu repertório. Busquei enxergar a mim e a minha realidade, a partir da mediação transformadora promovida pelos almanaques. Foram esses livros que me evidenciaram a importância do ato de ler: o mundo, as palavras e os afetos.

Dentre os gêneros de almanaques que circulavam em Santa Inês/Bahia, os de farmácia eram disparados os livretos mais conhecidos e também mais adquiridos por todos nós da cidade (eram distribuídos gratuitamente). E dentre os impressos de farmácia, o *Almanaque Biotônico Fontoura*, com o icônico Jeca Tatu, personagem idealizado pelo escritor Monteiro Lobato e caricatura do homem brasileiro do sertão, era o livreto mais popular. Este almanaque foi tão popular em Santa Inês, que como no resto do país, o nome de seu personagem tornou-se um adjetivo pejorativo para designar alguém que era pobre, raquítico, preguiçoso e analfabeto. Por dezenas de vezes, sofri a tirania dessa alcunha que me era designada sempre que minha condição de analfabeto era descoberta pelas pessoas.

Os almanaques foram evidenciados como fontes de informação e comunicação (DOURADO, 2018), mas também como dispositivos acionadores de memórias biográficas. Neste aspecto, esta dissertação ressaltou a importância do estudo dos objetos e coleções, em especial do modo como os objetos marcam e impactam trajetórias de vidas.

Os almanaques são meus patrimônios afetivos. A perspectiva autobiográfica mobilizada pelo campo da Museologia abre ricas possibilidades para a compreensão da memória, do

patrimônio e das histórias de vida. Se nos últimos anos tem sido recorrente a compreensão de que “a Museologia que não serve para a vida, não serve para a nada”, conforme expresso na Declaração de Córdoba, elaborada na XVIII Conferência Internacional do Minom (2017), uma Museologia comprometida com os patrimônios afetivos e os objetos biográficos tende a sublinhar esses compromissos.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. *Cofissões*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

ALMANACH das Famílias. Salvador: Litho-Typographia de J. G. Tourinho, 1878. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br>. Acesso em: 20 maio 2021.

ALMANACH da Bahia, 1845. Salvador: Litho-Typographia de J. G. Tourinho, 1878. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br>. Acesso em: 20 maio 2021.

ALVES, Castro. *Autores clássicos para 1º e 2º graus e vestibular*. Porto Alegre: Edelbra - Indústria Gráfica e Editora Ltda., 2003.

ANDRADE, Thanity Silva de. *Processo curatorial de memórias negras: análise do catálogo da exposição temporária “Presença negra em Bogotá: 1940-1960”*. Dissertação (Mestrado em Museologia), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

ASSIS, Machado de. Como se inventaram os almanaques. In: MEYER, Marlyse (Org.) *Do Almanak aos Almanques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p. 25-28.

BAIÃO, Joana. Memórias de exposições: o projeto RaisExpo. *Midas*, n. 6, 2016.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. Tradução: Antonio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARBOSA, Josenilto Rodrigues. *Almanaque: um patrimônio de memórias (auto) biográficas*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia), Universidade Federal da Bahia, 2019.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única: obras escolhidas*. v. II. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BEZERRA, Daniela. Borges. *Patrimônio afetivo e fotografia: relicários da memória de idosos no Asylo de Mendigos de Pelotas*. Dissertação (Mestrado em Memória e Patrimônio) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

BROTEL, Jean-François. Catálogo do Almanak aos Almanques. In: MEYER, Marlyse (Org.). *Do Almanak aos Almanques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

BUENO, Eduardo. *Vendendo Saúde – A história da propaganda de medicamentos no Brasil*. Brasília: Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 2008.

BURKE, Peter. *Uma História Social do Conhecimento I - de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. *Os primeiros almanaques de São Paulo*. São Paulo: Convênio IMESP/DAESP, 1983.

CASANOVA, Vera Lúcia C. *Leituras de almanaques de farmácia: Biotônico Fontoura e A Saúde da Mulher*. Tese (Doutorado em Literatura), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990.

CASANOVA, Vera Lúcia C. *Lições de Almanaque: um estudo semiótico*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

CHARTIER, Roger. Introdução: o livro dos livros. In: PARK, Margareth Brandini (Org.). *História e leituras de Almanaque no Brasil*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil: São Paulo: FAPESP, 1999.

CHAVES, Ricardo. Você conhece a origem dos almanaques? *GZH Almanaque*, 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br>. Acesso em: 29 maio 2021.

CORRÊIA J. D. P.; GUERREIRO, M. V. *Almanaque ou a sabedoria e as tarefas do tempo*. Lisboa: Instituto Camões, 1986.

CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da. A exposição museológica como estratégia comunicacional: o tratamento museológico da herança patrimonial. *Revista Magistro*, UNIGRANRIO, v. 1, n. 1, 2010.

CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da; FREITAS, Joseania Miranda Freitas. Mapas individuais e coletivos de memórias e identidades. In: FILIPE, Graça; VALE, José; CASTAÑO, Inês (Org.). *Patrimonialização e sustentabilidade do património: reflexão e prospectiva*. Lisboa: IHC-NOVA FCSH, 2018.

DECLARAÇÃO de Córdoba. XVIII Conferência do Movimento Internacional para uma Nova Museologia. Córdoba/Argentina, 2017. Disponível em: http://www.minom-icom.net/files/minom_2017_-_declaracion_de_cordoba_-_esp-port-fr-ing_0.pdf. Acesso em: 12 out. 2022.

DOHMMAN, Marcus. *Coleções de objetos: memória tangível da cultura material*. Disponível em: https://www.academia.edu/14450154/Cole%C3%A7%C3%B5es_de_objetos_mem%C3%B3ria_tang%C3%ADvel_da_cultura_material. Acesso em: 21 jan. 2022.

DOMINGOS NETO, Manuel. A trajetória do Almanaque da Parnaíba. In: *Almanaque da Parnaíba*. Teresina: Companhia e Editora do Piauí, 1985.

DOURADO, Stella Moreira. *O almanaque enquanto documento de informação e comunicação popular escrita: a Coleção da Família Carneiro Rezende*. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

FERREIRA, Jerusa Pires. Do Almanak aos Almanques. In: MEYER, Marlyse (Org.). *Do Almanak aos Almanques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

FERREIRA, Vinicius Ribeiro; LIMA, Crisélides Ferreira; SILVEIRA, Thiago Coelho. A produção cultural do Almanach do Ceará: a contribuição de Antônio Sales. *9.º Encontro Nacional de História da Mídia*, UFOP, Ouro Preto 30 de maio a 1º de junho de 2013.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 51 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREITAS, Joseania Miranda; CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da. Um acervo autobiográfico: acapoeira dos Mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 1, n. 3, p. 415-427, set/dez. 2016.

FREITAS, Joseania Miranda. *A história da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato: entrelaçamento de personagens e instituição*. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal da Bahia, 2001.

GALEANO, Eduardo. *Os filhos dos dias*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2020.

GIESBRECHT, Ralph Mennucci. *Santa Inês* (Antiga José Marcelino), 2016. Disponível em: http://www.estacoesferroviarias.com.br/ba_ilheus/staines.htm. Acesso em: 20 jun. 2021.

GOMES, Mário Luiz. Vendendo saúde! revisitando os antigos almanaques de farmácia. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, v.13, n. 4, p. 1007-1018, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LEITE, Carlos Roberto Saraiva da Costa. *Um mergulho no passado*. Observatório da Imprensa, 2016. Disponível em: <https://observatoriodaimprensa.com.br/memoria/ummergulho-no-passado/>. Acesso em: 30 maio 2021.

LEITE, Pedro Pereira. *Objetos biográficos: a poética da intersubjetividade em Museologia*. Lisboa: Marca d'Água: Publicações e Projetos, 2012.

LEITE, Pedro Pereira. *Museologia e objetos sóciobiográficos: o desafio da intersubjetividade na construção de sócionarrativas*. Novembro, 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/Master/Downloads/Museologiaeobjetosbiograficos.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2021.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LOPES, José Rogério. Colecionismos e ciclos de vida: uma análise sobre percepção, duração e transitoriedade dos ciclos vitais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 377-404, jul./dez. 2010.

LOPES, José Rogério. Colecionismo, objetos e arte: entre o visível e o invisível. *Z Cultural – Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea*. PACC/Letras/UFRJ, da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

MACHADO, Marcelo Oliano; ROSSI, Ednéia Regina; RODRIGUES; Elaine. Práticas de leituras escolares nos anos 20: os usos do Almanaque Biotônico Fontoura. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n. 52, p. 155-164, set. 2013.

MAGALHÃES, Maria das Graças Sandi; ROCHA, Heloisa Helena Pimenta. “Leituras úteis” sobre a infância. Almanques de farmácia e guias maternos brasileiros – 1920 a 1950. Campinas, SP: UNICAMP, 2004.

MARSHALL, Francisco. Epistemologias históricas do colecionismo. *Episteme*, Porto Alegre, n. 20, 2005, p. 13-23, 2005.

MARTELETO, Regina Maria; DOURADO, Stella Moreira. Os almanques e a circulação social dos objetos culturais: bibliografias, coleções, rastros de leitura. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 25, p. 354-372, Edição Especial V Seminário Internacional A Arte da Bibliografia, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.19132/1808-5245250.354-372>. Acesso em: 12 nov 2021.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e Cultura Material: documentos pessoais no espaço público. *Anais do Seminário Internacional sobre arquivos pessoais*. Rio/São Paulo, CPDOC/FGV-IEB/USP, 1997.

MENNA, Maria Helena Barreto Abrahão. Memórias, narrativas e pesquisa autobiográfica. *Revista História da Educação*, Pelotas, n. 14, p. 79-95, set. 2003.

MEYER, Marlyse (Org.). *Do Almanak aos Almanques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MORAIS, Jacqueline de Fátima dos Santos; ARAÚJO, Mairce da Silva. Alfabetização: desafios da prática alfabetizadora. *Revista Eletrônica Acoalfapl - Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa*, v.03, 2007.

NADAF, Yasmin Jamil. Com a palavra o colecionador. *In: Tempo de Almanaque*. Rio de Janeiro: SESC, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Genealogia da Moral*. Coleção o Essencial de Nietzsche. Editora Escala, 2013.

OLIVEIRA, Maria Coleta. Do Almanak aos Almanques. *In: MEYER, Marlyse (Org.). Do Almanak aos Almanques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

OLIVEIRA, Milena B.; RIBEIRO, Diego Lemos. Patrimônios Afetivos: um novo recurso para o turismo em Morro Redondo-RS, Brasil. *Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade*, 11(4), p. 847-860, out-dez, 2019.

PARK, Margareth Brandini. Histórias e leituras de almanques no Brasil. *In: MEYER, Marlyse (Org.). Do Almanak aos Almanques*. São Paulo:, Ateliê Editorial, 2001, p.133-139.

PARK, Margareth Brandini. *História e leituras de Almanques no Brasil*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil: São Paulo: FAPESP, 1999.

PEDRÃO, Gabriela Bazan. *A construção do catálogo Panizzi: uma análise documental*. Tese (Doutorado em Ciência da Informação), Universidade Estadual Paulista, Marília, 2019.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: *Enciclopédia Einaudi*. v. 1. Portugal: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1984.

QUEIRÓS, Eça de. Do Almanak aos Almanques. In: MEYER, Marlyse (Org.). *Do Almanak aos Almanques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

RADICH, Maria Carlos. *Almanaque – tempos e saberes*. Coimbra: Centelha, 1983.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. v. I. Campinas: Papyrus, 1994.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2007.

SANTOS, Beatriz Oliveira; GERMANO, Idilva Maria Pires. A regulação do corpo feminino no almanaque de farmácia d'A Saúde da Mulher. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 28(1): e57854 DOI: 10.1590/1806-9584-2020v28n157854, Florianópolis, 2019.

SANTOS, Emanuel José dos. O catálogo de exposição como gênero textual. *MEMENTO - Revista de Linguagem, Cultura e Discurso*, v. 8, n. 1, 2017.

SANTOS, Nilton de Santana dos. *Estudo diagnóstico socioambiental da Cidade de Santa Inês - Bahia*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente), Universidade de Santa Cruz, Ilhéus, 2008.

SANTOS. Plácida L. V. Amorim da Costa. *Catálogo, formas de representação e construções mentais*. Programa de Pós-Graduação e Ciência da Informação da FFC/UNESP, São Paulo, 2018.

SILVA, Ana Elizabete Emídio Santos; GUIMARÃES, Antonia das Graças de Jesus; CONCEIÇÃO, Liziane Batista da; FARIAS, Tanielly Dayana Pereira. *Leitura na educação infantil: práticas necessárias à formação de bons leitores*. Disponível em: <https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc14.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2022.

SILVA, Josenias dos Santos. Almanack da Parnahyba: no tempo dos bons ventos fluviais. *VI Simpósio Nacional de História Cultural - Escritas da História: ver – sentir – narrar*, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, A. D.; HETKOWSKI, T. M. (Orgs). *Memória e formação de professores* [online]. Salvador: EDUFBA, 2007. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 10 nov 2021.

TEMPO de Almanaque. Rio de Janeiro: SESC, 2011.

TENÓRIO, Jeferson. *O avesso da pele*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

TRIZOTTI, Patrícia Trindade. Almanagues: história, contribuições e esquecimento. *Dialogus*, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, p. 307-314, 2008.

VILELA, Daniel. *Memória das coisas*. Revista Vida Simples. Disponível em: <https://vidasimples.co/conviver/memoria-das-coisas/>. Acesso em: 6 fev. 2022.

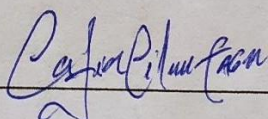
VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, Campinas, 22, (44): p. 203-220, ago./dez. 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/92432/0>. Acesso em: 11 nov. 2021.

APÊNDICES
(Termos de cessão dos depoimentos)

TERMO DE CESSÃO

Eu, Cátia Cilene Farago, portador da identidade (RG) nº 3322.257, órgão expedidor SSP/BA declaro para os devidos fins que cedo ao pesquisador Josenilto Rodrigues Barbosa os direitos de uso, divulgação e direitos autorais que correspondem a mim, do conteúdo das gravações e filmagens para a elaboração de dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia. Declaro também que o conteúdo das gravações e fotografias poderá ser consultado sem restrições por pessoas qualificadas e devidamente acreditadas, a partir desta data, podendo o mesmo ser publicado, porém, sem alterar em nada a sua essência.

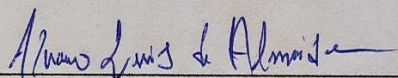
Santa Inês, 06 de maio de 2021.



TERMO DE CESSÃO

Eu, Álvaro Luiz de Almeida, portador da identidade (RG) nº 129368555, órgão expedidor SSP/BA declaro para os devidos fins que cedo ao pesquisador Josenilto Rodrigues Barbosa os direitos de uso, divulgação e direitos autorais que correspondem a mim, do conteúdo das gravações e filmagens para a elaboração de dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia. Declaro também que o conteúdo das gravações e fotografias poderá ser consultado sem restrições por pessoas qualificadas e devidamente acreditadas, a partir desta data, podendo o mesmo ser publicado, porém, sem alterar em nada a sua essência.

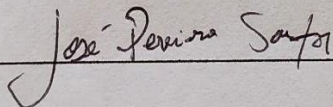
Santa Inês, 17 de maio de 2021.



TERMO DE CESSÃO

Eu, José Pereira Santos, portador da identidade (RG) nº 02.569.028-01, órgão expedidor SSP/BA declaro para os devidos fins que cedo ao pesquisador Josenilto Rodrigues Barbosa os direitos de uso, divulgação e direitos autorais que correspondem a mim, do conteúdo das gravações e filmagens para a elaboração de dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia. Declaro também que o conteúdo das gravações e fotografias poderá ser consultado sem restrições por pessoas qualificadas e devidamente acreditadas, a partir desta data, podendo o mesmo ser publicado, porém, sem alterar em nada a sua essência.

Santa Inês, 18 de maio de 2021.



TERMO DE CESSÃO

Eu, Valdília Maria Brito dos Reis, portador da identidade (RG) nº 277283663, órgão expedidor SSP/BA declaro para os devidos fins que cedo ao pesquisador Josenilto Rodrigues Barbosa os direitos de uso, divulgação e direitos autorais que correspondem a mim, do conteúdo das gravações e filmagens para a elaboração de dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia. Declaro também que o conteúdo das gravações e fotografias poderá ser consultado sem restrições por pessoas qualificadas e devidamente acreditadas, a partir desta data, podendo o mesmo ser publicado, porém, sem alterar em nada a sua essência.

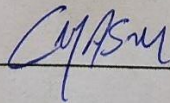
Santa Inês, 15 de maio de 2021.

Valdília Maria Brito dos Reis

TERMO DE CESSÃO

Eu, Carlos Magno Augusto Sampaio, portador da identidade (RG) nº 7339200, órgão expedidor SSP/PA declaro para os devidos fins que cedo ao pesquisador Josenilto Rodrigues Barbosa os direitos de uso, divulgação e direitos autorais que correspondem a mim, do conteúdo das gravações e filmagens para a elaboração de dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia. Declaro também que o conteúdo das gravações e fotografias poderá ser consultado sem restrições por pessoas qualificadas e devidamente acreditadas, a partir desta data, podendo o mesmo ser publicado, porém, sem alterar em nada a sua essência.

Santa Inês, 09 de abril de 2021.



TERMO DE CESSÃO

Eu, JOÃO BATISTA DE JESUS, RG nº 03811021-12, órgão expedidor, SSP/BA declaro para o devidos fins que cedo ao pesquisador Josenildo Rodrigues Barbosa os direitos de uso, divulgação e direitos autorais que correspondem a mim, do conteúdo das gravações e filmagens para a elaboração de dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia. Declaro também que o conteúdo das gravações e fotografias poderá ser consultado sem restrições por pessoas qualificadas e devidamente acreditadas, a partir desta data, podendo o mesmo ser publicado, porém, sem alterar em nada a sua essência.

Salvador, 19 de ABRIL 2022.

João Batista de Jesus

TERMO DE CESSÃO

Eu, Rita de Cássia Ramos Fonseca, portador da identidade (RG) nº 16958670-4, órgão expedidor SSP/BA declaro para os devidos fins que cedo ao pesquisador Josenilto Rodrigues Barbosa os direitos de uso, divulgação e direitos autorais que correspondem a mim, do conteúdo das gravações e filmagens para a elaboração de dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia. Declaro também que o conteúdo das gravações e fotografias poderá ser consultado sem restrições por pessoas qualificadas e devidamente acreditadas, a partir desta data, podendo o mesmo ser publicado, porém, sem alterar em nada a sua essência.

Santa Inês, 19 de abril de 2021.

Rita de Cássia R. Fonseca

TERMO DE CESSÃO

Eu, MARIA LUIZA CARVALHO SOARES, RG n° 02443402-45 órgão expedidor, SSP/BA declaro para o devidos fins que cedo ao pesquisador Josenilto Rodrigues Barbosa os direitos de uso, divulgação e direitos autorais que correspondem a mim, do conteúdo das gravações e filmagens para a elaboração de dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia. Declaro também que o conteúdo das gravações e fotografias poderá ser consultado sem restrições por pessoas qualificadas e devidamente acreditadas, a partir desta data, podendo o mesmo ser publicado, porém, sem alterar em nada a sua essência.

Salvador, 14 de MAIO 2022.

Maria Luiza Carvalho Soares